

MUD Juvenil 50 anos depois

A luta pela
legalidade
na vitória da
Revolução

■ Pedro Ramos de Almeida

Pág. 17

Privatizações e serviços públicos

A situação dos resíduos hospitalares contaminados, agora revelada, é um alerta sobre outras situações semelhantes, na área da saúde ou em outros sectores, e constitui um importante elemento de esclarecimento sobre a política de direita dos últimos anos quanto às privatizações, sem que para nós esteja em causa o papel do sector privado no quadro de uma economia mista.



■ Francisco Lopes

Pág. 14

Irlanda

Hoje, o Ulster é uma colónia onde o controlo dos meios de produção e de todo o aparelho económico-financeiro permanece nas mãos dos protestantes.

■ Manoel de Lencastro

Pág. 16

PCP

Urge prevenir a toxicoddependência

Apesar dos vários anúncios feitos, o Governo PS não está a combater a droga como «inimigo público número 1», embora se calcule em mais de 100 mil o total de toxicodpendentes em Portugal.

Pág. 67

«A festa!»

Suplemento Especial

Devido a problemas técnicos, totalmente alheios à redacção, o Suplemento Especial da Festa só será distribuído na próxima edição do «Avante!»

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 25 de Julho de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1182 • Director: Carlos Brito

Nota da Comissão Política

CUMPLICIDADE

PS/PSD

recusa referendo ao Tratado de Maastricht



O processo de revisão constitucional actualmente em curso revelou, uma vez mais, a convergência do PS e do PSD no sentido de inviabilizar o referendo acerca da aplicação do Tratado de Maastricht. Trata-se, agora, de impedir a possibilidade de o povo português se pronunciar designadamente acerca da terceira fase da União Económica e Monetária, incluindo sobre a moeda única e os sacrifícios que implica o cumprimento dos critérios de convergência.

Pág. 5

Saúde não é para todos



O direito à saúde em Portugal é ainda um bem escasso. Os mais pobres tornam-se mais doentes e os doentes pobres tornam-se cada vez mais pobres....

Centrais



Carlos Carvalhas visita as Festas de Loures

RESUMO

17
Quarta-feira

É criada oficialmente a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, em Lisboa ■ Os trabalhadores do Hotel Sheraton, no Porto, manifestam-se contra a pretensão da administração de transferir os técnicos para outra empresa ■ A NATO lança uma advertência aos sérvios bósnios contra quaisquer hostilizações da força multinacional de paz na Bósnia ■ O ministro da Defesa francês anuncia que, na primeira fase da reforma das Forças Armadas, a França irá dissolver 38 regimentos ■ Realiza-se uma greve geral em Israel que paralisa o país ■ Inicia-se, em Genebra, a Conferência Ministerial sobre Alterações Climáticas.

18
Quinta-feira

Na Assembleia da República, Marçal Grilo diz que os alunos do Ensino Secundário podem melhorar as suas notas em Setembro ■ O Parlamento Europeu pede sanções económicas contra a Birmânia ■ A Tchetchénia independentista entra em luto em homenagem às «centenas de civis» mortos desde o reinício das ofensivas russas no sul daquela república do Cáucaso ■ O presidente egípcio diz-se «optimista», «aliviado» e com «grande esperança», depois das declarações de Benjamin Netanyahu, na sua visita oficial ao Egipto ■ Um avião da TWA explode no Atlântico, matando 230 pessoas.

19
Sexta-feira

Portugal, Espanha e Grécia estão contra os cortes nos pagamentos da UE ■ É divulgado que mais de 300 civis hutus foram mortos no Burundi, entre 15 e 25 de Junho, em três operações desencadeadas pelo Exército nacional, constituído essencialmente por tutsis ■ Após prolongadas negociações em Belgrado, o líder político dos sérvios da Bósnia, Radovan Karadzic, é afastado do poder ■ No Chipre, as comunidades grega e turca aceitam dialogar sobre o território ■ Iniciam-se os Jogos Olímpicos de Atlanta, cem anos passados sobre a sua primeira edição na Grécia.

20
Sábado

Carlos Carvalhas participa numa jornada de convívio em Sines com pescadores, autarcas e dirigentes locais do PCP ■ A ETA reivindica

a autoria de dois atentados que fizeram vários feridos na província de Tarragona, na Espanha ■ Realizam-se as eleições presidenciais em São Tomé e Príncipe ■ Aumentam os indícios de sabotagem no avião da TWA ■ Inicia-se a reunião anual da Associação das Nações do Sueste Asiático, sob fortes protestos das organizações de defesa dos direitos humanos.

21
Domingo

Os reclusos da cadeia de Ponta Delgada revoltam-se depois do almoço, partindo vidros e mobiliário ■ No Burundi, um novo ataque dos rebeldes hutus contra um campo de refugiados tutsis faz quatro mortos ■ Prisioneiros e corpos de combatentes do Hezbollah são trocados por dois cadáveres de soldados israelitas, através da Cruz Vermelha Internacional ■ Depois da explosão de três bombas na Catalunha da autoria da ETA, as autoridades espanholas reforçam as medidas de segurança na região ■ Com o objectivo de desalojar os últimos bastiões independentistas, a aviação russa bombardeia o sul da Tchetchénia ■ Na Escócia, 49 pessoas ficam feridas devido a um acidente de um autocarro.

22
Segunda-feira

Carlos Carvalhas visita os locais onde decorrem as Festas de Loures ■ O Ministério da Educação decide que os alunos do 12º ano podem fazer melhoria de nota e proporem-se à segunda fase de colocação no Ensino Superior ■ A Fenprof considera que o último ano lectivo foi negativo ■ Todos os dados divulgados em São Tomé apontam como vencedor das eleições presidenciais Miguel Trovoada.

23
Terça-feira

Em conferência de Imprensa, PCP acusa o Governo de não querer a regionalização ■ Jorge Ferreira anuncia a sua intenção de não se recandidatar ao cargo de líder parlamentar do PP ■ A Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste organiza uma vigília em frente da Embaixada do Reino Unido em Lisboa, em protesto contra «a acção cúmplice do Governo inglês» face à Indonésia ■ Após anúncio da prisão do número três da ETA, rebenta em San Sebastian mais uma bomba ■ Inicia-se em Jacarta a reunião União Europeia/ASEAN ■ Pela primeira vez, Yasser Arafat e David Levy, chefe da diplomacia israelita, encontram-se, em Eretz.

EDITORIAL

Comunidades

A constituição da Comunidade de Países de Língua Portuguesa não provocou o alvoroço e nem sequer o interesse dos portugueses que o seu simbolismo fazia admitir.

A concretização da iniciativa aconteceu num momento em que esta já estava um bocado desgastada por anteriores saídas em falso, nunca suficientemente esclarecidas.

O próprio processo de formação da CPLP, que decorre há sete anos, sempre apareceu como um «negócio» dos governos, primeiro do PSD e agora do PS, com a associação, não se sabe muito bem em que termos, do Presidente da República, parecendo mais associado o actual do que o antecessor.

Nunca foram feitos esforços muito persistentes para envolver no processo da CPLP a Assembleia da República, menos ainda os partidos da oposição e muito menos as associações de carácter cultural, científico e cívico do país, para já não falar dos simples cidadãos portugueses como tal, que já é hábito serem esquecidos pelos governos quando não se trata de eleições.

Tudo se passou sempre com o carácter de uma operação diplomática, daquelas que são tratadas com os segredos e a linguagem cifrada das chancelarias.

Acresce que a própria ideia de comunidade suscita hoje, entre nós, muitas reservas e um grande cepticismo.

A culpa é daqueles propagandistas que prometeram que caudais de leite e de mel inundariam o país após a integração deste na Comunidade Europeia, quando a realidade que lhe sucedeu, vivida duramente pelo nosso povo, são os números recorde do desemprego, o afundamento da agricultura, o definhamento das pescas e a regressão industrial.

A muitos portugueses poderão escapar as graves limitações da soberania nacional decorrentes do tratado de Maastricht, mas percebem muito bem a afrontosa discriminação com que somos tratados, a partir de Bruxelas, nas questões do azeite ou da sardinha.

Daí que em matéria de comunidades, mesmo que de diversa natureza e até de contraditório sentido daquela que se chama União Europeia, pareça, à maior parte, que toda a prudência é pouca.

Os comunistas portugueses acompanharam, no entanto, com toda a atenção o acto de constituição da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

Tomaram boa nota dos propósitos anunciados pelos mais altos responsáveis dos sete países participantes.

Formulam os melhores votos para que a CPLP agora instituída contribua, à margem de toda a retórica, para um efectivo reforço dos laços de amizade e cooperação entre Portugal, os PALOPS e o Brasil.

Firme defensor da diversidade das relações externas do nosso país, o PCP sempre preconizou um lugar privilegiado para as relações com Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe e para as relações com o Brasil. Quem não gostaria que a CPLP respondesse a esse lugar de privilégio?

Idênticos votos são igualmente de formular em relação ao papel que a Comunidade agora constituída pode e deve desenvolver no domínio da solidariedade internacional para com a luta do povo de Timor-Leste pelo direito à autodeterminação e independência.

Os comunistas portugueses também não são nada indiferentes à questão do uso e difusão internacional da língua portuguesa. Foi o PCP, através dos seus deputados, quem mais lutou pela consagração constitucional das obrigações do Esta-

do português neste domínio. Uma cooperação internacional, no mesmo sentido, entre os países que a falam e a adoptaram como sua própria língua não pode, só por si, deixar de merecer todo o interesse.

A CPLP nasce, no entanto, rodeada das maiores dificuldades. Nem vale pena falar dos pensamentos reservados de toda a ordem, incluindo de natureza neocolonialista, com que em alguns quadrantes foi considerado e até saudado o seu nascimento.

Basta pensar nos compromissos que o nosso país, antes com os governos do PSD, agora com o Governo PS, tem assumido, no quadro da política europeia, em matéria de vistos e de circulação de pessoas.

Já não bastava o Acordo de Schengen, vem agora o desenvolvimento do chamado «terceiro pilar» da União Europeia com objectivo de facilitar ao máximo a circulação dos cidadãos da União dentro do espaço da União e dificultar ao máximo, com os maiores obstáculos, a entrada de estranhos nesse espaço. Ora, os parceiros de Portugal na CPLP fazem parte dos tais estranhos indesejáveis à luz do «terceiro pilar».

Como vão os governantes portugueses compatibilizar os generosos «valores da paz, da justiça, dos direitos humanos» que acabam de subscrever na constituição da CPLP, com os compromissos xenófobos que estão a assumir no quadro da União Europeia, virados contra os cidadãos dos seus parceiros da CPLP?

A ausência, muito lamentada, do comissário europeu Deus Pinheiro no acto inaugural da CPLP, sublinha, sem dúvida, a pouca importância que Bruxelas quis conferir ao acontecimento, mas não significará também uma tomada de posição em relação ao carácter contraditório das duas comunidades, pelo menos a este nível da circulação de pessoas?

Estas dificuldades de compatibilizar a CPLP com os compromissos assumidos por Portugal no quadro do Tratado da União Europeia, chama a atenção, com muita força, para as mutilações da soberania nacional que esse Tratado representa para o nosso país.

Apesar disso, PS e PSD voltam a juntar-se na Comissão de Revisão da Constituição da Assembleia da República para dizerem não ao referendo sobre a aplicação do Tratado de Maastricht, impedindo, inclusive, que o povo português se pronuncie sobre a moeda única.

Esta atitude dos dois partidos da faixa central do arco parlamentar constitui mais um atestado de menoridade passado ao nosso povo, que segundo eles não está em condições de apreciar todos os benefícios que lhe são trazidos pela União Económica e Monetária. O ditador Salazar também dizia que os portugueses não estavam preparados para a democracia e por isso era contra as eleições livres.

Os estragos que as presentes exigências da União Económica e Monetária e em especial a corrida para a moeda única estão a provocar na vida económica do país e nas condições de vida do nosso povo são apenas o princípio de uma situação de subordinação que se vai prolongar crescentemente no futuro.

Tem algum partido, ou alguns partidos, legitimidade para impor ao nosso povo uma tal situação de sujeição, sem que este se pronuncie e diga a sua vontade?

Esta é a grande questão que tem que entrar na ordem do dia da política nacional e no centro das preocupações dos portugueses, enquanto a revisão da Constituição não chega ao plenário da Assembleia da República.

Firme defensor da diversidade das relações externas do nosso país, o PCP sempre preconizou um lugar privilegiado para as relações com Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe e para as relações com o Brasil. Quem não gostaria que a CPLP respondesse a esse lugar de privilégio?

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Saco Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Saco Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90.
7º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Limbó — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lz. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Imprensa
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL

(Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00;
25 números: 3 487\$50

EUROPA

50 números: 24 750\$00

ESPANHA

50 números: 13 300\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

A outra paixão

O grande fiasco dos exames nacionais do secundário continua a dar que falar. A paixão mal sucedida de Guterres pela educação não deixará tão cedo de ser glosada. O «Avante!» até lhe chamava o «amor de perdição», na manchete da edição anterior.

Mas antes da paixão pela educação, Guterres teve outra paixão - a regionalização.

Também esta parece tocada pela adversidade exactamente quando Guterres é o principal responsável do Governo. E às suas mãos...

Dir-se-ia que as paixões de Guterres são fatais para as causas que as desencadeiam.

Retenho na memória a paixão com que falava (e como falava bem!) das regiões, das regiões interiores «tema que me é muito caro», como dizia 1989, num colóquio na Assembleia da República.

Foi nesse colóquio que o ouvi afirmar inconformado que «a maioria das pessoas que são contra a regionalização basta ficarem caladas».

Será por força desta teoria que calou a regionalização no seu discurso do estado da Nação?

Ao iniciar-se o ano de 1996, tudo parecia indicar que seria ele o ano da graça da regionalização.

O PS e o PCP, que se tinham batido por ela na campanha eleitoral, dispõem agora de uma maioria folgada na Assembleia da República para fazer aprovar a lei da criação das regiões administrativas.

O Programa do Governo inscreveu a regionalização entre as importantes reformas da legislatura.

O PCP introduziu alterações no seu projecto de delimitação das regiões que facilitaram o entendimento com o PS.

Acordou-se um calendário.

O Primeiro-Ministro proclamou que queria que as primeiras eleições para os órgãos regionais se fizessem simultaneamente com as eleições autárquicas de 1997.

Entretanto, o PSD, que se batera contra a regionalização na campanha eleitoral, derrotado embora, tanto nas legislativas como nas presidenciais, retomou a sua campanha anti-regionalizadora.

O PS começou por ceder no referendo regional, depois na precedência da revisão da Constituição em relação à aprovação da regionalização e a seguir no referendo nacional.

A Comissão parlamentar de revisão da Constituição concluiu agora os seus trabalhos na parte relativa às regiões administrativas. Se o texto da Comissão obtiver maioria de dois terços no plenário da Assembleia, o que é ainda duvidoso, o imperativo constitucional da regionalização fica dependente do resultado de um referendo, o que o PS sempre proclamou que nunca aceitaria.

É, além disso, o pior referendo possível, pois não incide na ideia geral da regionalização, mas numa carta de delimitação das regiões. Pior ainda, as abstenções contam como votos contra a regionalização e, como o nosso recenseamento se encontra profundamente desactualizado, a vingar este texto, até os mortos votam contra as regiões.

Assim, se a regionalização não está definitivamente bloqueada, está retardada, dificultada, obstruída.

E tudo isto com a aquiescência, a colaboração e até a iniciativa do apaixonado Primeiro-Ministro...

Já é masoquismo!

■ Carlos Brito

Lembram-se do Espada?

É aquele capitão América que por aqui passou há quinze dias, acenando-nos com a Terra Prometida, trazendo-nos as boas novas de um reino feito de felicidade e bem-estar e bondade e amor, sem ódios, nem racismos, nem violências.

Lembrei-me dele duas vezes nos últimos dias. Primeiro quando, arrumando uns papéis, dei com um recorte de um jornal francês onde podia ler-se: «Direitos Humanos. Um milhão e meio de presos nos Estados Unidos da América». É lá possível, pensei, então o Espada veio de lá agora, com notícias fresquinhas, garantindo-me que aquilo são só rosas e coisas assim e vêm estes franciús dizer que o número de crimes e o número de detidos aumentam em flecha e que a violência dentro e fora das prisões ultrapassou o imaginável?; então o Espada diz-me que a educação é modelar e vêm os mesmos franciús dizer-me que no Texas enquanto o orçamento prisional aumentou mil milhões de dólares, no ano passado, o orçamento para a educação diminuiu 750 milhões?; então o Espada garantiu-me que não há racismo e vêm os ditos franciús dizer-me que os negros - que são 10% da população dos EUA - constituem 54% dos presos?; e que no interior das prisões, especialmente nas de alta segurança, «as visitas aos presos negros e mexicanos efectuam-se em salas com vidros de separação e duram apenas 15 minutos, enquanto as visitas aos presos brancos não têm estas restrições?; e que «os negros e os mexicanos só podem deslocar-se à cantina da prisão em grupos de dez e sob escolta enquanto os brancos o podem fazer sem qualquer restrição?; então o Espada assegura-me que não há violência nos EUA e vêm os supracitados franciús dizer-me que entre os instrumentos utilizados pelos guardas contam-se as matracas e os cintos eléctricos e que as matracas podem produzir descargas de

45 000 volts (e já provocaram a morte de vários presos) e os cintos, depois de devidamente ajustados aos presos permitem aos guardas descarregar-lhes 50 000 volts nos rins?... Por favor, ó Espada, esclareça-me esta situação, ponha ordem nisto, tome medidas, desminta os franciús, faça qualquer coisa, sei lá, chame a guarda e mande-os prender... a eles e a quem lhes fornece tais informações, nomeadamente o Departamento de Justiça dos EUA.

A segunda vez que o Espada me veio à memória nestes dias foi quando, assistindo eu a uma transmissão dos Jogos Olímpicos, fui informado de que Atlanta era «a capital moderna dos direitos humanos». Isto ouvindo, pensei de imediato: tal *slogan* só pode ser obra do Espada, só o Espada possui este «descarado heroísmo de afirmar», este rigor, este engenho e esta arte - indispensáveis para produzir tão soberba síntese. E por mais que me garantam que o *slogan* é filho de não sei quem do Estado da Geórgia não me convencem que não haja ali mãozinha de Espada. De facto, tudo condiz com o seu usual processo de inteligênciação. Se não vejamos: a 65 quilómetros do estádio Olímpico ergue-se, humaníssima, a prisão onde mais de uma centena de condenados à morte aguardam a execução; por outro lado, é firme intenção das autoridades da Geórgia manterem a sua «tradição racial» que consta do seguinte e único capítulo: no estado da Geórgia nenhum branco foi ou será condenado à morte por ter assassinado um negro e, para compensar, nenhum negro que mate um branco escapou ou escapará à execução. Portanto, Espada dixit certamente: «Atlanta capital moderna dos direitos humanos.»

■ José Casanova

A toque de Orion

A notícia veio a público esta semana e deixou toda a gente perplexa. Via postal, 400 mancebos recém-remetidos para a classe de «passados à disponibilidade» foram intimados, ao abrigo da lei tal de tantos do tal, a apresentarem-se nos quartéis para participação em exercícios militares. Aparentemente alietória, a chamada não se deteve com pormenores: casados de fresco, a trabalhar no estrangeiro, a preparar exames, ausentes em férias, pouco importa. A convocatória não ia além de outras explicações que a data de apresentação e o período de requisição ao serviço dos supremos interesses da Nação - 15 dias.

Uns dizem que se trata da primeira mobilização física de disponíveis da história do Exército, outros que não passa de um expediente para garantir o número de fardas q.b. para marchar no dia da referida arma. Em qualquer dos casos, o insólito do caso toca as raias do absurdo, seja qual for a óptica por que se aborde a questão. Com efeito, como entender que 400 cidadãos, passados à disponibilidade no ano passado, sejam agora chamados a quartel para participar num exercício militar dito de rotina? A menos que também já o serviço militar tenha passado à categoria de desgaste rápido...

Dizem as chefias militares que se trata de testar a capacidade de resposta em caso de crise, mas não se percebe como é que o exercício Orion, sendo de rotina, testa seja o que for para além da eficácia dos Correios e o ancestral respeito dos cidadãos (chamemos-lhe assim) perante a tropa, mais a mais balizada por uma lei de que por certo nunca se ouviu falar.

Iniciado no dia 19, o exercício termina dia 25, coincidindo com as tradicionais festividades do Exército. Com os praças, sargentos e oficiais chamados à reciclagem, o ramalhete terá ficado mais composto e mais moderno. A reciclagem está na moda.

Às tantas, o ministro da Defesa, ao que consta apologista do fim do Serviço Militar Obrigatório, descobriu, numa das suas muitas idas e vindas aos fóruns internacionais, que é assim que se preparam as hostes para eventuais contingências, e vai daí meteu mãos à obra dando à luz uma portaria capaz de fazer vir dos confins do mundo todos os disponíveis necessários. Nem que seja para os pôr a marchar a toque de caixa, um - dois - esquerdo - direito, que é consabidamente uma forma saudável de encolher a barriga e esticar o peito. Um exercício que não faria mal a muitos ministros, manifestamente a precisarem de reciclagem.

■ Anabela Fino

CUBA resiste

Amanhã os cubanos comemorarão o 43º aniversário do assalto ao quartel de Moncada. Acção revolucionária fracassada, o 26 de Julho assinala, entretanto, o início dum percurso revolucionário que ainda hoje prossegue. Mas a actual fase da revolução cubana é extraordinariamente complexa e contraditória. Mantendo a opção socialista, Cuba viu-se obrigada a profundas alterações e novas orientações no plano económico, procurando resistir às pretensões de sempre do imperialismo norte-americano de liquidar a revolução.

O bloqueio tem constituído instrumento permanente e implacável desse objectivo. A ele se tem associado, consoante a conjuntura internacional, outras formas de ingerência. Intervenção militar directa, agressões, sabotagens, violações do espaço aéreo, rádio e TV piratas, «balseros», motins, toda a panóplia de intromissões nos assuntos internos de Cuba foi utilizada. Mas, para os EUA, o bloqueio é a forma mais desgastante para atingir o seu fim - derrotar o regime cubano. Por isso, Bush tentou a sua internacionalização - lei Torricelli. Originando um amplo movimento de solidariedade com o povo cubano, condenada por numerosos países, organizações e cimeiras internacionais, não atingiu os seus objectivos, o que levou a actual administração Clinton a aprovar não apenas o endurecimento do bloqueio, mas apoiar a constituição de mecanismos que obrigassem ao seu acatamento por países terceiros - a lei Helms-Burton. Considerada por muitos uma das maiores aberrações legislativas da História, porque violadora dos mais elementares princípios do direito internacional e em contradição com a própria Organização Mundial do Comércio, tem merecido as mais diversas reservas, críticas e condenações.

Se os EUA contavam poder impor aos seus aliados esta nova iniciativa para subjugar Cuba, tal não aconteceu. Canadá e México, que integram o mesmo espaço económico (NAFTA), produziram legislação interna para se afastarem das disposições norte-americanas; OEA condenou explicitamente; G 7 recusa a prepotência americana relativamente a embargos económicos; UE ameaçou com retaliações. Clinton viu-se assim forçado a suspender um dos capítulos da lei Helms-Burton. Significa isto que os EUA ficaram isolados? Sim e Não. Isolados porque, apesar da «globalização», a soberania dos Estados não é letra morta, além de que as grandes potências não aceitam as imposições dos EUA. E não porque é comum o interesse de alterar o regime cubano. Daí as tentativas protagonizadas por Warren Christopher junto da UE no sentido dum «compromisso» que, passando pelo recuo dos EUA relativamente aos aspectos mais gravosos da lei Helms-Burton, permita o prosseguimento duma linha que facilite a «transição para a democracia em Cuba».

O imperialismo, que se arroga o direito de decidir sobre o destino doutros países e povos, invoca para tal a democracia e os direitos humanos! ... Tanta desfaçatez para escamotear o carácter antidemocrático da sua democracia formal e a violação dos direitos humanos que se traduzem em enormes desigualdades, marginalização de muitos sectores, intensificação da exploração.

Entretanto, em Cuba, apesar das enormes dificuldades neste «período especial», a recuperação económica começou a ser possível, defendem-se conquistas essenciais da revolução, assegura-se a continuidade da investigação biotecnológica, mantém-se o elevado nível cultural do povo.

Tal só foi e é possível pela criatividade e prontidão na busca de soluções, pela democracia participativa que caracteriza a revolução cubana, pelo seu carácter popular e o seu patriotismo. E também pela solidariedade internacional.

Tudo isto torna também exaltante a fase actual da revolução cubana que continua a constituir um estímulo para a luta libertadora dos trabalhadores e dos povos em todo o mundo.

■ Manuela Bernardino

Atlanta com pés de barro

Do que mais se tem falado esta semana é, sem dúvida, dos Jogos Olímpicos. Mas o brilho destas competições internacionais, que reúnem os melhores e mais bem classificados atletas do mundo, tem sido ofuscado pelas condições e pelos factos que os têm rodeado. As autoridades americanas, depois de revelarem sérias dificuldades em concluir as obras em Atlanta e em "limparem" a cidade de sinais exteriores de pobreza - nomeadamente expulsando os sem-abrigo para a periferia da urbe, mostraram sérias dificuldades na organização dos Jogos e dos apoios requeridos para a realização destes. Os transportes são caóticos. Apesar de preverem a enorme receita de cerca de 560 milhões de dólares - quase 90

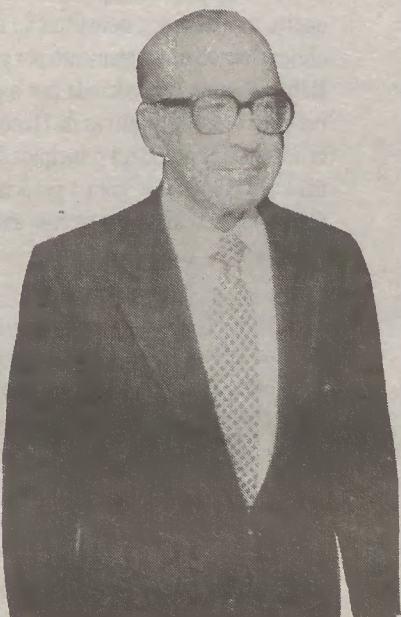


milhões de contos - em direitos de transmissão dos Jogos, as transmissões deixam muito a desejar. Quebras de corrente têm afectado as competições, deixando os recintos às escuras. E os mais de 10 mil atletas que disputam as 1838 medalhas, idos de 197 países, não têm encontrado as melhores instalações, preferindo muitos alojar-se fora da aldeia olímpica. O gigante americano mostra os seus pés de barro.

milhões de contos - em direitos de transmissão dos Jogos, as transmissões deixam muito a desejar. Quebras de corrente têm afectado as competições, deixando os recintos às escuras. E os mais de 10 mil atletas que disputam as 1838 medalhas, idos de 197 países, não têm encontrado as melhores instalações, preferindo muitos alojar-se fora da aldeia olímpica. O gigante americano mostra os seus pés de barro.

Presidente interino

O Presidente da República, Jorge Sampaio, enviou na passada segunda-feira ao Tribunal Constitucional o pedido de reconhecimento do impedimento do exercício do seu mandato em razão da cirurgia cardíaca a que vai submeter-se. O TC aprecia hoje esse pedido, que foi acompanhado de um relatório clínico e o Presidente será internado amanhã



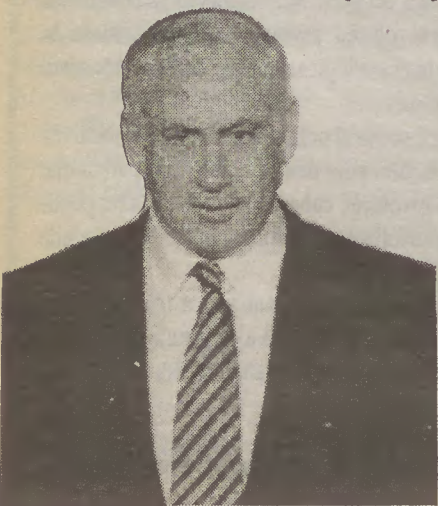
no Hospital de Santa Cruz. Esta situação, que se verifica pela primeira vez após o 25 de Abril, está prevista constitucionalmente, e Jorge Sampaio será substituído interi-

amente no cargo pelo Presidente da Assembleia da República no sábado, data prevista para a operação. Almeida Santos, que terá de suspender o seu mandato de deputado, será por sua vez substituído na presidência do parlamento por Manuel Alegre. O substituto do PR não poderá exercer todas as competências do cargo, sendo-lhe vedado dissolver a Assembleia da República, submeter a referendo "questões de relevante interesse nacional" ou nomear membros do Conselho de Estado.

Acordo com... o Hezbollah

A vitória da direita nas recentes eleições em Israel, que colocaram Benjamin Netanyahu à frente do Estado, tem-se caracterizado pelo endurecimento de posições face aos palestinianos e pelo grave recuo na política de paz que até então havia registado significativos progressos. Ao mesmo tempo, uma nova atitude é tomada pela actual administração israelita em relação aos extremistas islâmicos. Foi agora revelado pela imprensa hebraica que Israel planeava, antes das eleições, atacar o Irão. Hoje, Israel agradece ao Estado dos ayatollahs o seu papel de mediador no acordo de troca de prisioneiros com os extremistas do Hezbollah. Os bons ofícios do Irão "convenceram" aquela organização terrorista a

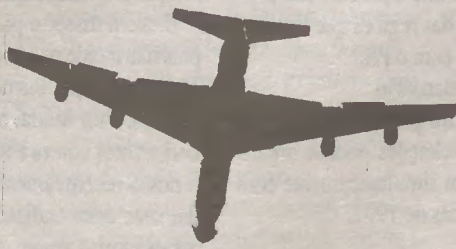
devolver os restos mortais de dois soldados israelitas e a libertar 17 elementos do chamado Exército do Sul do Líbano, milícias "amigas" de Israel. O Estado judaico, por seu lado, devolveu ao Hezbollah os cadáveres de 141 guerrilheiros e libertou 45 prisioneiros xiitas.



SEMANA

A catástrofe e o "inimigo"

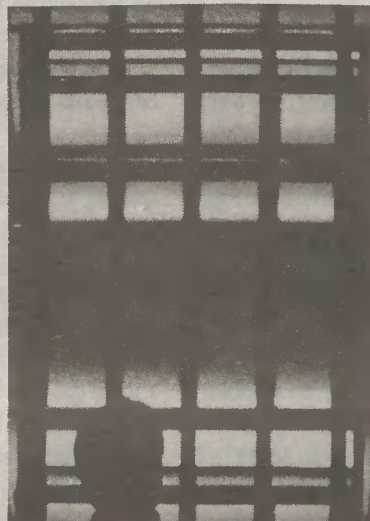
Pouco antes de a chama olímpica se acender para dar início aos Jogos, o desastre aéreo que vitimou 228 pessoas veio ensombrar a cerimónia de abertura e ficou a pairar sobre o conjunto das iniciativas de Atlanta. O caso do avião da TWA que partira com destino a França e que terá explodido caindo ao largo de Nova Iorque tem-se mantido no cerne das atenções em todo o mundo, com os órgãos de comunicação social a cobrirem o desenvolvimento das investigações. Para



esta atenção muito terá contribuído o mistério que ainda se mantém sobre as causas da catástrofe. O facto de se não terem encontrado rapidamente provas materiais que concluam sobre se houve atentado ou se se tratou de acidente - as caixas negras do avião ainda não apareceram e boa parte da fuselagem, assim como numerosos cadáveres não foram encontrados - tem originado numerosas especulações. As autoridades dos Estados Unidos têm-se mostrado prudentes, segundo dizem alguns comentadores; outros, porém, acham que o silêncio das autoridades tem a ver com os interesses ligados aos Jogos Olímpicos. A "cautela", entretanto, a CIA não deixou de pedir ajuda aos serviços secretos israelitas. Embora a tese do atentado não tenha oficialmente elementos para avançar, a Mossad já está em campo. O que em si mesmo indica qual o rumo das investigações e qual o "inimigo" a perseguir.

Má comida dá motim

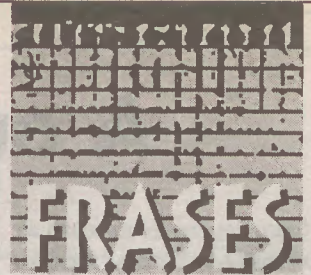
A alimentação - pouca e de má qualidade - além de outras queixas, foi o pretexto para o protesto, desencadeado com um levantamento de rancho e protagonizado pelos presos da cadeia de Ponta Delgada, rapidamente transformado em motim no passado Domingo. Destruição de mobiliário, quebra de vidraças e alguns trastes queimados seguiram-se ao almoço. Mas as razões do mal-estar naquela cadeia açoriana são mais do que a simples má qualidade da comida. Com efeito, em instalações previstas para albergar 90 pessoas, amontoam-se 184 presos. Uma realidade em quase tudo igual à que se vive em outros estabelecimentos prisionais portugueses. A chegada aos Açores de numerosos repatriados dos Estados Unidos, com passado criminal e dificuldades de reabilitação veio fazer aumentar a "população prisional". O motim foi entretanto rapidamente apaziguado, embora as causas do seu desencadeamento se mantenham.



Timor-Leste

Quatro mulheres estão a ser julgadas num tribunal de Liverpool, acusadas de terem provocado estragos na fuselagem, asas e "cockpit" de um avião de treino Hawk, quando realizavam uma acção de protesto - no passado dia 30 de Janeiro - contra a venda à Indonésia daquele tipo de aparelhos numa fábrica da British Aerospace, a nordeste de Londres. A acusação calculou em mais de 300 mil contos os prejuízos causados no aparelho. Cada avião Hawk custa cerca de três milhões de contos. Após a detenção, Lotta Kronlid, Andrea Needham, Joanna Wilson e Angie

Zelter explicaram que, com a sua atitude, queriam alertar para o "envolvimento" da British Aerospace e do Governo de Londres no genocídio do povo timorense. No julgamento vão participar como testemunhas o timorense José Amorim Dias e o jornalista do "The Independent", Hugh O'Shaughnessy, que irão apresentar provas da utilização de aviões Hawk em Timor-Leste. José Ramos Horta e John Pilger, produtor do documentário sobre Timor-Leste intitulado "Death of a Nation", serão também testemunhas das quatro mulheres neste processo.



“O jornalismo procura a verdade. Este axioma, apesar de abstracto, resume a condição daqueles que, escrevendo em jornais ou relatando através da televisão ou da rádio, buscam a pista que lhes concede a verosimilhança ou a fantasia da verdade de um acontecimento. Mas o que é efectivamente a verdade - a verdade de um facto? E a partir de que momento é que se deve fazer intervir nessa verdade um julgamento moral?”

(Vicente Jorge Silva, "Editorial" - «Público», 22.07.96)

“Não estaremos a ser injustos na crítica aos pequenos poderes e a deixar de fora os grandes poderes económicos, que têm uma relação natural com o PSD e que com o PS apenas se relacionam conjuntamente por força do exercício do poder político, nacional e autárquico?”

(Rui Rio, numa mesa-redonda sobre a crise da democracia representativa, citado em «Público», 20.07.96)

“(...) não estão eles (os grandes poderes económicos) pouco expostos porque os próprios "media" se preocupam mais com os pequenos do que com os grandes?”

(Idem)

“Viver em Portugal às vezes é um bocadinho enjoativo.”

(Ferraz da Costa - «Diário Económico», 18.07.96)

“Está absolutamente fora de hipótese (no próximo congresso dos sociais democratas em Outubro) deixar cair o PPD do nome oficial. Fazer isso seria uma espécie de convite ao PP ou a Paulo Portas para criar um PPD.”

(“um dirigente do PSD”, citado em «Expresso», 20.07.96)

“Ainda é cedo para ser incondicional de Marcelo.”

(Alberto João Jardim - «Semanário», 20.07.96)

“O OE não é um mecanismo para ser accionado tendo em vista as eleições antecipadas. Se o OE for chumbado, a obrigação do Governo é apresentar outra proposta de lei mas com políticas diferentes.”

(João Amaral - «Semanário», 20.07.96)

“É pura e simplesmente aberrante que um sujeito ou uma dama dediquem anos e anos da sua vida a concentrarem-se exclusivamente na prática de uma modalidade, com o objectivo patético de saltarem meio centímetro mais longe ou mais alto ou chegarem umas décimas de segundo mais depressa que os adversários.”

(Vasco Graça Moura - «Diário de Notícias», 23.07.96)

“Os Jogos não são só os gloriosos vencedores. São também os vencidos. E os que, ficando em décimo ou vigésimo lugar, desatam aos pulos como se tivessem conquistado uma medalha.”

(Luís Filipe Costa - «Diário de Notícias», 22.07.96)

“O Papa está mortalmente cansado e devia ser deixado em paz. Qualquer pessoa que tente aproximar-se dele, mesmo que seja para lhe desejar "as melhores", está a cometer um pecado.”

(Lorenzago di Cadore, pároco da aldeia onde João Paulo II passa férias, citado em «Expresso», 20.07.96)

Comunicado da Comissão Política do CC do PCP

PS e PSD não querem

referendar Maastricht

Reunida em 22 de Julho, a Comissão Política do PCP apreciou os principais aspectos da actualidade política nacional, com particular destaque para a gravidade das soluções já acordadas na Comissão Eventual de Revisão Constitucional da Assembleia da República, e matéria de regionalização e referendo, entre o PS, o PSD em também, em alguns casos, com o PP. Em conferência de imprensa realizada no dia seguinte na Soeiro Pereira Gomes, Luís Sá tornou público um comunicado que resume as conclusões da reunião.

Começando por referir-se ao «processo de revisão constitucional actualmente em curso», o dirigente comunista afirmou que tal processo «revelou, uma vez mais, a convergência do PS e do PSD no sentido de inviabilizar o referendo acerca da aplicação do Tratado de Maastricht. Trata-se, agora, de impedir a possibilidade de o povo português se pronunciar designadamente acerca da terceira fase da União Económica e Monetária, incluindo sobre a moeda única e os sacrifícios que implica o cumprimento dos critérios de convergência, com preterição do emprego, do crescimento económico e da satisfação de necessidades do povo português».

Convergência e arbítrio

«Significativamente, os partidos que impediram agora a criação da possibilidade de referendar a aplicação do Tratado são os mesmos que impediram anteriormente que tal referendo se realizasse», sublinhou Luís Sá, que adiantou:

«É também inaceitável o facto de o PS e o PSD não terem permitido referendar em caso algum tratados ou convenções internacionais, mas apenas "questões de relevante interesse nacional" neles incluídos, o que permitirá seleccionar eventualmente de forma arbitrária - as questões que mais convenham ao poder político. Por outro lado, desta forma a resposta negativa a todas ou alguma das questões colocadas poderá não prejudicar a aprovação e ratificação do conjunto das outras normas do tratado ou convenção. Esta aprovação e ratificação poderá verificar-se, insiste-se, mesmo que a maioria do eleitorado se pronuncie contra.

«Tendo em conta os diversos projectos de revisão constitucional que pretendem eliminar direitos e distorcer o sistema de eleição de órgãos de poder e a perspectiva de prosseguimento da revisão constitucional sobre outras matérias, o PCP reitera o seu apelo no sentido de que os

trabalhadores e as suas organizações e todos os democratas se empenhem no sentido de que possam ser evitados, através da mobilização popular, prejuízos para a democracia e os direitos fundamentais, em particular para os direitos sociais.»

Prometer para não cumprir

«Os factos revelam, por outro lado, os crescentes sinto-

nação ignorou mesmo totalmente tal matéria.

«Mas é no texto acabado de aprovar na Comissão Eventual de Revisão Constitucional da Assembleia da República que avulta mais claramente a posição do PS em matéria de regionalização.

«Com efeito, a revisão constitucional irá manter a regionalização como constitucionalmente obrigatória, mas vai fazer depender a "instituição em concreto" de um referendo nacional e de um referendo

«Em segundo lugar, o carácter vinculativo do referendo depende da participação de pelo menos 50% dos eleitores, o que pode tornar a validade de normas já aprovadas pela Assembleia da República, designadamente a Lei de Criação das Regiões, dependente dos abstencionistas, ou melhor, em boa parte de inscritos em cadernos eleitorais que já deveriam ter sido eliminados e que são em grande número em Portugal.

«Importa ainda sublinhar que, obrigando a aplicação des-

bleia da República, prosseguiu o debate público sobre a regionalização. Neste quadro, as assembleias municipais e outros órgãos autárquicos que se pronunciaram maciçamente a favor das regiões, sobre as suas áreas e sobre outras matérias relacionadas. Por isso, é justo afirmar que este procedimento do PS, em coincidência com os partidos de direita, contraria a generalidade das posições que têm vindo a manifestar-se pelos municípi-

Pôr termo ao numerus clausus

«Tendo prosseguido a análise da situação criada nos exames nacionais do ensino secundário, o PCP considera que os factos têm dado novas razões e fundamentos às propostas que apresentou e às críticas generalizadas ao Governo e ao Ministério da Educação e à sua política e actuação nesta matéria», afirmou ainda Luís Sá.

«O PCP considera que depois da resolução que foi tomada na Assembleia da República é incompreensível que o Ministério da Educação, face à situação insustentável em que se colocou, não opte pelo diálogo com todas as partes envolvidas.

«Importa, entretanto, relembrar que esta situação, independentemente da inépcia com que foi executada, é inseparável de uma política de educação que, na continuidade da política do PSD, tem como objectivo fundamental dificultar a possibilidade de os alunos do ensino secundário acederem ao ensino superior público.

«Nesse sentido, o PCP entende que, para além das questões imediatas, se impõe lembrar a necessidade de valorizar o ensino superior público e pôr termo ao numerus clausus. É oportuno, aliás, recordar o projecto de lei apresentado pelo

PCP na Assembleia da República, que adianta medidas concretas para atingir esse objectivo em três anos e por cuja aprovação lutará na próxima sessão legislativa.

«Numa área que é fundamental para o futuro do país e para o presente e o futuro da juventude portuguesa e que o Primeiro-Ministro afirmou ser prioritária, não podem continuar a prevalecer critérios elitistas e estreitamente economicistas. A educação tem que valer mais em Portugal do que a moeda única e o cumprimento dos critérios de Maastricht para a alcançar.»



mas de que o PS não está interessado em cumprir as suas promessas em matéria de regionalização», acusou Luís Sá. E explicou:

«Depois de o PS ter defendido a regionalização no seu Programa Eleitoral e no Programa de Governo e o Primeiro-Ministro ter mesmo defendido publicamente, dentro e fora da Assembleia da República, uma data concreta para a realização de eleições para as regiões administrativas, nunca mais referiu tal propósito e, significativamente, no recente discurso no debate sobre o estado da

regional, o que coloca algumas questões fundamentais.

«Do ponto de vista prático é incontestável que o PS, depois de ter jurado que nunca o faria, fez depender o cumprimento de normas da Constituição de referendo, o que é grave em si e é grave como precedente que corresponde a antigas reivindicações da direita, renovadas na presente revisão constitucional. Esta fúria referendária para criar dificuldades e impedir a regionalização não deixa de contrastar com o impedimento, uma vez mais, do referendo acerca do Tratado de Maastricht.

tas normas à realização de um referendo nacional e de referendos regionais sobre as regiões administrativas à aprovação de uma lei ordinária que o regulamente, o PS não garantiu uma maioria para a sua aprovação. Este facto é tanto relevante quanto os partidos de direita estão contra as regiões e o PCP se pronunciou contra a situação política e juridicamente absurda em que o PS se meteu e que só serve a direita e os adversários da regionalização.

«O PCP sublinha, entretanto, que enquanto este processo decorria na Assem-

os, que sentem pesadamente os inconvenientes do centralismo e da burocracia na sua actividade e reclamam generalizadamente, agora como há muito, a instituição das regiões administrativas.

«O PCP anuncia que prosseguirá a sua campanha de debates sobre a regionalização e continuará activamente a participar nos debates promovidos por outras entidades, de modo a contribuir para que, apesar de todas as dificuldades criadas, acabe por se concretizar esta importante reforma democrática.»

GUIMARÃES

Obras com anos de atraso

«As obras da primeira fase da construção do Sistema Integrado de Despoluição do Vale do Ave estão atrasadas», reafirma o Secretariado da Comissão Concelhia de Guimarães do PCP, em resposta aos comentários feitos pelo Presidente da Associação de Municípios do Vale do Ave numa rádio local, a propósito de um comunicado que esta concelhia divulgou sobre o atraso daquelas. De facto, em Janeiro de 1994, a Amave apontava o início de 1995 como a data prevista para a entrada em funcionamento do empreendimento. Posteriormente prometeu que a 1ª fase das obras - 3 ETAR e vários interceptores - estaria pronta até finais de 1996. Agora, passado que está o 1º semestre, Janeiro de 1997 passou a ser a data provável...!

As obras estão com anos de atraso, diz a concelhia do PCP, considerando descabidas as acusações do presidente da Amave e despropositados e até ridículos os seus argumentos.

BRAGA

PS contradiz-se

A notícia divulgada por um semanário da cidade de Braga, e não desmentida pela estrutura ou dirigentes distritais do PS, sobre um alegado compromisso assumido no Porto por este partido de defender uma região que junte o Porto e o Minho (Região de Entre Douro e Minho), contradiz, na opinião do Secretariado da Direcção de Organização Regional de Braga do PCP, tudo o que tem vindo a ser defendido ao longo dos anos pelos socialistas.

Referindo dirigentes e autarcas que assumiram essas posições, o PCP pede ao PS que esclareça a população e as organizações económicas e sociais que convergem na defesa da Região do Minho sobre aquilo que defende para Braga.

Ao mesmo tempo que se acentua a ambiguidade do PS em matéria de Regionalização - dizem os comunistas -, vai-se afirmando a evidência de que só o PCP, no quadro das grandes forças políticas nacionais, defende sem equívocos a criação das Regiões Administrativas, designadamente de uma Região do Minho constituída pelos actuais distritos de Braga e Viana do Castelo, através de um processo que contemple a ampla participação das populações.

VILA VERDE

Lixo a céu aberto

A natureza e ambiente estão «ainda» em condições aceitáveis, afirma a Comissão Concelhia de Vila Verde do PCP que, temendo que esteja em causa a preservação e defesa dessas condições, denuncia o atentado à saúde pública e à natureza perpetrado pela Câmara com a recolha do lixo em camionetas sem cobertura, a céu aberto, que se passeiam por várias localidades e até pela Vila.

Defendendo a intervenção das autoridades, no sentido de pôr cobro a esta situação, os comunistas afirmam que é por actos como este que as populações muito justamente suspeitam dos cuidados ecológicos na construção do chamado Aterro Sanitário Intermunicipal e que a CDU questiona as vantagens do aterro que pode levar a que os lixos de Amares e Terras do Bouro andem vários quilómetros a conspurcar as localidades por onde passam.

COIMBRA

Situação «inumana» na Saúde

É «grave», «insustentável» e «inumana» a situação das listas de espera nos HUC, diz a Comissão Concelhia de Coimbra do PCP, informando que o Grupo Parlamentar comunista apresentou na Assembleia da República um requerimento solicitando ao Ministério da Saúde informação detalhada sobre a mesma.

Milhares de utentes aguardam (alguns há mais de seis anos) em longas listas de espera por consultas, actos cirúrgicos ou colocação de próteses de articulação da coxa-femural. Utentes há que esperam cerca de 10 anos por uma intervenção cirúrgica não oncológica. Isto leva a que os doentes acabem por ser «empurrados» para os serviços privados de saúde, onde são muitas vezes assistidos pelos mesmos médicos dos HUC.

A situação existente não é problema exclusivo dos responsáveis hospitalares - diz o PCP -, antes decorre da situação dramática dos serviços de saúde no nosso país. E exigindo que o Governo assumia as suas responsabilidades, dotando o Hospital dos meios necessários, os comunistas consideram que os responsáveis pela Administração Hospitalar tomem medidas urgentes, nomeadamente no sentido do melhor aproveitamento dos recursos humanos e materiais que o hospital detém.

CALDAS DA RAINHA

Mercado-Festa anima concelho

Promovido pelo PCP, realizou-se no passado dia 7, nas Caldas da Rainha, o tradicional Mercado-Festa que contou este ano, entre outras iniciativas, com uma venda de produtos agrícolas, um leilão, jogos populares e música.

No final do dia, Jerónimo de Sousa, da Comissão Política do PCP, numa intervenção muito aplaudida, falou do momento político actual e da política de direita que o PS está a prosseguir, designadamente através das privatizações, da destruição do aparelho produtivo e, agora, da lei da flexibilidade e da polivalência. A terminar, Jerónimo de Sousa abordou o XV Congresso do Partido, que se realiza em Dezembro próximo, e a Campanha de 5000 novos militantes em curso.

RTP/Açores

«Mau tempo» no canal

O PCP/Açores foi o primeiro partido a defender e a lutar por um serviço público de televisão na Região, assegurado por dois canais e consagrado por lei, diz a Direcção do PCP nos Açores em nota à comunicação social, divulgada na passada sexta-feira.

Defendendo uma nova rede que cubra toda a Região, o PCP diz que a nova administração da RTP instalou um clima de indefinição quanto ao futuro da RTP/A «estranho e inaceitável». Constando que a

nova rede entrará em funcionamento no final do Verão e sabendo-se que o equipamento da RTP/A está a degradar-se; que são adiadas questões relacionadas com gestão de pessoal; que a administração não nomeou um novo director nem definiu a micro-estrutura da RTP/A; que o planeamento do trabalho para 97 está por fazer, só há uma conclusão a tirar, consideram os comunistas: a Administração da RTP e o Governo da República responsável pela tutela estão a apos-

tar no enfraquecimento da RTP/Açores.

O pedido de demissão do director interino da RTP/A, a confirmar-se, merece a total compreensão dos comunistas açorianos, «porquanto não é possível gerir um Centro de Produção em relação ao qual a tutela e a Administração demonstram um grande desinteresse e afastamento».

Criticando vivamente o Governo da República e o seu partido - o PS - «por pretendem impor um serviço público

de televisão no qual a vertente regional pouco ou nada conta», o PCP/Açores defende como medidas imediatas a nomeação urgente de um Director para o Centro de Produção dos Açores da RTP; a garantia pelo Governo da República de que a RTP/A continuará a dispor da rede principal e a assegurar o canal público principal; a dotação de meios e orientações à RTP/A que lhe permitam desempenhar o seu papel de canal de toda a região.

Deputados visitam quartel no Porto

Uma delegação do PCP, composta pelos deputados João Amaral e José Calçada e os membros da Direcção da Organização Regional do Porto, Jorge Sarabando e João Fonseca, tendo em vista questões de segurança, justiça e combate à criminalidade, efectuou no passado dia 15 uma visita à capital nortenha, tendo realizado entrevistas com o Comando da Brigada nº 4 da GNR, no Quartel do Carmo, com o Procurador Geral da República Distrital, a Directoria do Porto da Polícia Judiciária e a 1ª Secção do DIAP.

As diversas reuniões possibilitaram uma ampla troca de informações e opiniões e a conclusão de que persiste na região a tendência de aumento de criminalidade. Entretanto, as visitas à GNR, à Polícia Judiciária e à 1ª Secção do DIAP permitiram também constatar a existência de enormes carências de meios humanos, materiais e técnicos nas instituições com responsabilidade directa nesta área.

Sublinhando a cordial recepção das diversas entidades à delegação do PCP, o camarada João Amaral, na Conferência de Imprensa com que finalizou esta jornada, anunciou as diligências a desenvolver pelo Grupo Parlamentar do PCP sobre alguns dos principais problemas analisados.

CAMARADAS FALECIDOS

Pedro Mendes Fernandes

Vítima de doença prolongada, faleceu em Torres Vedras, no passado dia 19 de Julho, com 78 anos de idade, o camarada Pedro Fernandes. Membro da Comissão Concelhia e activista incansável, o camarada Pedro Fernandes dedicou o melhor da sua vida à luta pela Democracia. Preso cinco vezes pela polícia política de Salazar, portou-se sempre com dignidade. Distinguindo-se pelo seu espírito de iniciativa, desempenhou na clandestinidade tarefas partidárias de grande risco. Era o responsável local da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses. No seu funeral, que foi acompanhado por um grande número de camaradas e amigos de toda a região do Oeste de Lisboa, integraram-se ainda os camaradas Domingos Abrantes e José Casanova, dos organismos executivos do Partido, e ainda Carlos Grilo, Euclides Pereira e António Dias Lourenço, do Comité Central, tendo este último dito algumas palavras sobre a biografia do falecido e de pesar à sua família.

Pedro Norberto Correia

Com 67 anos de idade, faleceu no dia 16 de Julho, vítima de doença prolongada, o camarada Pedro Norberto Correia, natural do Couço, onde residia e militava. Activista desde antes do 25 de Abril, este camarada foi distribuidor do «Avante!» desde os primeiros números legais.

José Dias Alfaiate

Militante do Partido desde 1977, faleceu recentemente, com 90 anos de idade, José Dias Alfaiate. Funcionário ferroviário (reformado), este camarada estava organizado pelo Centro de Trabalho de Moscavide.

Joaquim Daniel

Vítima de acidente de viação, faleceu no passado dia 18 de Julho, com 77 anos de idade, o camarada Joaquim Daniel, natural da Freguesia de Maxial, lugar da Aldeia Grande. Encarregado agrícola, este camarada era desde 1974 militante do Partido.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Monteiro Baptista adere ao PCP

Com uma intervenção cívica e política de luta antifascista pelos valores da Revolução de Abril, aderiu agora ao PCP o prestigiado médico Luís Monteiro Baptista, figura muito conhecida nos meios científicos nacionais. Este facto foi recebido com grande alegria por todos os comunistas que conhecem e respeitam a sua verticalidade política e a exemplar dignidade profissional.

Revisão de

Considerando que a prevenção da toxicod dependência não permite mais adiamentos, o Grupo de Trabalho do PCP para as Questões da Toxicod dependência e do Narcotráfico realizou, na passada quinta-feira, no Centro de Trabalho Soeiro Pereira Gomes, uma conferência de imprensa em que participaram António Filipe, deputado do PCP, Ricardo Oliveira, da Comissão Política da JCP, e António Rodrigues, do Gabinete de Imprensa do PCP.

Do documento divulgado, damos nota a seguir.

«O continuado agravamento da situação da toxicod dependência em Portugal e o desperdiçar ou adiar de oportunidades recentes na Assembleia da República para levar mais longe o combate a este flagelo colocaram ao PCP a necessidade de alertar a opinião pública e de salientar medidas que contribuam para a adopção de uma política efectiva de prevenção da toxicod dependência e combate ao tráfico de drogas.

1 - No nosso país, o número de toxicod dependentes aumenta, com especialistas a estimá-lo muito acima dos 100 mil. A sida, a hepatite e as mortes por causas ligadas à droga atingem números alarmantes. O tráfico expande-se, são sintetizadas e colocadas no mercado novas drogas, publicitadas como inofensivas, mas de facto perigosas, muitas das quais portadoras de mecanismos mais rápidos e mais sofisticados de dependência. Cresce a criminalidade associada à toxicod dependência e as prisões enchem-se de toxicod dependentes que constituem mais de 2/3 dos 13 mil reclusos existentes em Portugal.

O brutal agravamento deste flagelo no nosso país, que provoca crescentes preocupações nos portugueses, é indissociável de uma política global promovida pelo PSD e agora prosseguida pelo PS que acentua as fragilidades que conduzem à toxicod dependência. Paralelamente, a não tomada de medidas ao nível da dimensão dos problemas, associou ao drama da dependência, a angústia de milhares de famílias pela falta de apoios, pela exploração de que são vítimas por parte de instituições privadas em consequência da carência de estruturas públicas para o atendimento, o tratamento e a reinserção social.

PCP

Carlos Carvalhas em Sines

Redução das pescas é inaceitável

No sábado passado, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, deslocou-se a Sines onde participou num almoço-convívio com militantes comunistas e com autarcas e pescadores da região, realizado no Salão do Povo em Sines. Após o almoço, Carlos Carvalhas, acompanhado de pescadores, autarcas e dirigentes locais do PCP, seguiu num passeio a bordo da traineira Célia, com partida do Porto de Sines.

A propósito da política que está a ser seguida no nosso país, designadamente no sector das pescas, Carlos Carvalhas proferiu uma breve intervenção, de que publicamos alguns extractos:

(...)

Não às propostas de Bruxelas

O estado real do país não se vê pela execução orçamental, mas pelo estado da chamada economia real, isto é, pelo estado das nossas pescas, da nossa agricultura e da nossa indústria, pelo nível de desemprego, pelas bolsas de pobreza, pelo poder de compra e qualidade de vida das populações.

E o país não pode continuar a assistir ao sistemático abate de embarcações, ao aumento do défice comercial de pescado e à

total liquidação da sua indústria pesqueira.

É por isso inaceitável que a Comissão Europeia venha ainda propor agora, depois dos abates, uma redução no esforço de pesca de algumas espécies, entre as quais a sardinha, de 30 por cento nos próximos três anos, podendo atingir os 40 por cento nos seguintes, quando na opinião dos nossos técnicos, não há justificações científicas para tais cortes. E mesmo que se justificassem algumas medidas de contenção, nunca seria para tais valores.

Equiparar e nivelar medidas de restrição de pesca que podem justificar-se no Atlântico Norte para algumas espécies em sobrecarga com a pesca da sardinha em Portugal, é um absurdo.

Tal redução, a efectuar-se, significaria o abate (por ausência de rentabilidade) de parte importante da já diminuta frota de cerco, com consequências



negativas que inevitavelmente se repercutiam na também ameaçada indústria conserveira.

É preciso dizer resolutamente não a tal proposta e não ter uma posição de aparente firmeza no país para português ver, e outra em Bruxelas ou Estrasburgo para os outros decidirem. Portugal é um país livre e soberano e quem deve decidir dos seus destinos são os portugueses e as portuguesas e não os senhores e senhoras comissárias, chamem-se elas Bonino ou outra coisa...

Nós precisamos é de aumentar, valorizar e defender a produção nacional e não continuar a liquidar o aparelho produtivo

nacional e a substituir crescentemente a nossa produção pela produção estrangeira.

Ora é uma evidência que as políticas de Maastricht têm levado à recessão a praticamente toda a União Europeia, e têm asfixiado o nosso crescimento.

Como se pode admitir que aos avanços científicos e tecnológicos se contraponha a regressão social à beira do terceiro milénio? Como se pode admitir que as propostas sejam as de se trabalhar durante mais anos e mais tempo, com cada vez maior número de desempregados? O simples bom senso demonstra-nos a incoerência de tais propostas.

Mas estas medidas não germinaram em nenhum «cérebro esponjiforme», germinaram sim nos que servem com fidelidade os interesses do grande capital financeiro. E os trabalhadores e os povos não terão uma palavra a dizer? Esta política é um factor de desestabilização social e de retrocesso civilizacional.

(...)

Não à reconstituição do capital monopolista

Os trabalhadores, os pescadores, os agricultores e os

industriais portugueses não podem continuar a pagar a factura de uma política que dá primazia ao capital financeiro e às actividades especulativas e parasitárias e que tem por linha estratégica a concentração da riqueza e a reconstrução do capital monopolista.

É também inaceitável que a redução das despesas orçamentais só se verifiquem na protecção social, nos rendimentos dos assalariados e dos reformados criando cada vez mais desigualdades e amputando cada vez mais o consumo que por sua vez provoca a anemia no crescimento e agrava o desemprego.

(...)

O Governo e o Primeiro-Ministro procuram por toda a maneira lavar as mãos como Pilatos da sua responsabilidade perante a vergonha dos exames do 12º ano. Nós continuamos a afirmar que os estudantes não podem pagar a factura de uma política irresponsável. É preciso tudo fazer para corrigir as injustiças e minorar os prejuízos e é necessário valorizar a escola pública e acabar com o «numerus clausus».

(...)

Toxicoddependência

lei foi oportunidade desperdiçada

2 - Oito meses passados com o Governo PS mantêm-se às claras o funcionamento dos grandes hipermercados da droga: Casal Ventoso, Pedreira dos Húngaros e tantos outros. Mantêm-se, e sem perspectivas de alteração, a falta de resposta às necessidades de tratamento e reinserção social.

A esse respeito não pode deixar de ser salientada a insuficiência das medidas anunciadas em recente reunião do Conselho de Ministros.

De facto, apesar dos repetidos anúncios de que a droga seria combatida como sendo o «inimigo nº 1» do actual Governo, a verdade é que se mantém uma linha de absoluta continuidade em relação ao que vinha sendo feito pelo Governo PSD e que os actuais membros do Governo tanto criticaram no passado recente. Em particular a continuidade de orientações e políticas, tendó já o discurso da preocupação e da necessidade de mudança de há pouco, dado subitamente lugar ao discurso da auto-satisfação injustificada do Governo em relação à sua política.

Tal como o PSD fez por duas vezes, o Governo PS insiste em reformular o Projecto Vida, apostando afinal, tal como o PSD, em apresentar novas versões sobre novas versões e em substituir a insuficiência manifesta de acção real por uma forte presença mediática.

A revisão da lei da droga, que acaba de ser aprovada, reforçou alguns mecanismos de combate ao tráfico de droga (que no caso do chamado «agente infiltrado» comportam alguns perigos para os quais o PCP alertou), agravou o regime penal aplicável aos casos mais graves de tráfico de droga e, por proposta do PCP:

- consagrou a gratuitidade do tratamento de toxicodpendentes através dos serviços do Ministério da Saúde;

- consagrou a urgência no atendimento dos toxicodpendentes com processos em curso ou com penas suspensas;

- consagrou a articulação entre os serviços de saúde e os serviços prisionais no cumprimento do dever de assegurar o tratamento de toxicodpendentes em prisão preventiva ou em cumprimento de penas de prisão;

- consagrou o dever do Governo apresentar à Assembleia da República, até 31 de Março de cada ano, um Relatório anual sobre a situação do país em matéria de toxicodpendência.

Ao contrário do PSD e do PP, que centraram a sua intervenção sobre a revisão da lei da droga na reivindicação demagógica

de agravamentos indiscriminados de penas, o PCP, reforçando a penalização do tráfico, consciente de que o objectivo visado com a penalização do consumo de drogas consiste precisamente em evitá-lo e de que para isso é indispensável encaminhar os toxicodpendentes para soluções de tratamento, propôs a não sujeição dos simples consumidores a penas de prisão, prevendo formas alternativas de reacção penal (multa substituível por trabalho a favor da comunidade) sempre substituíveis por soluções de tratamento voluntário. Tais propostas foram rejeitadas pelo PS, PSD e CDS/PP.

Assim, a revisão da lei da droga recentemente aprovada na Assembleia da República, contendo aspectos inegavelmente positivos, alguns dos quais por proposta do PCP, foi, globalmente considerada, uma oportunidade desperdiçada para levar mais longe este combate e não substitui a necessidade de levar à prática políticas globais e coerentes de combate à droga, que alterem as causas mais profundas da toxicodpendência e que articulem devidamente as vertentes de prevenção do consumo e de repressão do tráfico de drogas.

3 - Tendo consciência das dificuldades de um combate eficaz à toxicodpendência no quadro das formas de organização da sociedade e das políticas dominantes, o PCP entende que há muito a fazer para diminuir a dimensão do problema da toxicodpendência e não tem sobre isso uma visão partidarizada, pois considera necessário, possível e indispensável unir diversificados esforços e vontades, no caminho de uma nova política para fazer face a este flagelo.

No quadro das ideias que têm sido avançadas pelo PCP e pela JCP e de entre as medidas que considera indispensáveis e urgentes para enfrentar o flagelo da toxicodpendência, o grupo de trabalho do PCP para as questões da toxicodpendência e narcotráfico, salienta:

- a necessidade de se concluir com urgência o processo de discussão e aprovação final do Projecto de Lei do PCP, já aprovado na generalidade, que cria uma rede pública para o atendimento, tratamento e reinserção social, por forma a garantir que todos os toxicodpendentes que procurem tratamento, independentemente da região onde residam, tenham acesso rápido e gratuito, quer a centros de atendimento, quer a comunidades terapêuticas ou a unidades de internamento, quer ainda a

casas de saúde e a soluções de reinserção sociolaboral. Assim, o PCP propõe:

- a rápida concretização do objectivo de, numa primeira fase, disponibilizar 1000 camas em comunidades terapêuticas públicas, sem prejuízo do carácter supletivo das instituições privadas de qualidade reconhecida e devidamente autorizadas e fiscalizadas;

- a criação urgente de Centros de Atendimento de Toxicodpendentes em todos os distritos do país que ainda não dispõem de equipamentos desta natureza e a criação de novos CAT nas regiões do país mais afectadas por problemas de toxicodpendência, onde os Centros existentes se encontram em clara situação de ruptura, ou a uma distância que dificulta o acompanhamento;

- a indispensabilidade de, na elaboração do Orçamento de Estado para 1997, se considerar, expressamente e sem subterfúgios, a dotação das verbas indispensáveis à concretização destes objectivos;

- face à atitude incompreensível do PS, PSD e PP de recusar a proposta do PCP de - mantendo a reprovação legal do consumo de drogas - não sujeitar os simples consumidores a penas de prisão, que em vez de os afastarem da droga podem contribuir para os envolver ainda mais no consumo e afundar na toxicodpendência (conhecida a degradação do meio prisional existente), o PCP considerando o toxicodpendente como um doente, que precisa de tratamento e não de reclusão, insiste na necessidade e urgência de consagrar legalmente as medidas alternativas à prisão que, com tanta insensibilidade, foram recusadas.

- No âmbito das medidas de combate ao tráfico, a necessidade de reforçar os meios técnicos e de agir com efectiva vontade política contra o branqueamento de capitais.

O PCP considera que, perante a situação existente e o quotidiano com que somos confrontados, pode e deve reflectir-se sobre o caminho mais adequado a seguir, mas não se pode ser insensível e acima de tudo não se pode adiar uma acção de prevenção e combate decidida e coerente à toxicodpendência e ao tráfico de drogas, para cuja concretização é precisa uma cada vez maior mobilização do povo português.»

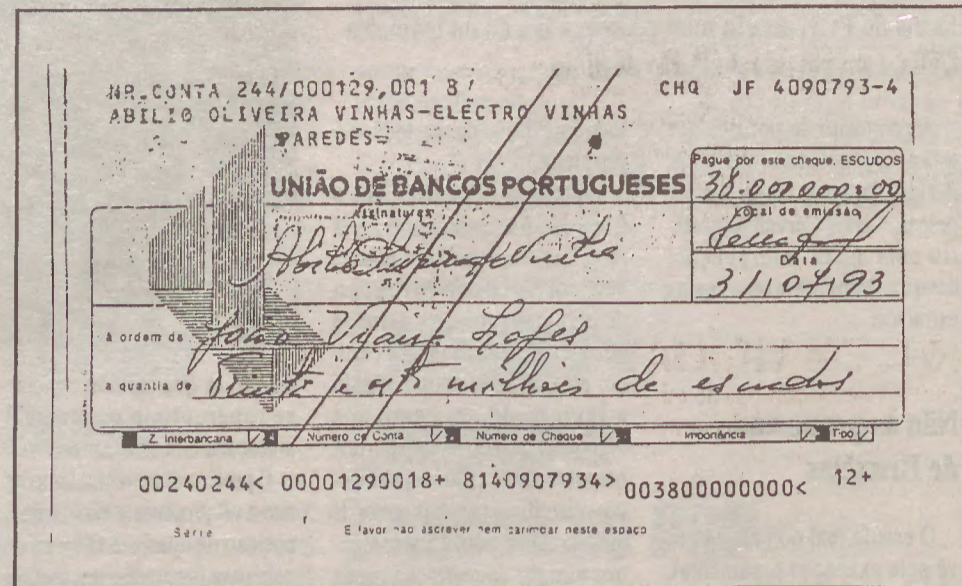
Emigrante denuncia inoperância da justiça portuguesa

Um caso de burla, de par da inoperância e arrastamento da justiça, surge como exemplo concreto das imensas dificuldades com que pode deparar quem for vítima de fraude. Mais ainda quando essas dificuldades são acrescidas pela distância gerada pela emigração.

João Viana Lopes, emigrante português, em França já há mais de 35 anos, bate-se há anos para que lhe seja paga a quantia em dívida quando da venda de uma fábrica que possuía em Penafiel - 58 mil contos. Após um primeiro pagamento de 10 mil contos, o comprador passou-lhe um cheque sem cobertura de 48 mil contos.

O processo arrasta-se desde Setembro de 93, mas a acção ainda não começou sequer a ser discutida e o arguido, autor da burla, poderá justificar nova ausência (apresentando um atestado médico, por exemplo) na audiência aprazada para 17 de Setembro.

Na Primavera de 1993, João Viana Lopes decidiu vender uma fábrica sua de móveis de pinho. Uma transacção formalmente efectuada, com a recepção imediata de 10 mil contos, e a promessa de pagamento dos restantes 48 mil contos três meses depois, altu-



ra em que o novo proprietário já poderia recorrer ao crédito bancário.

Passado esse período, veio a verificar-se que o cheque com a quantia em falta não tinha cobertura.

A 16 de Setembro, Viana Lopes apresenta queixa-crime no tribunal de Trancoso. O processo transitou para o tribunal de Paredes e o julgamento foi então fixado para

Fevereiro de 94. Mas ainda não se realizou. Os adiamentos sucedem-se, sempre pelo mesmo motivo - falta de comparência do arguido. Situação que já se repetiu seis vezes. De todas estas vezes, o emi-

fosse uma pessoa sem meios já estaria na prisão.

As queixas deste emigrante em relação a situações de burla e burocracia em Portugal são várias. Em declarações a um jornal francês, João Lopes afir-

grante português teve que se deslocar a Portugal, mobilizar testemunhas, pagar a advogados, em Portugal e em França. São ainda dias perdidos na deslocação. Com um crescente sentimento de injustiça, agravado pelo conhecimento de que o comprador da fábrica dispõe dos meios necessários para o seu efectivo pagamento. Na opinião de Viana Lopes, se o autor da burla

ma mesmo: "Denuncio o funcionamento da justiça do meu país e como a minha denúncia é perfeitamente justificada começa a ter lá os seus reflexos. Tanto mais que outras pessoas, nomeadamente emigrantes que pretendem desenvolver os seus negócios em Portugal, defrontam, tal como eu, situações de injustiça." E acrescenta: "Se não podemos ter confiança, é grave."



Aprovada Lei de Bases Floresta tem novas regras

No último dia dos trabalhos parlamentares, a Assembleia da República aprovou por unanimidade a Lei de Bases da Política Florestal, elaborada a partir de, entre outros, o projecto de lei de Bases de Desenvolvimento Florestal do PCP aprovado na generalidade.

Em conferência de imprensa realizada na passada semana, o PCP congratulou-se com a aprovação do texto final, o qual acolheu contributos de todos os projectos e propostas inicialmente apresentados, e, em particular, pelo Grupo Parlamentar comunista.

A nova Lei prevê que o ordenamento dos espaços florestais e das explorações passe a fazer-se através de planos regionais de ordenamento florestal (numa óptica de uso múltiplo e definindo as espécies que deverão ser privilegiadas em cada zona) e de planos de gestão florestal obrigatórios para todas as explorações acima de uma determinada área mínima a regulamentar.

Fica igualmente estabelecida a obrigatoriedade de o Estado proceder a acções com vista à reestruturação fundiária e das explorações fixando um limite máximo da área florestal na posse de uma única entidade, promovendo o emparcelamento, ampliando o património florestal público, rearborezando as áreas percorridas por incêndios, apoiando os baldios e as assembleias compartes.

No futuro, os produtores florestais passarão a ter à sua disposição um fundo financeiro e um sistema bonificado de crédito destinados, designadamente, a financiar projectos de rearboreização de zonas queimadas, a compensar os proprietários obrigados a aceitar restrições nas espécies a plantar, ou apoiar acções de emparcelamento.

Acções de emergência

Como foi realçado na conferência de imprensa, a nova lei não se limita a fixar grandes princípios e orientações gerais, tendo acolhido integralmente o capítulo do projecto do PCP que define um conjunto de acções concretas de emergência a desenvolver pelo Ministério da Agricultura.

Nomeadamente, a lei impõe o reforço e estruturação dos processos de prevenção, vigilância e de apoio ao combate aos fogos florestais; a definição e implementação de normas técnicas e de uma rede de infra-estruturas (caminhos, pontos de água, etc.) com vista à minimização dos riscos de incêndio; o reforço do corpo especializado de sapedores florestais e do corpo de guardas e mestres florestais; a promoção de estudos e da investigação necessários ao diagnóstico do estado sanitário da floresta portuguesa bem como a adopção das medidas profiláticas adequadas; a realização do cadastro da propriedade florestal; a elaboração de normas regionais de ordenamento e de gestão florestal no quadro de um desenvolvimento sustentado da floresta; o fomento e apoio das organizações dos produtores florestais; a promoção de acções de sensibilização dos cidadãos, em particular dos jovens, para a importância dos recursos florestais.

De destacar ainda a criação de um Conselho Consultivo Florestal, de composição alargada, a quem compete pronunciar-se sobre a política florestal.

Todavia, sublinham os parlamentares comunistas, não basta ter um lei de bases «boa e inovadora». É preciso que o Governo adopte as medidas e os investimentos necessários a uma boa e rápida execução da lei designadamente no que se refere às acções de prevenção e combate contra os fogos florestais que já aí estão outra vez.

Para o PCP, contudo, a ausência de medidas estruturantes da política agrícola e a inabilidade demonstrada na reorganização dos serviços florestais não auguram nada de bom.

O mesmo se passa no capítulo da prevenção e combate aos fogos florestais onde o secretário de Estado, Armando Vara, «opta por uma inaceitável e irresponsável estratégia de confronto e desvalorização da imagem e dos esforços dos corpos de bombeiros para desviar as atenções da ausência de políticas novas no combate aos fogos».

Descer o Guadiana

Duas dezenas de jovens participaram na descida do Guadiana, que terminou na passada segunda-feira, em Vila Real de Santo António, e que constituiu uma oportunidade para contactar com os problemas que afectam o Alentejo e, em particular, o rio. A iniciativa foi promovida pela JCP, que já no ano passado tinha organizado uma descida do Tejo.

Numa nota distribuída durante a acção, os jovens comunistas chamam a atenção para a inexistência de uma política de recursos hídricos, bem como de um plano hidrológico nacional, dois instrumentos fundamentais para uma política coerente nesta área e para a defesa dos interesses nacionais nas negociações com o governo espanhol.

A JCP recorda que 40 por cento dos recursos hídricos portugueses provêm de rios ibéricos e que dois terços do território

português é abrangido por bacias hidrográficas internacionais. Depois de uma década de incúria por parte do PSD, também agora o PS, apesar de ter considerado no programa eleitoral a situação dos rios peninsulares como prioridade, prima pela ausência de uma política adequada.

Entretanto, nos últimos anos, o nível dos caudais diminuiu cerca de 25 por cento no Tejo e Douro e 50 por cento no Guadiana.

A falta de água tem reflexos negativos em especial no Alentejo, onde avança a desertificação dos solos, acentua-se o despovoamento e o desemprego. A resolução destes problemas passa, segundo afirma a JCP, por uma nova política agrícola que permita o acesso democrático à terra, e pela concretização do plano de rega do Alentejo e do projecto do Alqueva.

Submarino nuclear no Tejo

A deputada Isabel Castro, do Partido Ecologista «Os Verdes», apresentou na passada semana um requerimento dirigido ao Ministério do Ambiente questionando a recente presença de um submarino nuclear americano no Tejo.

Isabel Castro considera gravíssima a permanência durante quase uma semana do submarino junto à Trafaria, sublinhando que os riscos ecológicos e para a segurança dos cidadãos que daí decorrem obrigam à adopção de medidas rigorosas, internacionalmente definidas.

Neste sentido, a deputada interrogou o Governo sobre as medidas que foram tomadas, designadamente «que análises foram feitas antes, durante e depois da presença do submarino nas águas», conforme determinam as normas internacionais em vigor.

Setúbal Mata Cáceres quer privatizar distribuição de água

Em reunião extraordinária, convocada inesperadamente para o passado dia 15, a Câmara Municipal de Setúbal aprovou com os votos favoráveis do PS e do PSD e o voto contra da CDU, uma proposta de autorização da exploração em regime de concessão dos Serviços Municipalizados.

Reagindo a esta decisão, a CDU considera-a «gravíssima», sublinhando que foi «feita à revelia de qualquer discussão minimamente alargada entre eleitos e os trabalhadores e sem conhecimento dos resultados do estudo económico feito pela empresa Banco Chemical ao conjunto dos SMS, cuja divulgação já em 12 de Dezembro passado a CDU exigiu».

Para a Coligação, «o que está em causa é o abrir portas à progressiva privatização da exploração e distribuição de um bem essencial à qualidade de vida e melhoria do ambiente, fazendo desta um negócio sem preocupações sociais no que toca aos consumidores ou aos direitos dos trabalhadores».

A proposta aprovada, «reduzida a página e meia, é vaga e não está fundamentada do ponto de vista económico e jurídico de modo a habilitar a Assembleia e definir os termos quanto a prazos, preço e condicionantes várias da concessão», refere a CDU, acusando Mata Cáceres e o PS local de pretenderem «criar na opinião pública um clima psicológico propício a que a implementação de tão funesta medida não conheça o protesto que conheceu e conhece a famigerada tarifa do lixo».

O comunicado cita ainda a experiência negativa da privatização dos serviços de distribuição de água em vários países, caso da Inglaterra e França, e recorda que organismos insuspeitos como a Direcção Geral da Concorrência, do Consumo e da Repressão de Fraudes alertam para o perigo de excessiva concentração empresarial neste ramo.

TRABALHADORES

Petrolgal

Mais de 100 trabalhadores mandados para casa

Entre 100 a 200 trabalhadores da Petrolgal estão hoje em casa depois da administração os ter obrigado a abandonar os postos de trabalho e aguardarem que uma empresa privada que está a ser criada, a GALPFORMA, os receba em Setembro para cursos de formação

Este processo começou com a identificação de funcionários alegadamente excedentários, que segundo rumores que correm no interior da empresa, poderão atingir cerca de 700 postos de trabalho. A solução encontrada foi constituir uma sociedade anónima que visa «integrar os meios de formação do Grupo Petrolgal» e «promover acções de formação e reorientação profissional do pessoal desenquadrado das estruturas», segundo se afirma na folha informativa «Flash Galp» de Junho passado.

Ao mesmo tempo, um comunicado da Comissão Central de Trabalhadores contesta a existência de funcionários a mais, afirmando que «em diversos sectores há trabalho que se vai acumulando ou não é feito e com prejuízo para a Petrolgal, assim como horas extras (pagas e não pagas) e, simultaneamente, muitas dezenas de postos de trabalho permanente (até no âmbito de serviços da Administração) e múltiplos serviços necessários ao dia-a-dia da empresa continuam a ser entregues a empregatários e subempregatários».

Esta política de gestão dos recursos humanos, decorrente do processo de privatização em curso, está a gerar um clima «dra-

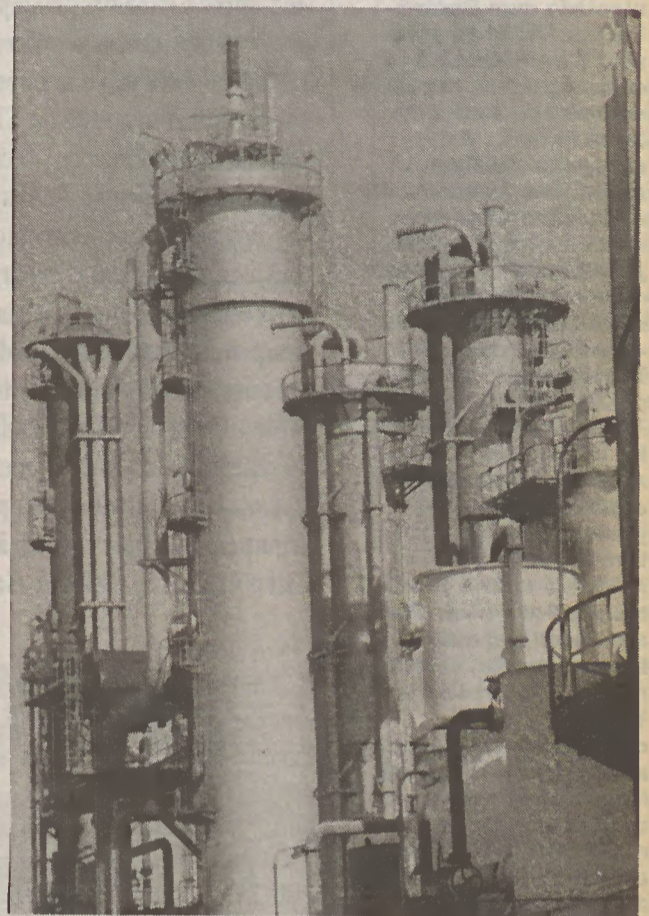
mático» de instabilidade: «As pessoas sentem-se oprimidas, intimidadas, inseguras e desconfiadas. E aquilo que é boato hoje pode ser verdade amanhã», refere uma nota da Sub-CT Tomaz Ribeiro.

O mau-estar afecta igualmente centenas de quadros técnicos que pura e simplesmente não receberam aumentos salariais, que este ano oscilaram entre os 3,5 e os 4,5 por cento para os restantes trabalhadores.

Exigindo uma «política de recursos humanos que tenha em conta as pessoas e os trabalhadores em primeiro lugar», o Secretariado da Célula do PCP na Petrolgal recorda que «uma grande empresa de capitais maioritariamente públicos não pode e não deve ser um pesadelo para a maioria dos que nela trabalham».

Requerimento na AR

Por seu lado, o grupo parlamentar do PCP, através dos deputados António Filipe e Lino de Carvalho, apresentou na AR, no passado dia 11 de Julho, um requerimento sobre a extinção dos serviços de formação; a redução de centenas de postos



de trabalho e a política salarial da empresa.

O documento sustenta que «uma política de preservação da Petrolgal é compatível com a manutenção e crescimento dos postos de trabalho» e interroga o Ministério da Economia sobre as «estratégias e orientações» que fundamentam «o encerramento dos serviços de formação e a criação para os substituir da empresa Galpforma, de capitais privados? Quem avalizou que,

na sequência desta decisão, sejam disponibilizados mais de 100 trabalhadores, colocados à disposição desta empresa, gerando situações dramáticas para muitos deles?».

O requerimento questiona ainda o fundamento económico e social da existência de 700 postos de trabalho a mais e perguntando se o Governo concorda com a política salarial discriminatória que marginalizou centenas de quadros técnicos.



SEGURANÇA SOCIAL

Promovida pela União de Sindicatos de Lisboa, decorreu na passada sexta-feira, em Lisboa, uma acção de esclarecimento sobre a reforma da Segurança Social. A iniciativa foi levada a cabo por dirigentes sindicais que distribuíram um documento à população, disponibilizando-se para debater e responder a perguntas concretas sobre o futuro da segurança social.

HOJE EM VIGÍLIA

Cansados das promessas do ministro da Defesa, os trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas cumprem hoje, quinta-feira, das 9.00 horas às 13.00 horas, uma vigília frente às instalações do Ministério no Restelo. Observando que as reivindicações do sector continuam sem resposta, os trabalhadores receiam que «este silêncio tenha por objectivo legitimar um processo de desmantelamento da Manutenção Militar, Laboratório Militar, OGFE, OGME, Arsenal do Alfeite e OGMA-SA».

FSTIEP À PORTA DA SIEMENS

Dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas (FSTIEP) concentraram-se quinta-feira da passada semana frente à sede da Siemens, exigindo negociações para a revisão de 1996. A administração da Siemens (que segundo foi transmitido estava em «reunião no exterior») integra a Direcção da associação patronal ANIMEE, que insiste em aplicar de forma brutal e abusiva a negociação efectuada com os sindicatos da UGT. Os sindicalistas FSTIEP vão prosseguir a sua acção junto das administrações de outras empresas que fazem parte da direcção da ANIMEE.

AVIÁRIO DAS CARDOSAS

A administração da Aviário das Cardosas SA pretende despedir ilegalmente 12 trabalhadoras, alegando que estas se recusaram a prestar trabalho extraordinário.

A denúncia é feita pelo Sindicato das Indústrias de Alimentação do Sul e Tabacos que explica que as trabalhadoras tinham acabado um turno entre a 1 e as onze da manhã e que apenas solicitaram uma pausa para alimentação antes do início do referido trabalho. O Sindicato refere que quem tem uma atitude censurável é a empresa que não respeita os direitos consagrados no contrato colectivo de trabalho designadamente em relação ao pagamento do trabalho extraordinário, diuturnidades e subsídios de férias e de natal.

MULHERES EXPLORADAS

As mulheres continuam a ser as mais exploradas pelo patronato privado, revela a União de Sindicatos de Santarém, citando dados oficiais de 1994 referentes ao distrito. Representando 35,4 por cento da mão-de-obra efectiva, as mulheres ganhavam em média por mês 71.892 escudos, ou seja menos 24 por cento que a retribuição média dos homens. O mesmo estudo indica que a mão-de-obra feminina é abrangida por 49,7 por cento das funções menos qualificadas. A USS observa que esta situação se deve ao facto de os patrões atribuírem categorias profissionais menos qualificadas às mulheres para assim as discriminarem nos salários.

ENFERMEIROS

A Comissão de Jovens Profissionais de Lisboa do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses exige que o Ministério da Educação tome as medidas adequadas para regularizar a admissão de enfermeiros.

Só na região de Lisboa, segundo a Comissão, existem 3200 vagas nos quadros das instituições públicas de saúde, as quais necessitam de cerca de 1500 enfermeiros para assegurar o regular funcionamento dos serviços. Entretanto, o Executivo do Sindicato dos Enfermeiros acusa o Ministério da Saúde de pretender remeter a resolução deste problema para a Mesa nº 2 de negociação, onde se discute o emprego no global da Administração Pública. O Sindicato pretende que a admissão dos enfermeiros seja regularizada rapidamente de forma a que os cerca de 700 novos profissionais que entre Julho e Agosto saíram das Escolas Superiores possam sem dificuldades ingressar na profissão.

Bombeiros apresentam caderno reivindicativo

De forma a melhorar e a tornar mais eficaz o Serviço de Prevenção e Combate a Incêndios/Sinistros, está em discussão o Caderno Reivindicativo dos Sapadores Bombeiros e a proposta de criação da Academia Nacional de Fogo.

As prioridades reivindicativas do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa passam pela desmilitarização efectiva da carreira profissional de sapador bombeiro (reservando-se o acesso aos postos de comando a bombeiros de carreira), reestruturação e revalorização da carreira profissional, integração do adicional de dois por cento no índice 100 da carreira, o aumento do efectivo do Regimento de Lisboa para 1500 efectivos, redução do horário de trabalho para 35 horas semanais e desfasado limite de idade para aposentação. Os sindicalistas esperam obter uma resposta do primeiro-ministro a estas reivindicações até Setembro.

«Os sapadores bombeiros, experimentados de anos na luta pelos seus mais elementares

direitos, não perderão tempo em polémicas habituais em épocas de fogos, em que quem fica sempre a perder é quem arrisca a vida no seu combate, e em que os políticos aproveitaram sempre para se desresponsabilizar ou tirar dividendos eleitorais», declara o sindicato, numa nota à imprensa.

«Só falta a decisão política, ou seja, falta a prática dos responsá-

veis políticos em oposição à costumeira retórica do oportunismo político em altura de fogos, e portanto, de dramas profundos das populações e sacrifícios extremos de todos os bombeiros portugueses», acrescenta.

Os sapadores bombeiros acusam ainda o actual comandante do regimento e o vereador do pelouro de Segurança de Pessoas e Bens da Câmara

Municipal de Lisboa de falta de diálogo, sublinhando que existe falta de transparência nos concursos de promoção. Afirmam também que a CML não participa os acidentados à companhia de seguros, de forma que estes, seja permanentemente ou por períodos prolongados, não têm vindo a beneficiar do disposto no Estatuto Social do Bombeiro.

Professores preocupados

A Plataforma Reivindicativa Comum do Ensino Superior (PRC), comentando a reunião que manteve recentemente com a Comissão Negociadora do Ministério da Educação (CNME), manifestou a sua preocupação quanto à posição da comissão no que respeita ao estatuto de carreira no Politécnico.

Apesar de concordarem quanto à condição de pertença ao Ensino Superior e com o paralelismo com a carreira do universitário, os professores e o Ministério não chegaram a acordo na questão das expectativas dos docentes do Politécnico. A CNME defende que, «embora a título excepcional, a progressão na carreira se pudesse

realizar por uma via alternativa de concursos públicos, desde que salvaguardado um nível de exigência compatível», acrescentando que «apenas poderia considerar o cumprimento dos contratos vigentes». O PRC diz que esta é uma decisão «preocupante e inaceitável, uma vez que mais de três quartos dos docentes do Politécnico são hoje contratados a prazo sem qualquer perspectiva de segurança de emprego».

Quanto às negociações dos estatutos de carreira, o Ministério comprometeu-se a apresentar até final de Julho as suas propostas, tendo sido acordado que a sua discussão com os sindicatos decorrerão em Setembro e Outubro.

INTERNACIONAL

Atentados

A actualidade mundial da passada semana foi marcada por várias acções violentas. Além das três explosões provocadas pela ETA na Catalunha, em Espanha, que provocaram cinco feridos graves, ocorreu também um alegado atentado num Boeing 747 da TWA, na noite de 17 de Julho. O avião explodiu pouco depois de descolar do aeroporto de Nova Iorque, despenhando-se no Atlântico e fazendo 230 vítimas mortais. «Nós examinámos todas as possibilidades e um acto criminoso faz parte delas», declarou o vice-presidente do Departamento dos EUA para a Segurança nos Transportes. Entretanto foi já arredada a tese segundo a qual a explosão teria sido provocada por um míssil terra-Mar. A Rússia esteve prestes a ser palco de um outro atentado. Segundo a Lusa, a bomba, colocada na estação ferroviária de Voronezh, a 475 quilómetros de Moscovo, acabou por não explodir devido a um defeito no detonador. «Os engenhos explosivos estavam cheios de balas e peças de metal. As pessoas seriam dizimadas e não haveria sobreviventes, pois todas ficariam soterradas com a queda do telhado», afirmou o Procurador Público local.

China

As inundações que assolam o leste, centro e sul da China desde Junho mataram já 716 pessoas, segundo informações divulgadas pela agência noticiosa Nova China. 8,6 milhões de hectares de terras danificados, 810 mil edifícios arruinados e perdas económicas avaliadas em 4.800 milhões de dólares: eis os números da tragédia. Os meteorologistas prevêem a continuação da pluviosidade.

Palestina

Dez mil trabalhadores palestinos da Cisjordânia e de Gaza foram autorizados a entrar em Israel a partir desta semana, com a condição de serem casados e terem mais de 30 anos. Recorde-se que antes do bloqueio trabalhavam 100 mil palestinos no Estado Hebraico. Na zona de Eretz, que faz a fronteira entre Israel e Gaza, foi também liberalizada em parte a entrada de camiões e táxis, bem como as deslocações para tratamentos médicos. Entretanto, na sexta-feira, registaram-se violentos confrontos em Karyut, na Cisjordânia, entre os colonos judeus e cerca de 150 manifestantes palestinos, que protestavam contra a anexação de mais um terreno pelos residentes do colonato de Shilo. Durante a disputa, três jornalistas foram espancados pelos judeus

Orçamento comunitário para 1997

Um processo inquinado

■ Pedro Carvalho

1997 vai ser o ano da decisão de quem está fora e dentro da UEM, quem está fora ou dentro da moeda única. O esforço de consolidação orçamental feito pelos Estados-membros é enorme, principalmente aqueles que pretendem estar no pelotão da frente da moeda única. 1997 também é um ano importante, no que diz respeito ao alargamento a leste da UE. É o ano em que se começa a consolidar os processos de pré-adesão e a pensar-se em formas de financiá-los. Por isso seria de esperar que na discussão do processo orçamental comunitário para 1997 houvesse pressões para «emagrecer» o orçamento, com vista a facilitar o cumprimento dos critérios de convergência, reduzindo as participações dos Estados ao nível do orçamento comunitário, ou mesmo a sua participação ao nível do sistema de co-financiamento dos Fundos Estruturais. E, para cortar, pode-se sempre utilizar o velho argumento da baixa execução orçamental dos Fundos Estruturais e do FEOGA-Garantia.

Nos últimos dois anos, cerca de 4 mil milhões de ecus ficaram por utilizar ao nível dos Fundos Estruturais e também nos últimos anos houve uma diferença acumulada de 23 mil milhões de ecus, ao nível do FEOGA. Nada melhor que utilizar o argumento, já que não se utiliza, ou se desorçamenta a despesa ou se redistribui para outros fins.

Claro que ninguém põe em causa o porquê da baixa execução dos Fundos Estruturais. Ninguém põe em causa que os limites de co-financiamento dos Fundos Estruturais numa estratégia de consolidação orçamental são demasiado elevados para haver uma eficaz aplicação dos mesmos. Ninguém põe em causa porque é que sobra tanto dinheiro ao nível agrícola, quando todos nós podemos sentir as enormes dificuldades dos agricultores comunitários. Ninguém põe em causa a PAC, que em vez

de prosseguir uma política de ajudas directas ao rendimento baseado no princípio da modulação, continua numa política de premiar a destruição produtiva do mundo rural.

Na discussão do processo orçamental «ad hoc» deste ano, o relator geral do orçamento, o liberal Brinkhorst, avançou com a ideia de rever as previsões agrícolas da Comissão para a campanha agrícola 96/97. Esta revisão feita com base no mau ano agrícola e nas execuções orçamentais de 1995, levou o relator a propor cortes acentuados em todas as linhas orçamentais agrícolas do capítulo 1 do orçamento, num total de 1,4 mil milhões de ecus. Este valor deveria ficar numa reserva de imprevistos a ser criada, que seria utilizada caso houvesse necessidade. Depois de apresentar a proposta à Comissão de Agricultura, chegou-se a um acordo que estas verbas

deveriam ficar adstritas às despesas agrícolas e não serem redistribuídas por outras categorias orçamentais. Ponto positivo desta proposta, é que evitava o repatriamento de parte das verbas agrícolas não utilizadas que ocorre todos os anos, mas a verdade é que se incentiva a ideia de cortar por não haver necessidade e cria-se uma reserva cujos mecanismos são obscuros, havendo problemas em saber se as verbas de um determinado sector serão aplicadas nesse sector ou mesmo em relação à classificação das despesas. Os problemas de classificação ao nível orçamental são levantados com a criação desta reserva, por não se saber que parte dela é de cariz obrigatório e por isso da responsabilidade do Conselho, ou de cariz não obrigatório, e assim da co-responsabilidade de ambos os ramos da autoridade orçamental.

Mas a estratégia de fundo tinha pouco a ver com agricultura, e muito a ver com a criação de uma rúbrica orçamental relacionada com o processo de alargamento a leste. A inclusão desta rúbrica, não na categoria 4 do orçamento (acções externas), mas sim na categoria 1 como despesa agrícola, iria permitir o uso da reserva a criar, para financiar o processo de pré-adesão dos PECO's. Estava a criar-se um mecanismo para financiar o alargamento sem mudar políticas. Uma maneira de arranjar recursos, passo a passo, sem rever as perspectivas financeiras — uma maneira dos países contribuintes líquidos não aumentarem as suas contribuições. Esta estratégia que se antevê, com o

mesmo tipo de argumentação, seja utilizada também em relação à categoria 2 do orçamento, ou seja, os Fundos Estruturais.

Esta foi a estratégia que o Parlamento Europeu levou à reunião tripartida da autoridade orçamental que ocorreu no dia 9 de Julho, entre Conselho, Comissão e Parlamento. Mas antevia-se que o Conselho tinha outras ideias ambiciosas para a proposta do Parlamento.

Mil milhões a menos para os Fundos Estruturais

A Comissão Orçamental do Conselho, após a reunião tripartida, avançou com a proposta de um pacote de cortes para o orçamento de 1997 de cerca de 3 mil milhões de ecus. Ou seja, propõe uma desorçamentização da despesa agrícola em mil milhões de ecus, dos pagamentos ao nível dos Fundos Estruturais em cerca de mil milhões de ecus e reduções nas outras restantes categorias em cerca de 700 milhões de ecus.

A estratégia do Conselho, e sendo 1997 o ano da prova final em relação à UEM, é diminuir a participação orçamental dos Estados-membros, sendo estas reembolsadas ao nível nacional, dando o contributo, talvez decisivo, para o cumprimento do critério do défice, e permitir a passagem de alguns Estados-membros, bastante apertados orçamentalmente, em relação à UEM.

No pelotão da frente dos interessados estão a Alemanha e a França. O conteúdo da

redução parece não ir incidir sobre as zonas do objectivo 1 dos Fundos Estruturais ou sobre o Fundo de Gestão, mas sim sobre os outros objectivos, nomeadamente 2, 3, 4 e 5a. Isto, porque os países do Norte têm maiores taxas de co-financiamento comunitário, e por isso, ao existirem reduções na despesa destes objectivos, a pressão dos orçamentos nacionais ao nível da participação seria bastante menor, havendo hipótese de grandes poupanças.

Mas a questão de fundo é a abertura de um precedente em relação a cortes nos Fundos, apesar da programação financeira decidida em Edimburgo em 1992. O presidente da Comissão dos Orçamentos, o socialista alemão Samland, propõe mesmo uma redução entre 200 e 300 milhões de ecus nas autorizações orçamentais. Outra questão é que o corte este ano, mantendo a programação financeira para os restantes e transpondo o montante deste corte para 1998 e 1999, vai criar um estrangulamento financeiro de tal ordem que pode justificar para 1998 um corte, do mesmo montante, ao nível das autorizações.

Os espanhóis opuseram-se a esta estratégia. É de perguntar: qual é a posição do governo português nesta matéria? Estará o governo disposto a ceder a cortes nos Fundos Estruturais para poder cumprir o critério do défice?

A discussão do processo «ad hoc» termina, hoje, 25 de Julho, mas uma coisa é certa: o processo orçamental para 1997 promete ser quente, bastante quente.

A Comunidade Europeia e as «Vacas Loucas»

Desinformação para salvar os lucros

Uma nota dos serviços da Comissão da CE preconizava, em 1990, dissimular a verdade sobre a BSE, vulgo «doença das vacas loucas»!

Estamos em Outubro de 1990. Há uma reunião do Comité Veterinário permanente consagrada à BSE, a epidemia das vacas loucas, então em plena progressão no Reino Unido. Este tipo de reuniões dá origem a notas escritas como a que publicamos junto (em francês). A conclusão é edificante: «É preciso minimizar este problema da BSE praticando a desinformação.» Lê-se mas não se acredita!

Tudo isto se passava enquanto se multiplicavam os discursos sobre a Europa dos cidadãos, da democracia, da transparência...

«É preciso ter uma atitude fria para não provocar reacções desfavoráveis», diz ainda a nota.

Enfim, «Nós vamos pedir ao Reino Unido para não publicar mais os resultados das suas investigações». Espantoso!

Jacques Delors, então presidente da dita Comissão, afirma tudo ignorar desta nota, o que

não deixa de ser curioso! Porque a Comissão sempre aplicou a contragosto as necessárias medidas de protecção sanitária. É preciso lembrar a sua defesa de um levantamento rápido do embargo aos «produtos» britânicos? É necessário perguntar-lhe por que razão farinhas perigosas (rações fabricadas com carnes suspeitas de contaminação com BSE e similares), interditas na Inglaterra, continuaram a poder ser comercializadas por toda a Europa sem que a Comissão tomasse alguma medida?

O resultado é conhecido: uma produção agrícola e agro-industrial sacrificada no altar dos lucros e dos interesses dos países mais poderosos da Comunidade, que levará anos a recuperar. Se recuperar.

Quem indemniza os produtores portugueses?

É evidente que a extensão do desastre que aconteceu a milhares de produtores portugueses poderia ter sido minimizada se a Comunidade Europeia e o Governo português tivessem tomado as medidas de prevenção sanitária necessárias.

Há que saber se o representante português na Comissão Europeia, Cardoso e Cunha (actual Comissário da Expo 98) tinha ou não conhecimento da nota. E se não tinha, o que andava lá a fazer? Se tinha, por que não alertou o Governo português? Há que perguntar se tinha ou não o Governo português PSD/Cavaco Silva conhecimen-

to da nota. Se tinha, então é co-responsável pelos prejuízos que vieram a verificar-se. Se não tinha conhecimento, então sugerimos que intente uma acção judicial junto Tribunal de Justiça das Comunidades, no Luxemburgo, contra a Comunidade Europeia, reclamando uma indemnização correspondente aos prejuízos sofridos pelo País.

Há responsáveis pelos prejuízos sofridos pelos agricultores portugueses. Há indemnizações que devem ser pagas.

Comissão desmente

A denúncia desta situação, feita por «La Terre», de 3 de Julho, provocou indignação nos meios comunitários e obrigou o actual Presidente da Comissão, Jacques Santer, a ir à sessão ple-

INTERNACIONAL

Armas para a Bósnia

O primeiro fornecimento de material militar norte-americano, no quadro do programa de auxílio ao exército da federação croato-muçulmana, começou a chegar esta semana a Sarajevo, informaram fontes militares ocidentais.

O material foi transportado num avião turco procedente de Istambul, indicaram as fontes, citadas pela Lusa. «Esta é a primeira entrega de armas» à federação, disseram ainda as fontes, sem mais pormenores sobre a carga transportada.

A embaixada da Turquia, em Sarajevo, recusou-se a comentar esta informação e a embaixada norte-americana afirmou não estar a par de tal fornecimento.

O sigilo em torno desta matéria não é de estranhar, não só porque fornecimentos de material militar têm de ser previamente comunicados à força multinacional da Nato (IFOR) na Bósnia, mas também porque interessa pouco aos EUA ostentar de forma demasiado evidente o apoio preferencial que está a dar (como de resto tem feito desde a primeira hora) a uma das partes responsáveis pelo conflito nos Balcãs.

O programa de auxílio norte-americano, denominado «Equipamento e treino», tem por objectivo declarado reforçar o exército da federação croato-muçulmana, para que se possa defender em caso de ataque, a partir do momento em que as tropas da IFOR deixem o território, em 20 de Dezembro.

Oficialmente, o programa começou no passado dia 16 com a assinatura em Sarajevo de um primeiro contrato, no valor de 50 milhões de dóla-

res, com a sociedade norte-americana encarregada da sua execução, a "Military Personnel Resources".

Os Estados Unidos contribuem para o programa, no montante global de 400 milhões de dólares, fornecendo equipamento militar avaliado em 100 milhões de dólares.

A França e a Grã-Bretanha, os países com maior presença militar na IFOR depois dos Estados Unidos, mostraram-se reticentes em relação ao programa por temerem que ele agrave a tensão na região.

Motivos de preocupação

não faltam, na verdade. Enquanto na passada segunda-feira as autoridades croato-bósnias libertaram um chefe da polícia muçulmana, Emin Zebic, suspeito de crimes de guerra, que tinham detido num edifício das Nações Unidas, cedendo às pressões internacionais para a sua libertação, no mesmo dia, em Nova Iorque, o embaixador da ONU na Bósnia, Muahmed Sacirbey, instava o Conselho de Segurança a impor sanções contra a Sérvia por não ter detido os «criminosos de guerra», entre os quais Radovan Karadzic.

Sacirbey pediu também aos Estados Unidos que declarem, publicamente, se pensam que a decisão de Karadzic de renunciar a todo o poder político é suficiente para afastar a ameaça de novas sanções internacionais contra os seus aliados na Sérvia.

Recorda-se que, na passada sexta-feira, o líder sérvio bósnio, acusado de crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio, anunciou o seu afastamento de todos os cargos públicos, abrindo assim caminho à realização das eleições gerais em Setembro na Bósnia.

Numa carta endereçada ao Conselho de Segurança, Sacirbey escreveu que o governo bósnio espera «não terem sido feitos acordos» que frustrem a exigência de que Karadzic, o líder militar sérvio bósnio, Ratko Mladic, e outros sejam julgados.

Reconhecendo que a renúncia de Karadzic foi «um êxito parcial», Sacirbey frisou que o cumprimento pleno do acordo de paz de Dayton só será alcançado quando os criminosos de guerra comparecerem perante a justiça. Um «pleno» que, pelos vistos, se aplica ao sabor dos interesses em jogo na região.

e os filmes foram retirados das suas câmaras. Segundo os palestinianos, 70 por cento da área de Karyut foi confiscada pelos israelitas desde a construção dos três colonatos da zona, há cerca de 20 anos.

Sri Lanka

A guerra civil no Sri Lanka prossegue à custa de centenas de vítimas mortais. Os LTTE, que lutam há 13 anos por um Estado independente no norte e leste do país onde vivem dois milhões de tamil, efectuaram, na quinta-feira, um ataque à base militar do exército governamental de Mullaitivu, provocando a morte de 800 soldados e 120 independentistas. Esta foi a mais importante ofensiva lançada pelos Tigres tamil em três anos. No dia seguinte, os separatistas afundaram um navio de guerra da armada do Sri Lanka, recorrendo a um ataque suicida.

Tadjiquistão

Entrou em vigor no sábado o cessar-fogo assinado pelo Governo do Tadjiquistão e a guerrilha islâmica no final da semana passada. O acordo prevê que as duas partes mantenham as posições que ocupavam na altura da assinatura do documento e que ambas dêem aos observadores da OSCE informações precisas sobre o estacionamento das suas forças. Os anteriores cessar-fogos não foram respeitados durante muito tempo.

ASEAN

Sob fortes protestos de organizações dos direitos humanos, a Associação das Nações do Sudoeste Asiático iniciou a sua reunião anual no dia 20, em Jacarta, na Indonésia. Os «Repórteres sem Fronteiras» pediram ao vice-presidente da Comissão Europeia que se «mantenha a posição da UE contra a adesão da Birmânia à ASEAN» e «a chamar a atenção para a situação da imprensa na região». A Federação Internacional das Ligas dos Direitos do Homem apelou para que «a questão do Estado de Direito na Birmânia figure nesta reunião». Segundo os responsáveis desta organização, citados pela Lusa, «um ano após o fim da prisão domiciliária da líder da oposição, a situação naquele país não cessa de se degradar» e «as liberdades fundamentais não estão ainda garantidas». A ASEAN, fundada em 1969, agrupa actualmente o Brunei, as Filipinas, a Indonésia, a Malásia, Singapura, a Tailândia e o Vietname, estando prevista para esta reunião a adesão do Laos e do Camboja como membros e a admissão da Birmânia como país observador.

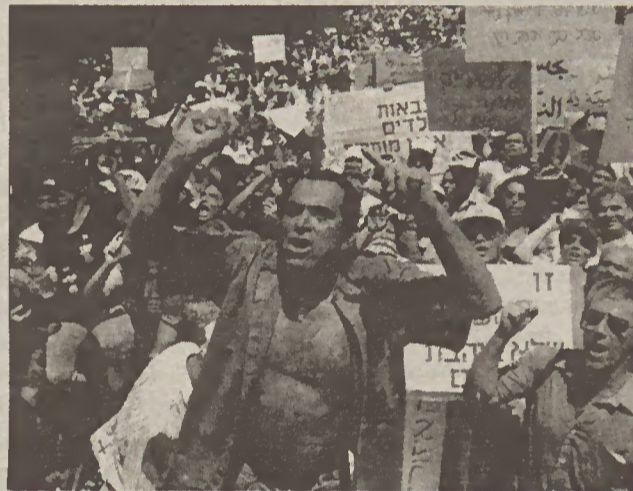
Greve geral em Israel

A greve geral convocada pela central sindical Histadrout paralisou Israel no passado dia 17 e trouxe para a rua milhares de trabalhadores protestando contra as medidas de austeridade anunciadas pelo governo de Benjamin Netanyahu.

A decisão do novo governo israelita de reduzir o défice orçamental de 3,25 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) para 2,8 por cento passa, na prática, por importantes cortes nas prestações sociais e nas despesas com a saúde, o que afecta em particular as famílias mais carenciadas. O «pacote» anunciado por Netanyahu prevê a imposição de uma taxa de três dólares por cada consulta médica, a redução dos abonos de família em 50 por cento para os dois primeiros filhos e o aumento das tarifas de transportes públicos em 13 por cento. Tudo isto na mesma altura em que se congelam os salários.

Estas medidas, que o próprio primeiro-ministro classificou de «penosas», destinam-se a travar o défice orçamental, estimado em 3,2 mil milhões de dólares para o ano em curso. Confrontado com uma grave crise financeira, Israel debate-se actualmente com uma inflação de 14,5 por cento, contra 8,1 por cento em 1995, uma taxa de desemprego de 7,1 por cento e um défice da balança de pagamentos de 4 mil milhões de dólares. Uma situação preocupante, sobretudo se se tiver presente que Israel recebe uma ajuda anual dos Estados Unidos da ordem dos 6 mil milhões de dólares, metade dos quais sob a forma de donativo.

Um comité restrito composto pelo primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, o ministro das Finanças, Dan Meridor, e o governador do Banco central, Yaakov Frenkel, decidiu proceder à compra de obrigações públicas na Bolsa, mas isso não impediu nem a queda das cotações, que rompeu já a barreira dos 10 por cento, nem sequer a do shekel, a moeda israelita.



Milhares de trabalhadores israelitas saíram à rua em protesto contra as medidas de austeridade propostas pelo Governo

Governo e Banco central divergem agora nas medidas a tomar para conter a crise no mercado de capitais. Enquanto o Governo preconiza uma baixa das taxas de juro (actualmente de 17 por cento), o Banco central propõe um reforço das medidas de austeridade, designadamente novos cortes orçamentais num total de mil milhões de dólares, a somar ao corte de 1,5 mil milhões de dólares previsto no orçamento.

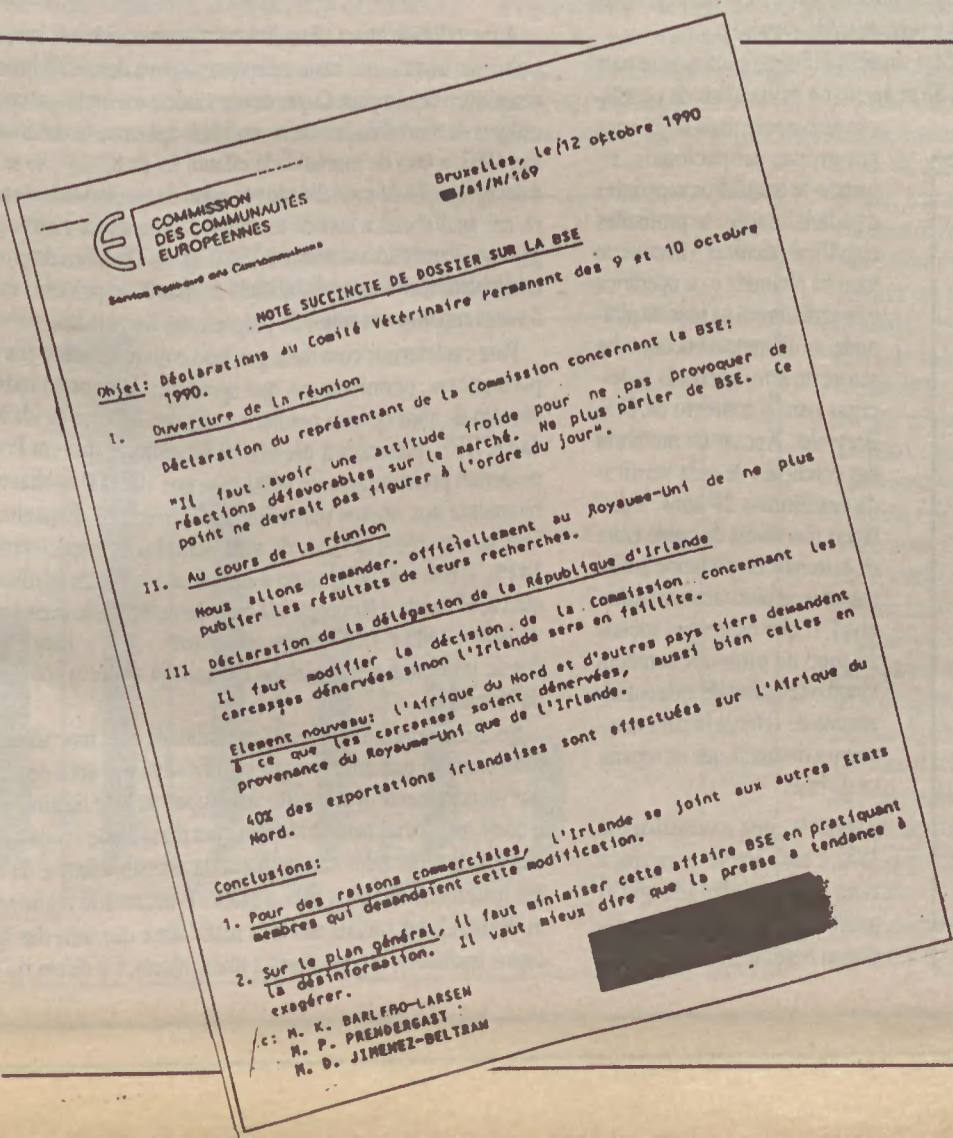
Em qualquer dos casos, são as «soluções» neoliberais que estão na ordem do dia e que os trabalhadores israelitas não estão dispostos a aceitar. Se à constatação social se juntar o crescente clima de confronto político que nos dois últimos fins-de-semana opuseram ultra-ortodoxos e laicos, não é difícil concluir que o Governo saído das eleições de 29 de Maio não vai ter uma vida fácil.

nária do Parlamento Europeu do passado dia 16 prestar explicações. Segundo afirmou, após investigações sobre a referida nota foi levado a concluir que se trata de «uma nota de dossier, respectivo autor, que não se destinava a ninguém e de que ninguém terá tido conhecimento. Os participantes na reunião em causa que pôde contactar garantem igualmente que nenhuma das intervenções registadas podem ser interpretadas «no sentido de uma política de desinformação a levar a cabo pela Comissão».

Para Santer, há que «julgar a Comissão pelos seus actos» e estes, na sua óptica, atestam o empenhamento no combate à

«doença das vacas loucas» e na defesa da saúde pública «face a um problema complexo para que não há ainda certezas científicas absolutas».

Na sua intervenção, o Presidente da Comissão Europeia referiu-se ainda às suspeitas de «exportação ilegal de carne bovina britânica», garantindo que as mesmas, a verificarem-se, seriam «fraudulentas», e que os diferentes serviços comunitários, incluindo o serviço antifraude da Comissão (UCLAF), estão industriados para investigar eventuais irregularidades. Face ao exposto, segundo Santer, a Comissão considera que «não há nenhuma informação que possa justificar, actualmente, os graves receios inspirados pelos múltiplos artigos de imprensa» sobre a matéria.



A saúde não é para todos

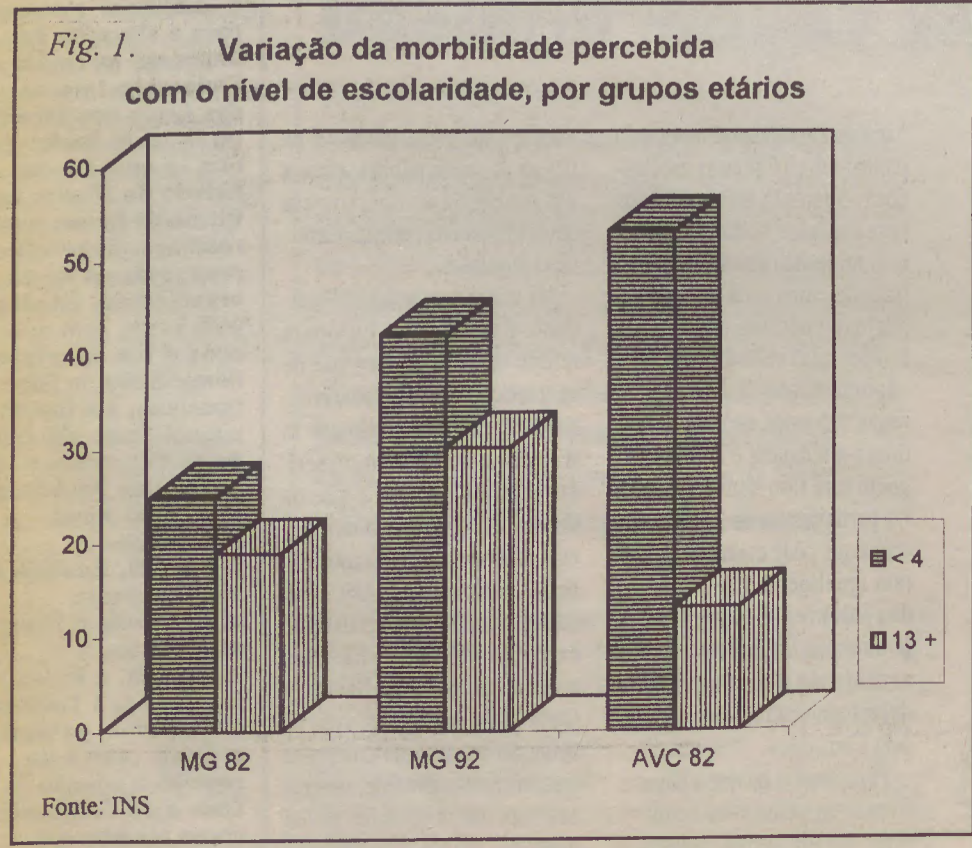
■ Cipriano Justo*

Há uma lei em Saúde, chamada da *prestação inversa*, que estipula que aqueles que mais necessitam de cuidados de saúde são precisamente aqueles que menos probabilidades têm de os receber, e vice-versa. Como consequências, os mais pobres tornam-se mais doentes e os doentes pobres tornam-se mais pobres. A primeira personalidade que melhor demonstrou os efeitos da lei da prestação inversa foi Sir Douglas Black, então presidente da Ordem dos Médicos britânica, que em 1980 publicou o relatório de um grupo de trabalho a que também presidia e cujo objectivo era compilar e rever a informação disponível sobre as diferenças de nível de saúde entre as classes sociais, identificar as causas e propor um plano de investigação mais detalhado.

As conclusões do Relatório Black (1) não poderiam ser mais reveladoras das diferenças entre as classes sociais em matéria de nível de saúde. Relativamente ao topo da pirâmide social, os grupos sociais economicamente mais deprimidos apresentavam uma taxa mais elevada de recém-nascidos com baixo peso à nascença, uma taxa de mortalidade perinatal e infantil maior, um maior risco de óbito por acidente, maior mortalidade por cancro e acidentes cardio-vasculares, maior morbilidade por doenças crónicas e taxas mais elevadas de disfunção e incapacidade. Estes grupos sociais tendiam a fumar mais, a alimentar-se pior e a fazer menos exercício físico. A conclusão tirada pelo grupo de trabalho foi-lhe, na altura, fatal para o prosseguimento da investigação: a explicação para as diferenças encontradas em matéria de saúde residia na falta de recursos e na pobreza. Lembremo-nos que poucos meses antes tinha sido eleita primeira-ministra Margaret Thatcher.

Três estudos britânicos, de 1986, 1991 e 1993 (2), com amostras de base populacional que variam entre 9000 e 25 000 indivíduos, mostram que relativamente aos grupos sociais com dois ou mais veículos automóveis, a taxa padronizada de doenças crónicas era 40% superior nos grupos sociais sem veículo automóvel próprio; que na população desempregada a duração média de cada episódio de doença era 70% superior relativamente à população empregada e que a percentagem de hipertensos do sexo feminino e do sexo masculino era, respectivamente, duas vezes e uma vez e meia superior nos grupos socioprofissionais indiferenciados quando comparados com o vértice da pirâmide socioeconómica.

Para a Grã-Bretanha e para 1992, estes exemplos significavam que o padrão de mortalidade em todos os grupos sociais fosse igual ao padrão do vértice da pirâmide social, teriam sido evitados 39 000 óbitos anuais no grupo etário 16-64 anos.



A desigualdade é fatal

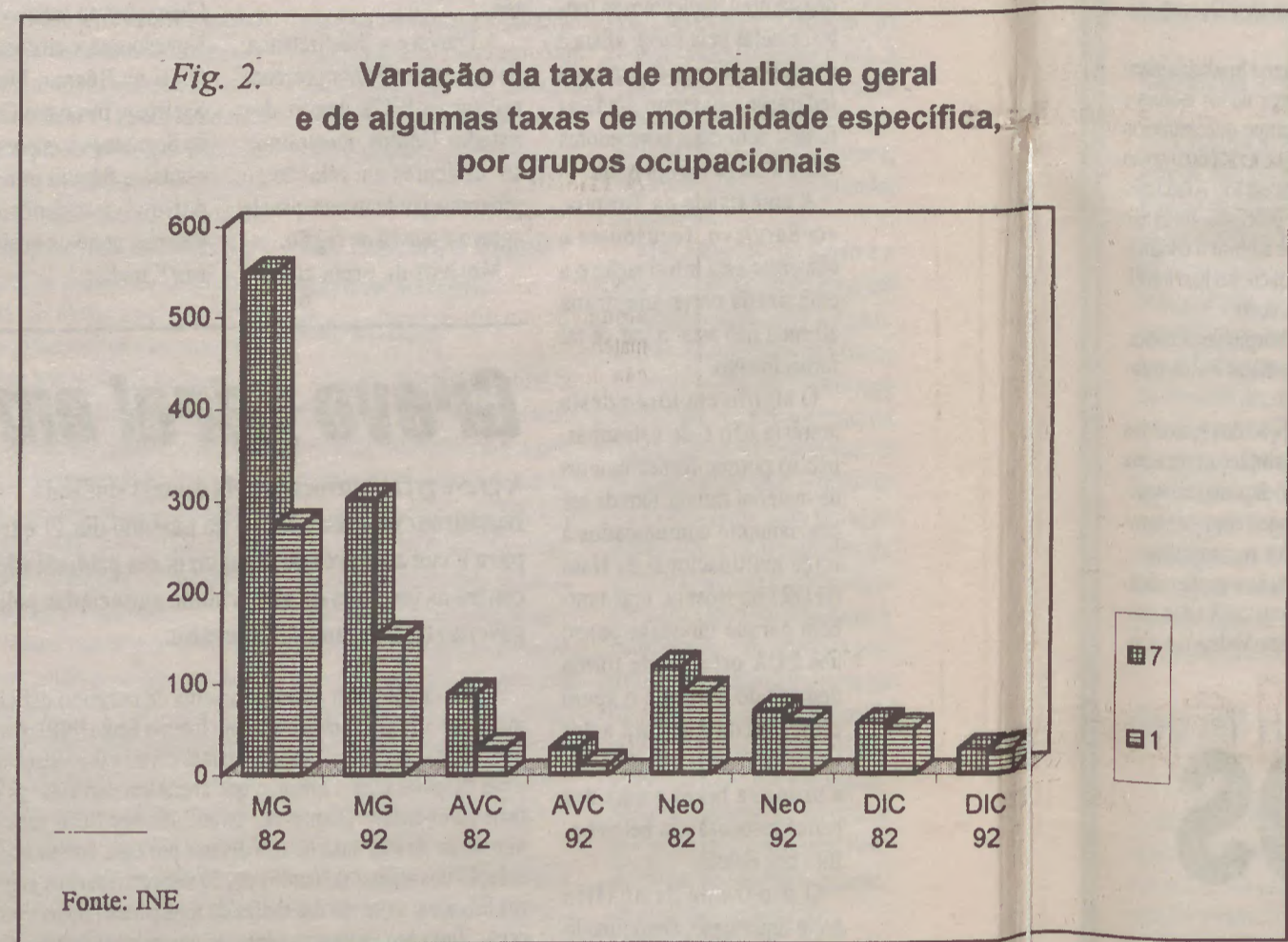
Um estudo publicado em 1993, da autoria de Maria do Rosário Giraldes, que pesquisa e sumariza 170 trabalhos de investigações sobre Desigualdades em Saúde e Cuidados de Saúde em dezoito países da Europa ocidental (3), relaciona a mortalidade com a ocupação, educação e rendimento, sendo a ocupação o factor socioeconómico determinante, presente em 50% dos estudos analisados.

No Inquérito Nacional de Saúde (4) realizado em 1987 um dos apuramentos que se realizou, por anos de escolaridade, idade e sexo, dizia respeito à alteração no estado de saúde percebido pelos respondentes nas duas semanas imediatamente anteriores à aplicação do inquérito. Para alguns autores, esta técnica constitui a melhor aproximação ao estudo da morbilidade, uma vez que as fichas clínicas ignoram a fracção de morbilidade que nunca chega a ser expressa nos serviços de saúde. Analisemos então a morbilidade percebida em três grupos etários e dois níveis de escolaridade. Os grupos etários são 30-40 anos, 50-54 anos e 70-74 anos; os níveis de escolaridade são menos de 4 anos de escolaridade e 13 e mais anos de escolaridade.

No grupo etário 30-34 anos com menos de 4 anos de escolaridade, 25% dos respondentes referiam alterações no estado de saúde contra 19% com 13 ou mais anos de escolaridade. No grupo etário 50-54 anos com menos de 4 anos de escolaridade, 42% dos respondentes referiam alterações no estado de saúde, contra 30% com 13 ou mais anos de escolaridade. Finalmente, no grupo etário 70-74 anos com menos de 4 anos de escolaridade, 53% dos respondentes referiam alterações no estado de saúde, contra 17% com 13 ou mais anos de escolaridade (Fig. 1). Estes valores expressam um fenómeno significativo: as desigualdades socioeconómicas traduzidas pelo nível de escolaridade acompanham a morbilidade percebida e é particularmente determinante a partir da meia idade, atingindo maior amplitude nos grupos de idade avançada.

Relativamente à mortalidade, a situação é distinta conforme se trate dos dados de 1982 ou 1992 (5). Se se analisar a mortalidade da população activa com mais de 20 anos por grupos ocupacionais, situando-se os quadros superiores da administração, as profissões científicas, técnicas e liberais no topo da pirâmide e os operários e os agricultores na base da pirâmide, as diferenças encontradas são muito semelhantes às já descritas para o contexto da Grã-Bretanha. Apesar da melhoria das condições de vida verificada nos últimos 20 anos, a distância dos níveis de saúde entre os extremos da pirâmide social manteve-se praticamente inalterável. É que os grupos sociais do topo da pirâmide também viram o seu nível de vida suficientemente reforçado para manterem a distância que os separava da base.

Assim, por exemplo, em 1982 e para ambos os sexos, a taxa de mortalidade geral padronizada era 2 vezes superior na base da pirâmide, a taxa



de mortalidade por doença cerebro-vascular era 3 vezes superior, por neoplasias era 20% mais elevada e por doença isquémica cardíaca era 11% mais elevada (Fig. 2).

Em 10 anos, as posições relativas não se alteraram substancialmente. Em 1992, e para a taxa padronizada de mortalidade geral, manteve-se a distância entre os extremos da pirâmide ainda que nos dois casos os valores tenham diminuído cerca de 45%. Quanto às causas específicas, a taxa de mortalidade padronizada por doenças cerebro-vasculares é agora 2 vezes superior, por neoplasias mantém-se 20% mais elevada e por doença isquémica cardíaca a distância aumenta para 20%.

Mortalidade infantil

A mortalidade infantil é tradicionalmente considerada como um indicador que traduz com bastante aproximação o desenvolvimento socioeconómico de um país. O que temos vindo a exemplificar com os indicadores de morbilidade e de mortalidade aplica-se também a este caso. Em 1993, a taxa de mortalidade infantil foi de 8,7‰. Se se proceder à desagregação da mortalidade por nível de escolaridade da progenitora, nas analfabetas a taxa de mortalidade infantil foi 19,6‰ e nas progenitoras com curso superior 3,7‰ (Fig. 3). Os filhos de progenitoras analfabetas têm uma probabilidade de morrer no primeiro ano de vida 5 vezes superior aos filhos de progenitoras licenciadas.

Para caracterizar com mais precisão o nível de saúde dos cidadãos portugueses, permitam-me que apresente um quarto indicador: o número de anos de vida perdidos antes dos 65 anos de idade. Dados da OCDE (6) referentes à década 80-90 indicam que em Portugal se perderam prematuramente 4600 anos por 100 000 habitantes. Relativamente aos nossos parceiros mediterrânicos, Espanha, Itália e Grécia, o excesso de anos de vida perdidos é, respectivamente, de 142%, 109% e 41%. Quanto à distância aos países nórdicos, Dinamarca, Holanda e Noruega, ela é obviamente ainda mais significativa, 400%, 250% e 187%, respectivamente. Para este indicador de impacto a nossa vizinha Espanha já se aproxima dos valores da Noruega.

Se associarmos os dados de morbilidade e de mortalidade é legítimo concluir que uma fracção significativa dos anos de vida perdidos precocemente diz respeito aos grupos da base da pirâmide social o que é que socialmente tudo isto quer dizer? Que sendo necessário, não é suficiente falar em melhoria da acessibilidade e da equipade em matéria de recursos para a saúde. É necessário reafirmar-se que as desigualdades sociais são uma realidade e que uma das suas principais traduções, e porventura a mais injusta, é a diferença de oportu-

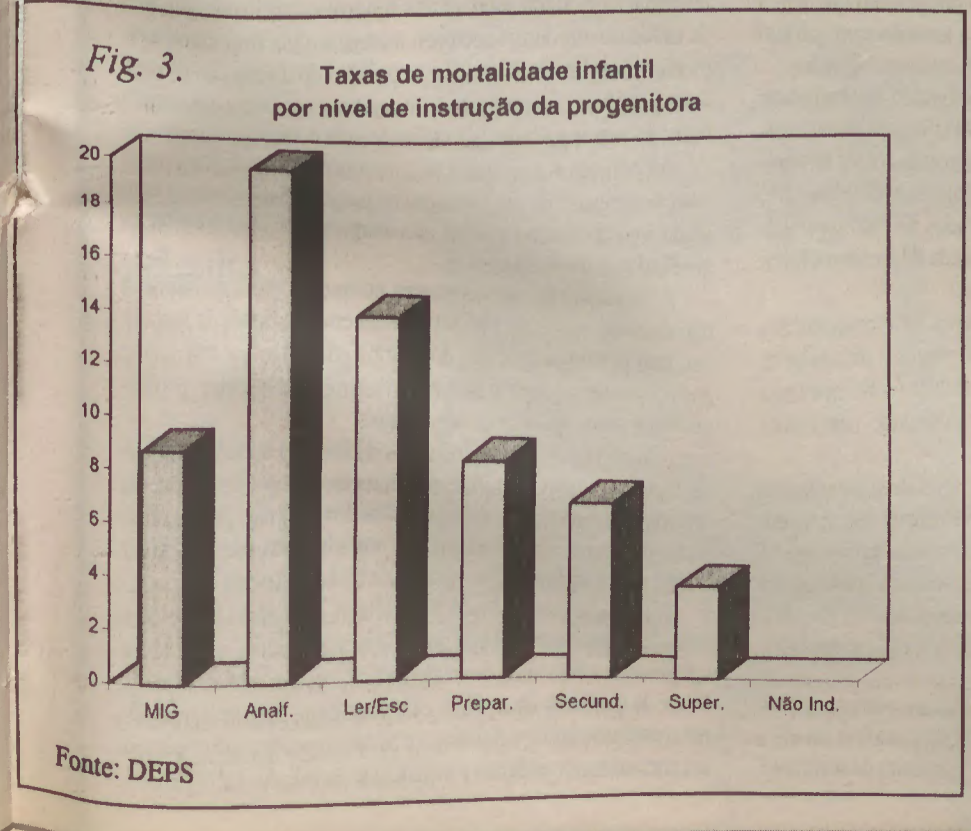
nidades de esperança de vida e de esperança de vida sem doença.

A História repete-se?

Vivemos um momento de alguma incomodidade em matéria de política de promoção da saúde. Quando era suposto que o sistema de prioridades se alterasse substancialmente ao ponto de se configurar ao fim de seis meses de governação um quadro conceptual significativamente diferente daquele que vigorava em 30 de Setembro, assistimos à reprodução dos principais valores que orientaram a política de saúde dos últimos anos. Que valores são esses? Os hospitais, as urgências e os medicamentos. Como se pouco mais houvesse debaixo do céu que merecesse as horas de trabalho dos governantes.

Os hospitais, as urgências e os medicamentos são obviamente importantes e interessantes aspectos do sistema de saúde e do mercado, não fossem eles responsáveis por 70% da despesa pública com a saúde. O problema é outro. O problema é que não existe um discurso ideológico, um compromisso, um projecto e uma prática correlativa consistentes com o papel do sector da saúde no bem-estar da população. Enquanto o discurso do Estado se mantiver no terreno ideologicamente dominado pela medicina curativa, enquanto os governantes, eles próprios, não estiverem vigilantes ao sistema de valores que veiculam e se constituem como os líderes e os principais guardiões da cultura dominante, a batalha da racionalidade em matéria de escolhas políticas continuará comprometida.

Sempre que o discurso e a imagem de um governante aparece associado a hospitais, urgências ou outro tipo de pontos de contacto com o segmento curativo do sistema é este valor que está a ser reproduzido, interiorizado e reforçado. Sabe-se que a cada novo ponto de oferta de cuidados médicos corresponderá com toda a probabilidade, no muito curto prazo, um aumento da procura. Mais do que o aumento da oferta de cuidados curativos, mais do que se proceder à reforma do sistema em função da procura, Portugal precisa de reconverter os serviços existentes, iniciando



um processo de revisão e recomposição dos valores, das hierarquias e das práticas.

A actual situação faz lembrar a parábola que equipara os prestadores aos socorristas que procuram resgatar e salvar as pessoas arrastadas pela corrente do rio. Estão tão ocupados e já tão exaustados na sua tarefa de salvar vidas, umas atrás das outras, que não lhes sobra tempo para se deslocarem rio acima e tentar perceber o que se está a passar. Se o fizessem chegariam à conclusão que nem todos os caminhos vão dar ao rio, que não se salta para o rio com intuições suicidas, que as pessoas não são empurradas para o rio nem que a explicação reside na ira divina.

Assentemos numa questão por enquanto incontornável. A medicina curativa é imprescindível e só-lo-á por muitos e bons anos, seja no segmento ambulatorio ou hospitalar do sistema de saúde. A questão não é essa. A questão reside na invisibilidade, por enquanto, de uma estratégia explícita, consistente, factível e concertada que atrase no maior número de anos a entrada dos cidadãos no sistema curativo.

Portugal é subscritor da estratégia europeia de Saúde Para Todos no Ano 2000. E logo a meta nº 1 fixa como objectivo a redução das diferenças entre os grupos dentro dum mesmo país a partir da melhoria da saúde dos grupos mais desfavorecidos. As diferenças actuais do estado de saúde são uma consequência, na sua grande parte, das condições de vida e de trabalho. Os grupos sociais economicamente mais desfavorecidos estão mais expostos aos riscos de origem ambiental e à aquisição de hábitos nocivos. E nem os governantes nem as diversas instâncias da sociedade tiraram ainda todas as consequências políticas desta situação.

A promoção da saúde, lembrem-se?

Podemos continuar a gastar mais de 700 milhões de contos anuais com o sistema público de saúde, é uma opção política tão louvável ou discutível como outra qualquer. Mas é preciso dizer simultaneamente que enquanto não melhorar o emprego, a habitação, a educação e a segurança social, enquanto nestas áreas não se proceder a uma distribuição desigual da riqueza, não serão os 700 milhões de contos a melhorar os padrões de saúde e bem-estar.

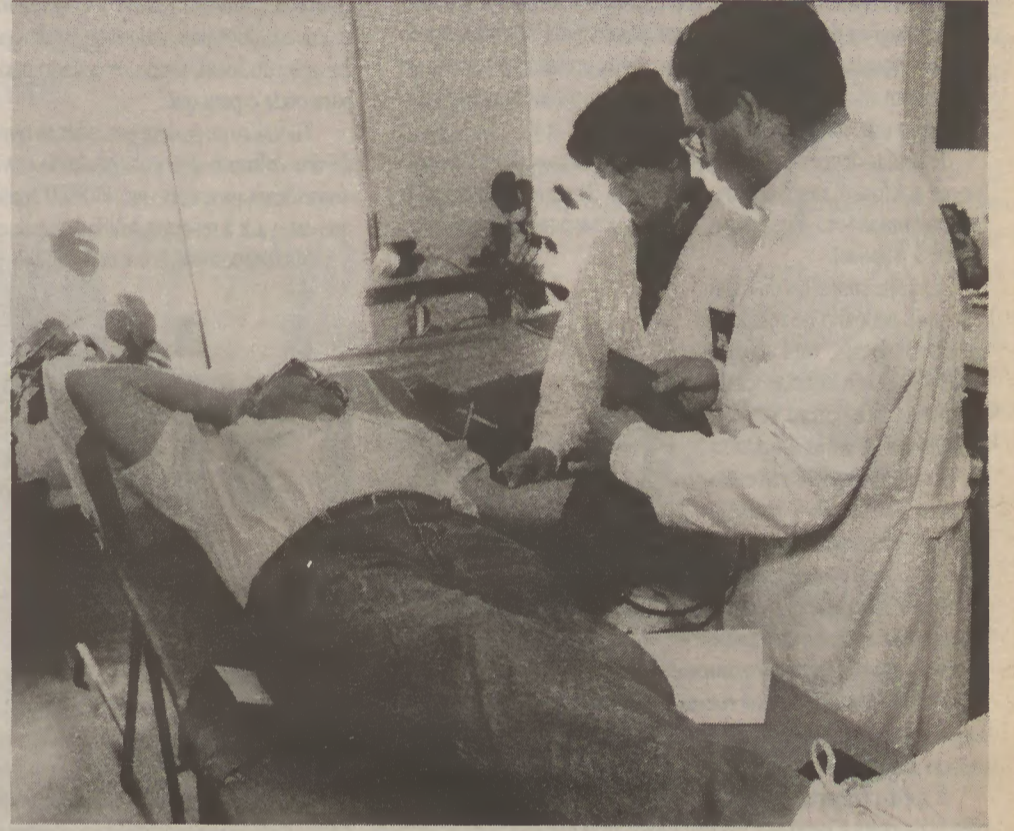
É preciso afirmar que enquanto a estrutura da despesa com a saúde não sofrer uma discriminação positiva em favor da promoção da saúde e do reforço dos potenciais de saúde individuais e comunitários, a espiral dos custos não sofrerá qualquer abrandamento, a procura de mais cuidados curativos manter-se-á cada vez mais exigente e os interesses associados à doença e à morte não cessarão de se reforçar.

Uma fracção significativa do orçamento saúde constitui o custo da falta de respostas a montante do sistema de saúde. É uma espécie de contribuição dos grupos sociais com maior bem-estar para se manter o actual das coisas. Os desperdícios e a desarticulação das componentes do sistema não são a explicação ou as principais responsáveis pelo aumento das despesas com a

saúde. A insistência neste argumento acaba por se transformar numa estratégia de ocultação dos verdadeiros problemas.

Ainda só se conhece uma maneira de reduzir ou conter os custos com a saúde: manter as pessoas com o maior número de anos sem doença ou incapacidade. Nenhum malabarismo técnico-financeiro ou de mercado conseguiu até à data emagrecer as despesas públicas da saúde. O mais que conseguem fazer é transferir responsabilidades de prestadores para utilizadores. A manutenção das pessoas com o maior número de anos saudáveis ocupa actualmente a agenda dos decisores políticos dos países europeus mais desenvolvidos. Essa preocupação veio agora a ser consubstanciada numa decisão do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia sob a forma de um Programa de Acção Comunitária de Promoção, Educação e Formação em Matéria de Saúde Pública, com um horizonte temporal até ao ano 2000.

O programa coloca a promoção da saúde entre as prioridades da acção comunitária, salientando que certos hábitos alimentares, a utilização descontrolada de certas substâncias químicas e de certos medicamentos, a utilização de drogas, o tabagismo e a poluição do ambiente constituem riscos para a saúde. Considera-se ainda que a promoção de bons hábitos em matéria de nutrição é indispensável para permitir que os cidadãos tomem opções reflectidas para uma alimentação adequada e adaptada às necessidades de cada um. Do ponto de vista instrumental, o programa define a escola como uma instância de importância capital para incutir nos jovens uma forma de viver saudável que permita reduzir as doenças e os acidentes; e que os locais de trabalho, as colectividades e as unidades de saúde desempenham igualmente um importante papel nesta estratégia.



Este programa, que aponta já o próximo paradigma em matéria de abordagem dos problemas da saúde, organiza-se em torno de uma estratégia local de base populacional, multidisciplinar, transectorial e interministerial. Nem de outra maneira poderia ser, quando se trata de uma matéria em que as suas determinantes se encontram organizadas tanto na agricultura, como no ambiente, na educação, no trabalho ou nas autarquias. Como se ainda não o soubéssemos, o que este programa nos vem exemplificar é que o Ministério da Saúde deve constituir o lugar de cruzamento e de potenciação dos múltiplos saberes e de todos os valores promotores da saúde. Espaço crítico, em que provavelmente, o acto ministerial não terá a solenidade e a exclusividade dos actos dos outros ministérios. Mas espaço em que a abertura, a complexidade e a sinergia melhor se combinam para melhor organizar, dar sentido e finalidade às competências e aos valores emergentes. Esta abordagem só dificilmente, e sempre enviesadamente, é compatível com a ideologia e a cultura dominantes. É necessária outra disposição psicológica e política para empreender esta tarefa.

Mais tarde ou mais cedo, como a realidade é mais forte do que a ficção, chegar-se-á a um momento em que a alternativa ao actual de coisa será a reatragem da missão do sistema de saúde no apoio aos processos que integrem os diferentes aspectos dos estilos de vida saudáveis a nível comunitário, começando no interesse que cada um tem pela manutenção da própria saúde, da saúde da família e do grupo social de pertença. Promover, prevenir e cuidar. Estas constituirão, porventura, as palavras-chave dos sistemas de saúde do terceiro milénio.

Referências
 1. Ashton, J.; Seymour, H. *The New Public Health*. Open University Press, 1988.
 2. Benzeval, M.; Judge, K.; Whitehead, M. (ed). *Tackling Inequalities in Health. An Agenda for Action*. King's 1995.
 3. Giraldes, MR.; Mielck, A. *Inequalities in Health Care: Review of Selected Publications from 18 Western European Countries*. Waxman Munster, 1993.
 4. DEPS. *Inquérito Nacional de Saúde*, 1987.
 5. INE. *Estatísticas da Saúde*, 1982 e 1992.
 6. DEPS. *Elementos Estatísticos. Saúde'93*.
 7. OCDE. *Health Data*. Paris, 1993.

* Intervenção proferida em recente conferência realizada em Aveiro no âmbito das iniciativas com que o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses assinalou o Dia Internacional do Enfermeiro.

Privatizações,

A RECENTE detecção de resíduos hospitalares contaminados, no concelho do Montijo, transportados, depositados e queimados com graves riscos para a saúde pública e o meio ambiente, no seguimento da concessão destes serviços a empresas privadas, é uma demonstração da falência dos argumentos que têm servido de justificação para a privatização generalizada de empresas e serviços públicos promovida pelos governos PSD e que o governo PS tem acelerado.

1. No seguimento de alerta da população à Junta de Freguesia de Sarilhos Grandes e à Câmara Municipal do Montijo, foram localizadas em 19 de Junho nas instalações da empresa Certécnica cerca de 50 toneladas de resíduos hospitalares contaminados, sacos pretos e sacos laranja (estes com resíduos dos blocos operatórios, incluindo restos humanos) que estavam a ser queimados.

Três dias depois (24/6), aparecem, nos armazéns da empresa Neves e Afonso, mais algumas toneladas de resíduos hospitalares contaminados. Em ambos os casos a responsabilidade é da empresa Soposel.

A par de suspeitas da existência de depósito de resíduos em outros locais, vem ainda a saber-se que em instalações do complexo da empresa Vervite, também no Montijo, alugado à Lavotel (pertencente ao mesmo grupo da Soposel) haviam sido queimados resíduos hospitalares e que outros processos irregulares como a lavagem de roupa oriunda de hospitais em conjunto com roupa de hotéis; o transporte de roupa suja e lavada nos mesmos meios de transporte e por vezes em conjunto; e o lançamento de águas residuais para o meio natural tinham aí lugar.

A forma como se processavam os transportes e a queima pela calada da noite é significativa da consciência que os responsáveis dessas empresas tinham da gravidade do que estavam a fazer.

Os transportes não eram adequados, as condições de depósito eram inimagináveis. A queima promovida na base da rega com gásóleo e inflamação a temperaturas de poucas centenas de graus, quando os resíduos hospitalares só são descontaminados à temperatura de 1100 graus, traduzia-se não em incineração, mas numa transferência da poluição do solo para o ar com a respectiva disseminação.

2. Não se trata de um acontecimento fortuito: tem razões, responsáveis e consequências.

Estamos perante um conjunto de empresas (Soposel, Hospigest, Lavotel, Visagest, etc.) do mesmo grupo e pertencentes a proprietários com fortes ligações ao PSD e com responsabilidades na área da saúde durante os governos do PSD (havendo mesmo um deles com processo em curso por alegados favores a uma destas empresas na concessão da remoção dos resíduos hospitalares no Hospital Curry Cabral).

Havendo uma capacidade de tratamento e incineração instalada a nível nacional semelhante à quantidade de resíduos hospitalares contaminados produzidos (cerca de 1150 toneladas/mês), verificando-se apenas um défice na zona de Lisboa, facilmente superável com a construção de três unidades de incineração (aliás prevista para os Hospitais de Stª Maria e Torres Vedras), os governos do PSD ao longo dos últimos anos não investiram na sua construção, instalaram o caos na gestão do sistema e foram concretizando o seu plano privatizador com o grupo de empresas que lhe era próximo e ganhou sucessivos concursos.

É assim que, entre outras actividades, fica à responsabilidade deste grupo de empresas a remoção e tratamento dos resíduos dos hospitais de S. Francisco Xavier, Curry Cabral, S. José, Santa Marta, Egas Moniz, Capuchos, Estefânia, José de Almeida, Garcia de Orta, Distrital do Barreiro, Fernando Fonseca (Amadora/Sintra), das maternidades Alfredo da Costa e Magalhães Coutinho e de diversas clínicas privadas.

São empresas que não só não tinham capacidade técnica e recursos humanos para realizarem estes serviços, como não possuíam instalações e meios técnicos para o fazerem. É significativo que o "trun-

fo" que apresentaram para ganhar os concursos tenha sido o facto de terem também conseguido a privatização (por concessão da exploração) das incineradoras dos hospitais públicos (Garcia de Orta e Distrital do Barreiro) com capacidade para incinerar 60 a 80 toneladas. Incineradoras que no entanto não davam resposta à incineração de cerca de 300 toneladas de resíduos hospitalares por mês resultantes do elevado número de concursos que ganharam.

A forma como agiram e a preocupação que tinham com a saúde pública é ainda ilustrada pelo facto de a Hospigest, quando perdeu a concessão da exploração da central incineradora do

qualidade

Hospital Fernando Fonseca, e havendo ainda cerca de 9 toneladas de resíduos para incinerar, ter recusado a proposta da sua incineração do local, tendo-os levado para a margem sul. Já se vê para onde e para quê!

Tudo isto se poderá perceber se tivermos presente que se trata de um vultoso negócio, podendo envolver só na área dos resíduos somas na ordem dos 400 000 contos anuais para os volumes que estavam à responsabilidade deste conjunto de empresas.

Mas se todo este processo é indissociável das orientações priva-

e serviços públicos

(a propósito do escândalo dos resíduos hospitalares contaminados, detectados no Montijo)

tizadoras dos governos do PSD, e da forma como se estabeleceram ligações entre responsáveis partidários e os serviços do Estado, para estas empresas ganharem chorudos contratos, não deixa de ser significativo que empresas a que estão ligados responsáveis do PS no concelho do Montijo e no Distrito de Setúbal, que se apresentam como dos melhores defensores das suas terras, estejam envolvidas no estabelecimento de contratos, de aluguer de instalações para estas práticas, assumindo assim também elevadas responsabilidades nos graves atentados ao ambiente e à saúde pública que estes acontecimentos revelaram. E isto tem tanto mais significado quanto houve contactos com outras empresas da zona (chegando mesmo a ser formuladas propostas tentadoras a algumas para suspenderem a sua laboração normal de modo a dedicarem-se à queima de resíduos) que tiveram o bom senso e o sentido de responsabilidade de recusar ao saberem do que se tratava.

3. Em contraste com a acção pronta da população, das Juntas de Freguesias e da Câmara Municipal do Montijo, não podem deixar de ser salientadas as contradições do governo que tem a responsabilidade de resolver o problema, a lentidão com que tem vindo a actuar e as tentativas de confundir responsabilidades.

Depois de, pela voz do Secretário de Estado do Ambiente, quando da sua ida ao local em 21/6, ter sido dito que os resíduos hospitalares seriam removidos pelo Ministério da Saúde nas próximas horas e de pouco depois, outro responsável do Ministério do Ambiente ter referido que seriam retirados no "próximo fim-de-semana" (até 24/6), o processo de retirada dos resíduos iniciou-se de facto mas foi entretanto suspenso.

A vigilância dos armazéns e a presença de elementos dos ministérios que têm a responsabilidade do processo deixou de se verificar obrigando a Câmara a retirar os trabalhadores que tinha destacado, apesar de não ser da sua responsabilidade, para ajudar a uma mais rápida retirada dos resíduos.

Foi preciso um mês com os resíduos acumulados, constituindo um perigo para a saúde pública, para que no essencial fossem removidos. A limpeza e desinfecção dos locais continuam por fazer.

Afirmou-se que iria ser instaurado um processo-crime contra os responsáveis desta situação, mas até agora não há resposta sobre os seus resultados. Continua sem ser apurado se há depósito de resíduos em outros locais.

Face a tal comportamento, há quem se interrogue se esta lentidão terá algo a ver com as ligações de responsáveis do PS a empresas que alugaram instalações para o depósito de resíduos?

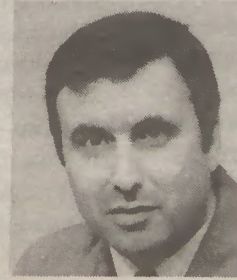
Actuando no quadro do ditado "depois de casa roubada, tranças à porta", o governo anunciou algumas medidas. Foram dadas orientações para a suspensão de contratos com empresas responsáveis por esta situação. Foi assumido que os SUCH (Serviços de Utilização Comum dos Hospitais) vão assegurar o tratamento dos resíduos hospitalares. Foram alteradas as regras de classificação dos resíduos em hospitais para facilitar o seu tratamento. Foi assumido o compromisso de regulamentar o Decreto-lei 310/95 sobre resíduos.

Mas a posição do governo PS é de molde a criar fundadas interrogações em relação ao futuro. Começam a surgir novos lobbies e o Secretário de Estado da Saúde, ao mesmo tempo que anunciou que os SUCH iam assegurar este serviço, disse que terá todo o gosto de no futuro ver privados a concorrer à sua concessão. Ainda não estão resolvidas as nefastas consequências deste processo, ainda não estão apuradas responsabilidades, e já o PS vem admitir a continuação das orientações privatizadoras com consequências inevitavelmente próximas das que estão à vista. É esclarecedor!

4. A solução do problema dos resíduos hospitalares contaminados exige a concretização de medidas imediatas e uma solução definitiva.

Medidas imediatas como: a urgente remoção dos restos dos resíduos ainda depositados; a lavagem e desinfecção da zona afectada; a investigação sobre outros locais de depósito ou queima ilegal; o cancelamento efectivo dos contratos com este conjunto de empresas; o apuramento e punição dos responsáveis.

Uma solução definitiva que passa pela criação e gestão eficiente de um serviço público nacional com a construção das centrais de incineração em falta (Stª Maria e Torres Vedras), a con-



Francisco Lopes
Membro
da Comissão Política

A situação dos resíduos hospitalares contaminados, agora revelada, é um alerta sobre outras situações semelhantes, na área da saúde ou em outros sectores, e constitui um importante elemento de esclarecimento sobre a política de direita dos últimos anos quanto às privatizações, sem que para nós esteja em causa o papel do sector privado no quadro de uma economia mista

servação das existentes, a regulamentação e cumprimento da legislação, a definição de normas rigorosas para a separação, transporte e incineração de resíduos de modo a garantir a sua redução e tratamento, e exigentes mecanismos de fiscalização.

5. A situação dos resíduos hospitalares contaminados, agora revelada, é um alerta sobre outras situações semelhantes, na área da saúde ou em outros sectores, e constitui um importante elemento de esclarecimento sobre a política de direita dos últimos anos quanto às privatizações, sem que para nós esteja em causa o papel do sector privado no quadro de uma economia mista.

As práticas verificadas são consequência não de uma particular conjugação de má formação de pessoas, mas acima de tudo de uma política cujos valores são em primeiro lugar o lucro, ao qual tudo é sacrificado.

A privatização não aconteceu porque os serviços públicos não respondessem, ou não estivessem em condições de responder, mas por opção política dos vários governos, que em vez de apostar no serviço público e no investimento no sector, privilegiaram a privatização e as negociatas.

Ao contrário do que afirmam os detractores do serviço público, arautos das privatizações, este processo de concessão pode ter servido para transferir enormes verbas dos hospitais para acumulação de lucros nestas empresas privadas mas não deu lugar (como está à vista) a rigor, qualidade ou bom serviço

A situação dos resíduos hospitalares contaminados veio no fundo contribuir para pôr a nu que a fúria privatizadora, a toda a hora apresentada como sinal de modernidade, necessidade económica, factor de qualidade de serviços e de poupança de recursos, tem afinal consequências bem diferentes e bastante nocivas para os interesses nacionais, as condições e a qualidade de vida dos portugueses.

Crónicas estivais

Em vésperas de Agosto com o cheiro das férias próximo permitam que opte, desta feita, não por um artigo sobre um tema específico mas por um conjunto de pequenas crónicas soltas voando sobre alguns acontecimentos que fizeram notícia nas últimas semanas o que permitem alguns retratos «à lá minute» da nova maioria rosa. Vamos lá então a estas crónicas estivais...

Os jobs e os boys

Cláudio Torres tomou posse do cargo de director do Parque Natural do Guadiana. Logo se ouviram a vozes do Presidente da Federação Distrital do Beja do PS e Governador Civil, o inefável António Saleiro, reclamando contra a perda de um job para os boys e ameaçando demitir-se. Mas diga-se a verdade não reclamou sozinho. Com ele reclamaram os boys colocados em Presidentes do CCRA e em Directores Gerais da Segurança Social, do Instituto da Juventude, do Centro de Emprego, do Hospital de Beja e futti quanti. Fugiu-lhes um lugar, provavelmente prometido para algum boy. Será por causa de mais alguns jobs que Saleiro defende tão encarniçadamente a «sua» regionalização? E que alguns boys terão procurado impedir a nomeação de Mário Barradas para Presidente do Instituto Português das Artes e Espectáculos? Mas seguramente que podem ficar descansados: o Eng.º Guterres tem jobs para contentar todos os boys.

Seis mil zeros a Matemática

O descalabro e o caos instalaram-se de definitivamente no sistema de ensino, em particular nos exames nacionais do 12.º ano. Provas com enunciados errados a necessitarem de dezenas de erratas algumas das quais nunca sequer apareceram. Exames com matérias que não foram ministradas durante o ano lectivo. Provas trocadas ou desaparecidas. 60% dos resultados de um dos exames de Matemática e 67% dos examinandos de Física com nota abaixo dos cinco valores. 6000 alunos a Matemática e 3500 a Física (40% dos alunos que se submeteram a exame) tiveram classificação final de zero valores. Até as bonificações terão sido mal aplicadas. É o sucesso do Pacto Educativo do PS!

Mas é sobretudo a política dos exames nacionais que está em causa. Vale a pena lembrar os avisos do PCP em Março e, particularmente em 8 de Maio, a propósito do novo sistema de exames: «este sistema» e «esta obstinação do Ministério da Educação em aumentar a selectividade no acesso ao ensino superior desligada da melhoria efectiva das condições de aprendizagem dos alunos, para além da perturbação que está já a provocar, não demorará a revelar a sua grave inadequação e a acarretar incalculáveis prejuízos para muitos milhares de estudantes.» E que diz a isto tudo o Senhor Dr. António Barreto, de repente tão oportunamente silencioso?

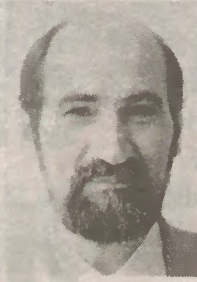
Voltam os coutos privados

Naquele seu tom de quem desceu à terra para levar a paz aos irmãos desavindos, o Governo anunciou que tinha resolvido todas as polémicas em torno da caça. Os caçadores do regime geral exigiam, e bem, que o calendário de caça nas reservas associativas e sociais fosse igual ao do regime livre, dois dias por semana? O Governo faz-lhes a vonta-

de mas para não desagradar aos defensores das reservas de caça aumentou para três dias por semana a calendário no regime geral. Logo contra si se levantaram as associações de defesa do ambiente e, particularmente os que se preocupam com a preservação dos recursos cinegéticos. Em resposta o Governo voltou à primeira forma, dois dias para todos. Já tem o protesto da Federação das Reservas de Caça Associativas. Ainda acaba em dois e meio. Os pequenos agricultores protestam, e bem, contra a inclusão à força das suas propriedades nas reservas de caça? Pois bem o Governo (sabendo aliás, que o Tribunal Constitucional estava prestes a declarar a inconstitucionalidade deste preceito da Lei da Caça) decidiu que doravante quem quiser pode desanexar as suas propriedades das reservas de caça e criar o seu próprio couto privado. Aplaudem os grandes proprietários do Alentejo que assim podem regressar aos privilégios que detinham antes do 25 de Abril. Mas não tarda aí teremos o protesto dos caçadores do regime geral. É a paz na caça. São as soluções à PS...

A ponte sobre o Tejo e os ambientalistas

A Comissão Europeia teria finalmente decidido financiar a nova ponte sobre o Tejo. O alargamento da Zona de



■ Lino de Carvalho

Protecção Especial do Estuário do Tejo em mais 400ha e o reforço da Comissão de Acompanhamento da Obra (CAO) foram algumas das exigências da Comunidade, que o Governo português aceitou para que o memorando de entendimento fosse assinado e assim o financiamento ficasse garantido. Contudo alguns grupos ambientalistas não estão satisfeitos afirmando que nada foi assegurado em matéria de ordenamento do território o que, a ser verdade, é grave. Mas seguramente que atento a tudo o que mexe o Primeiro-Ministro António Guterres já tem programado mais um jantar em S. Bento com aquelas associações onde, à volta de um repasto, o diálogo frutificará e o ordenamento passará à história.

Promessas eleitorais

Terminou o «ano político». Tradicionalmente é tempo de balanço e tendo em conta que estamos no final de 1.º ciclo desta maioria PS deve também ser tempo de conferir a concretização das promessas eleitorais. Hoje refiro-me a uma só. O célebre «Programa de Emergência» para o Alentejo em relação ao qual, para citar o PS – promessas, «o candidato a primeiro-ministro Eng.º António Guterres já reclamou publicamente, por mais de uma vez o seu empenho na aplicação daquilo que designou como um plano de emergência para o Alentejo. Afinal não passou de ilusão eleitoral. A Ministra do Emprego já declarou recentemente, em Viana do Alentejo, que não há programa de emergência nenhum. E agora? Será que podemos voltar com as eleições atrás?

Não esquecer o PSD A alternativa é à esquerda Com o PCP

Mas atenção. As críticas justas ao PS e ao seu Governo não podem fazer esquecer os tempos e as responsabilidades do PSD. Quando o PSD vem hoje, querendo de novo passar uma esponja sobre o seu próprio passado e o seu próprio projecto, exigir, propor e prometer emprego, transparência, modificação do financiamento dos partidos políticos, fim às listas de espera na saúde, um sistema de ensino justo, etc. é preciso lembrar que foi precisamente o PSD, durante década e meia no poder, que lançou Portugal na crise e os trabalhadores no desemprego. Não há pirueta ou truque de Marcelo Rebelo de Sousa que possa branquear esta herança ou escamotear que o projecto do PSD é estruturalmente o projecto do PS e vice-versa. E nós não devemos esquecê-lo nem contribuir para que seja esquecido. Os trabalhadores, o País, não o compreenderiam.

Porque a alternativa é à esquerda. Com o PCP. Com uma nova política.



Na Irlanda do Norte

Protestantes provocam atmosfera de guerra

■ Manoel de Lencastre

O cessar-fogo e o conseqüente processo de paz na Irlanda do Norte duraram dois anos. Foi todo um difícil período de tortuosas negociações entre as partes envolvidas, vivido em condições constantemente precárias. O bloqueio exercido pelo governo britânico ao «Sinn Fein» e ao «IRA» correspondeu à influência e ao exercício de pressões múltiplas dos partidos ditos protestantes mas que, na realidade, são partidos reaccionários, capitalistas, burgueses, partidos que lutam pela eternização da divisão da Irlanda e da União do Ulster com a Grã-Bretanha, no Reino Unido.

Estes partidos, o UUP (Ulster Unionist Party) dirigido pelo político direitista, David Trimble, e o DUP (Democratic Unionist Party) de que é dirigente supremo o fanático dos fanáticos, o reverendo Ian Paisley, têm o destino do governo britânico nas mãos. Na realidade, os votos dos seus deputados à Câmara dos Comuns são absolutamente essenciais para a sobrevivência da administração conservadora de John Major cuja maioria é, neste momento, de um voto, apenas. Isto explica muito do que está a passar-se na Irlanda do Norte.

Não podemos, entretanto, deixar passar sem referência as posições oscilantes e totalmente desprovidas de princípios assumidos pelo governo da República da Irlanda a que preside um político anglófilo, John Bruton, que em nada contribuem para esclarecer ou simplificar a situação. A verdade é que a República da Irlanda está a viver um momento especial da sua acidentada trajectória. A tirar partido de largos subsídios da chamada «União Europeia» e eternamente empenhada aos meios financeiros da City, a independência do país exprime-se com imensas vacilações. Muitos irlandeses preferem fechar os olhos à realidade da sua Pátria dividida para poderem continuar, alegremente, a viver a crédito. Já se fala na possível adesão de Dublin à NATO e a outras organizações do imperialismo. É nestas complexas condições, portanto, que o «IRA-Sinn Fein» ergue a bandeira republicana perante o mundo como símbolo da resistência ao domínio colonial britânico e da vontade de todos os patriotas de viverem numa Irlanda unida e livre.

Julho, mês dos fanáticos

Na Irlanda do Norte, o mês de Julho é sempre fervente e dramático. E este ano, particularmente, os problemas apresentavam-se com particular gravidade dadas as estratégicas eternas recusas do governo inglês a aceitar o «Sinn Fein» à mesa das negociações políticas apesar do peso eleitoral demonstrado por este partido nacionalista, recentemente. Segundo o governo do funcionário Major, o «Sinn Fein», para poder exprimir o valor crescente da sua influência democrática e eleitoral nas discussões das condições de paz e democratização do país, teria de pôr fim aos laços que o unem ao IRA e declarar-se, inequivocamente, pela mesma falsa democracia que os partidos protestantes e capitalistas, maioritários, defendem. Numa palavra: teria de auto eliminar-se.

Quanto ao IRA (Irish Republican Party), os britânicos exigiam-lhe uma nova e mais sólida declaração de cessar-fogo e a entrega dos seus arsenais de armamentos e munições. Mas, contraditória e cinicamente, John Major e os seus ministros, trabalhando sob a constante pressão dos protestantes e dos secotres do Partido Conservador que apostam na eternização da divisão da Irlanda, não admitem o reembarque do Exército britânico de ocupação e vacilam quanto ao desarmamento das organizações para militares dos chamados lealistas (UDP, PUP e outros).

É durante o mês de Julho, portanto, que os protestantes orangistas costumam celebrar as vitórias dos invasores ingleses e escoceses que, sob as bandeiras de Guilherme de Orange e dos fanáticos presbiterianos e calvinistas, invadiram a Irlanda há 306 anos. Foi uma invasão entre muitas que tinham tido lugar desde há mais de cinco séculos. Mas esta vinha com rótulos diferentes e dera lugar às vitórias em Newry, Enniskillen e Derry, e na batalha da Boyne. A Irlanda apenas resistiu em Limerick para salvar Dublin, mas a ocupação do Ulster, a região de mais férteis terras, processou-se com estranha brutalidade. Então, ao mesmo tempo que se apossavam das melhores terras, os protestantes iniciaram uma política de limpeza relativamente aos católicos e nacionalistas. Esta política mantém-se e os resultados da mesma estão perfeitamente à vista. Tal como hoje, o estandarte dos protestantes procura ocultar um outro que é o deles, também, o do

proclamação da República em todo o resto do país cuja capital é Dublin.

Hoje, o Ulster é uma colónia onde o controlo dos meios de produção e de todo o aparelho económico-financeiro permanece nas mãos dos protestantes. Todos os melhores empregos vão para eles, evidentemente, enquanto a administração política é exercida pelo governo de Londres, directamente. Os protestantes vivem confortavelmente nesta conjuntura e os seus partidos, apesar de se intitularem como democráticos, não estão minimamente interessados na democracia real. Possuem tudo o que mais lhe interessa. Ser-se protestante na Irlanda do Norte é viver-se na esfera do capitalismo e estar em união com o poder central. Ser-se católico, nacionalista, patriota, é viver-se marginalizado, desempregado, excluído, colonizado, é ser-se cidadão de segunda classe a caminho da escravatura.

Barricadas

No dia 11 do mês corrente, parecia que a Polícia do Ulster, a temível RUC (Royal Ulster Constabulary), cujos efectivos, muito bem remunerados, são recrutados a 100% no campo protestante, estaria disposta a proibir a provocatória marcha dos protestantes, em Drummerse, através da Garvaghy Road, em plena zona católica.

Mas o Chief Constable (chefe da Polícia), Sir Hugh Annesely, mudou de intenções e cedeu. Políticos e cardeais, moderadores presbiterianos, presidentes metodistas, tinham procurado fazer ver a Sir Hug o perigo que a sua mudança de atitude continha. Mas os dirigentes protestantes agiam de uma forma para a publicidade e de outra para a realização dos seus verdadeiros objectivos. A sua má-fé era evidente. Quando

Sir Hug capitulou, a marcha dos fanáticos avançou em território residencial católico, e as emoções a que deu lugar resultaram em numerosas prisões, casos de intimidação, ameaças, cenas de provocação aberta, disparos de armas de fogo.

Dias depois, erguiam-se barricadas em Belfast e, no dia 15, toda a Irlanda do Norte estava colocada perante a ameaça de uma nova onda de terror. Uma potente bomba explodiu no Killyhevlín Hotel, em Enniskillen, causando ferimentos em 17 pessoas que assistiam a um casamento. Em Derry, onde tiveram lugar as mais poderosas manifestações do povo católico contra os excessos a que se via submetido, 41 polícias e 11 civis ficaram feridos, em escaramuças e rencontros que paralisaram a cidade.

No centro, explodiram cerca de 900 «cocktails Molotov» e numerosos estabelecimentos foram incendiados. Em Portadown, Newry, Newcastle, verificaram-se desordens e protestos constantes das populações católicas contra as sucessivas autorizações para as marchas de provocação e ódio dos protestantes sob a protecção da polícia.

Em Belfast, a Falls Road (católica) conheceu dias de atmosfera de guerra e o chefe republicano, Martin McGuinness, teve de fazer um firme e vibrante apelo à calma depois de o operário Dermot McShane, de 34 anos, ter sido mortalmente trucidado por um «Land Rover» da Polícia. Os protestantes ergueram barricadas em todas as zonas de entrada na cidade. As ruas estavam desertas. Lojas, restaurantes, «pubs», tudo fechou. E, finalmente, nesta atmosfera de chamas, terror e morte, com o processo de paz em ruínas e o governo britânico a gritar, hipocritamente, «democracia», os fanáticos orangistas marcharam na capital do Ulster para darem satisfação a sentimentos incompreensíveis e inaceitáveis no nosso tempo. Tudo devido à capitulação do chefe da Polícia, ao cinismo do governo do funcionário Major e à passividade chocante de governo da República da Irlanda, em Dublin.

Aumentos de salários

No quadro dos aumentos de ordenados recomendados à Câmara dos Comuns, vão ser beneficiados os seguintes:

Primeiro-Ministro que passa de 20 208 contos anuais, para	34 320 contos
Ministros do Gabinete de	16 870 " " "
«Speaker» dos Comuns de	16 870 " " "
Chefe da Oposição de	15 408 " " "
Deputados aos Comuns de	8.180 " " "

capitalismo. Na verdade, sob a falsa bandeira dos princípios religiosos anticatólicos e antipapistas, os protestantes estabeleceram e aprofundaram em todo o Ulster (Irlanda do Norte) relações de produção capitalista que eram, ainda, mal conhecidas nas restantes províncias da Irlanda. Simultaneamente, construíram íntimos laços de união (estilo colonial) com a Grã-Bretanha. E esta situação conseguiu sobreviver à conquista da independência e à



MUD Juvenil

■ Pedro Ramos de Almeida

A luta pela legalidade na vitória da Revolução

1. "Do triunfo do justo desenvolvimento do movimento da juventude, da sua envergadura de massas depende a vitória da luta de classe dos trabalhadores", afirmava Dimitrov perante o VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, citado por Octávio Pato, que fora igualmente membro destacado da primeira Comissão Central do MUD Juvenil, na IV Reunião Ampliada do Comité Central do PCP, em S. Pedro do Estoril, em Dezembro de 1953.

Tal como Álvaro Cunhal destacará no Informe Político do Secretariado do CC ("Luta pelo Pão, pela Liberdade e pela Independência"), ao I Congresso Ilegal do PCP (III Congresso), no Monte Estoril, em Novembro de 1943: "Unidade da Jovem Geração! Esta deve ser a bandeira dos jovens comunistas e tornar-se-á a bandeira de toda a juventude trabalhadora e progressista. Reconciliação da Juventude Portuguesa para a luta pelo pão, pela cultura, pelo amor, pela liberdade e pela democracia!"(...)

E até antes: "O maior auxílio que o Partido pode dar à FJC [Federação das Juventudes Comunistas], ao movimento comunista é, não ajudar penosamente a criar um aparelho ilegal da FJC, mas fomentar, desencadear e dirigir em toda a parte movimentos e lutas da juventude."

Ou como, no mesmo Congresso, Sérgio Vilarigues colocará, por sua vez, o dedo na mais dolorosa ferida da questão juvenil - a sua divisão e alienação: "É certo que actualmente a juventude portuguesa anda muito espalhada, anda muito afastada de si mesma, mas isso deve-se, em certa medida, a nós não termos sabido uni-la numa ampla frente de luta contra o fascismo."

Em VII.1946, no Informe Político ao II Congresso Ilegal do PCP (IV Congresso), reunido na Lousã, Álvaro Cunhal salientará: "No nosso país, apesar do esforço levado a cabo em 1936/37, apesar da tentativa de reorganização em 1938, apesar da reorganização em 1940/41, apesar das Resoluções do I Congresso Ilegal, não conseguimos levar a cabo a "viragem radical" que se impunha ao movimento juvenil comunista.

(...) "Qual é a nossa tarefa? A nossa tarefa é criarmos um amplo movimento juvenil de massas e uma vasta organização juvenil de massas, que eduque os jovens no espírito do marxismo-leninismo.

"Num país fascista como o nosso, onde temos sido forçados à mais estrita ilegalidade, uma organização juvenil de massas não é possível constituir-se ilegalmente. (...) Não há boas vontades, heroísmos ou sacrifícios, não há militantes por mais dedicados, activos e capazes, que consigam edificar uma organização de massas juvenil ilegal. Sendo assim, quaisquer organizações juvenis de massas terão de ser legais. É em organizações e em movimentos legais da juventude que educaremos os jovens trabalhadores e a juventude em geral no espírito do marxismo-leninismo, e não em organismos estreitos e sectários, separados da vida corrente da juventude, dos seus problemas diários(...)."

Para acrescentar um pouco mais adiante: "Existem condições para a criação de uma tal organização e ela está a desenvolver-se rapidamente. Refiro-me ao MUD Juvenil. No alargamento a todo o país do MUD Juvenil, na formação de Comissões de Unidade Democrática de jovens nas empresas, em todos os locais de trabalho, nas escolas, nas organizações de massas (...) o MUD Juvenil oferece condições para se tornar uma grande organização progressista unificada da juventude portuguesa. (...) A nossa tarefa é organizarmos a juventude em todas estas organizações legais de massas e organismos juvenis e, em especial, no MUD. À base das organizações devemos mobilizar a juventude para a luta."

Um ano depois, em VII.1947, reforçará mesmo esta sua apreciação: "O MUD Juvenil constitui pelo que é e pelas perspectivas que se lhe oferecem, o mais importante movimento de massas jamais existente no nosso país."

É indiscutível que, muito mais que qualquer outra força política democrática, o PCP contribuirá, na acção e na teoria, com a sua experimentada linha unitária de massas, para o avanço e imposição legal do MUD Juvenil.

É de notar o que, sobre esta iniciativa unitária histórica do PCP no campo da juventude, afirmará Mário Soares: "Foi o MUD Juvenil, anos depois, muito acusado de ser uma emanação do Par-



tido Comunista. A 'jurisprudência política' dos Plenários, a partir de 1951, vai nesse sentido. Com experiência de causa posso dizer que assim não foi, não obstante alguns dos seus dirigentes estarem ligados de facto ao Partido Comunista ou sofrerem a sua influência. O Partido Comunista foi um dos motores do MUD Juvenil: mas não o único. A par deles existiu a influência dos [ou de?] dirigentes do MUD e do próprio esquema do trabalho político que desenvolvíamos, alheio a preocupações partidárias."(*)

Falar do MUD Juvenil é uma das tais conversas que, por qualquer razão obscura, tem mudado com os tempos!

Nos anos 50, nos anos da guerra fria e do salazarismo alimentado e amparado pelas chamadas democracias ocidentais, actuais potências imperialistas da União Europeia, poucos jovens respeitáveis, ou pelo menos mais preocupados com o seu futuro, tinham tendência para se envolverem na história activa do nosso Movimento...

Hoje, já os ex-aderentes do MUD Juvenil se multiplicam sem que, entretanto, pareçam crescer proporcionalmente os democratas e os patriotas dispostos a ter iniciativas unitárias e, eventualmente, alguns sacrifícios...

Será isto sintoma de que o Juvenil já não existe?

Então será talvez melhor recriá-lo, não para bem do nosso sossego, mas em benefício da nossa juventude, do povo e da democracia...

2. *Se bem me lembro, em fins de 1954* - nas vésperas das dezenas de prisões operadas pela PIDE que deram lugar ao processo do "Plenário" do Porto contra 50 réus, envolvendo o MUD Juvenil e a estrutura do Movimento da Paz daquela cidade e que veio a condenar o MUDJ como estrutura subversiva e "ramificação" do PCP - o MUD Juvenil teria em todo o continente entre mil e dois mil aderentes activos e organizados.

Em liberdade, estes números parecem terrivelmente modestos, quase caricatos. Sob o fascismo, entretanto, eles significavam, como movimento de opinião juvenil activo, um pequeno exército de agitadores, mobilizadores e resistentes em permanente acção, abrindo mossa na ditadura imobilista de Salazar.

Se desdobramos estes números nalgumas parcelas geográficas e sociais, nós veremos o MUD Juvenil com uma centena de aderentes no Porto (em que funcionava a Secção Norte da C.C.), S. Pedro da Cova, Gaia, Barcelos, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, etc., presente em escolas e fábricas, dominando associações estudantis e grupos culturais. Existência igualmente em Braga e Viana do Castelo, numa outra localidade de Trás-os-Montes, na Covilhã, etc.

Em S. João da Madeira havia uma trintena de jovens chapeleiros e sapateiros (era obrigatório ir lá de chapéu...), tal como em Aveiro existiam outros aderentes isolados.

Em Coimbra, entre estudantes e jovens trabalhadores (com uma colectividade própria) o seu número rondava a centena.

Na Marinha Grande (em que o MUD Juvenil tinha dois

jovens operários membros da Comissão Central), como em Alpiarça e no Couço; em Vila Franca de Xira, Santarém e Caldas da Rainha havia dezenas e dezenas de aderentes activos.

Em Lisboa e arredores, o MUD Juvenil traduzia-se em largas centenas de jovens aderentes, com forte influência do movimento associativo e cultural estudantil, com relevo para o Cine-Clube Universitário, num certo número de empresas, locais de trabalho e colectividades.

Em Almada, no Barreiro, no Seixal e em Grândola, em toda a Margem Sul, havia, como é sua tradição, centenas e centenas de jovens combativos e mexidos, com forte implantação em colectividades culturais e desportivas.

Pelo Alentejo interior, em Portalegre, Montoito, Évora, Beja, Aljustrel, Pias, Vale de Vargo, etc., etc., havia outras centenas e centenas de jovens trabalhadores, sobretudo operários agrícolas - entre os quais dois membros do Executivo da Comissão Central.

O MUD Juvenil marcava ainda, desde 1946, presença muito activa no Algarve (de que vários aderentes eram membros da Comissão Central), designadamente em Faro, Olhão, Portimão, Silves, Vila Real de Santo António, etc., etc.

O MUD Juvenil foi uma organização juvenil tão diferenciada, progressista e coerente que, contando entre os seus amigos jovens das ex-colónias, dirigentes já então de movimentos de libertação (como Agostinho Neto, Lúcio Lara, Marcelino dos Santos, Vasco Cabral, Luís Cabral (Goês), etc., etc.), soube respeitar desde sempre o movimento anticolonial e de libertação nacional que eles encarnavam. O MUD Juvenil até ajudou a criar - sete anos antes do início da luta armada de libertação em Angola - organismos centrais de cooperação juvenil com diversos agrupamentos juvenis anticoloniais portugueses!

Em todo este contexto, a batalha do MUD Juvenil pela legalidade foi parte integrante e destacada da luta popular pela liberdade e certamente uma contribuição importante para muitas vezes fazer recuar a repressão política, afinal para fazer avançar a consciência revolucionária portuguesa que preparou e assegurou o triunfo do 25 de Abril.

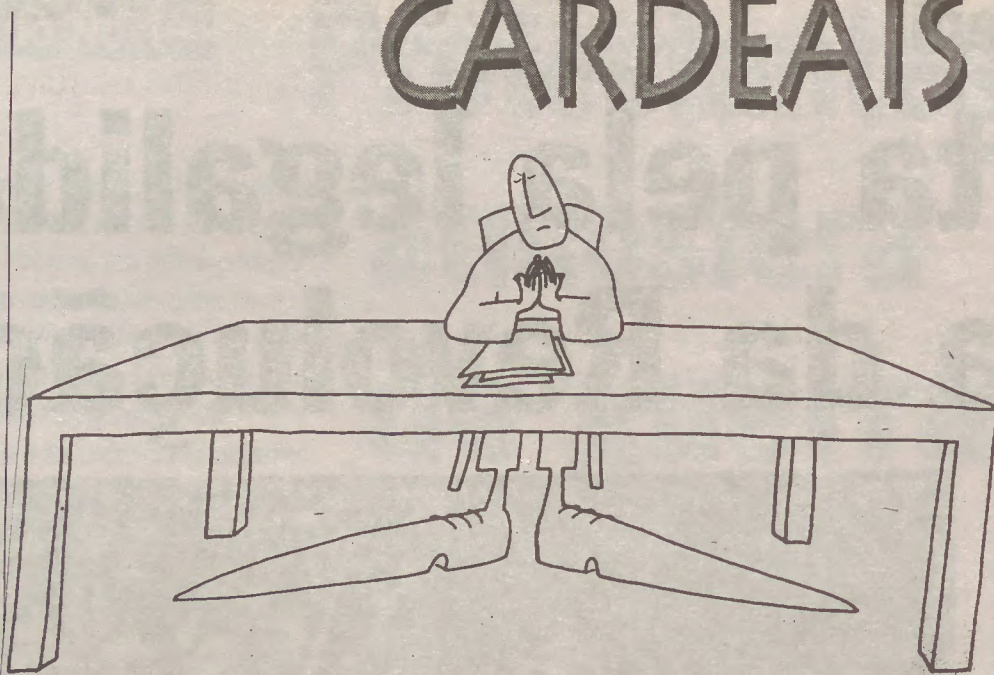
Ao contrário daqueles ex-dirigentes do MUD Juvenil que, desde Março de 1948, admitiam aceitar o seu desaparecimento a partir da "ilegalização" do MUD, foi a teima em favor da acção democrática legal que o fez conservar e desenvolver como movimento legal até 1957! Foi assim que, durante mais dez anos, a aspiração e a luta pela liberdade pôde ganhar e unir milhares e milhares de jovens portugueses!

Foram esta e outras vitórias da persistência democrática que ajudaram a criar e a fazer crescer a consciência popular que fizeram vencer o 25 de Abril, revolução antifascista e anticolonialista, lançando-nos, nacional e internacionalmente, numa vida democrática e pacífica.

(*) - Mário Soares: *Portugal Amordaçado, depoimento sobre os anos do fascismo*. Livraria Arcádia, 1ª edição em Português, 1974, pp. 119/120.

Arrogância americana

Ainda a procissão vai no adro e já os EUA, anfitriões desta edição dos Jogos Olímpicos - que assinala concomitantemente o seu 100º aniversário - mostram como estão na vida e encaram o mundo. Mais uma vez a arrogância norte-americana veio ao de cima nos Jogos de Atlanta, acumulando-se diariamente as desconsiderações, prepotências e imbecilidades auto-suficientes com que os organizadores mimoseiam quem ou o que lhes dá na real gana. As queixas vêm de todo o lado - de atletas empilhados em quartos, de equipas recambiadas para dezenas de quilómetros dos locais de competição, de competições igualmente atiradas para zonas inóspitas e de acesso difícil, como aconteceu à vela e ao remo localizadas em zonas pantanosas, de jornalistas tratados com os pés, de disciplinas desportivas tão importantes como o futebol sujeitas a vexames como a proibição de treinos para «não estragar os relvados» ou a contingência de terem de treinar



em terrenos agrícolas (!). Quanto à propalada «eficácia» americana, o desmentido não podia ser mais óbvio perante a confusão, às vezes a roçar o caos, com que este gigantesco espectáculo mundial está a ser gerido. São horários que não se cumprem, resultados que saem trocados, identificações feitas erradamente, burocracias que entopem multidões e geram bichas quilométricas, isto num clima inadequado e frequentemente penoso para a prática desportiva de alta competição.

Aliás, nada disto é novidade. Quem não se lembra dos anteriores Jogos Olímpicos também realizados nos EUA, em que a transmissão mundial da cobertura televisiva da prova magna dos Jogos, a Maratona - a tal que foi ganha por Carlos Lopes -, foi entrecortada, mesmo nos quilómetros finais, por imagens de outras competições em fase de apuramento e cuja importância residia no simples facto de nelas se verem atletas norte-americanos?

As cilindradas

Uma coisa chamada «T-Club da Quinta do Lago», no Algarve, é um local onde também se come, mas pela medida larga. Tudo, no sítio, está organizado para que os ricos deste país lá vão passear a fome de reconhecimento social a troco de balúrdios que alvarmente largam na conta bancária dos proprietários. Espreitam-se uns aos outros, atravancam-se à frente das objectivas fotográficas das revistas do *jet set*, confrontam

roupas e penteados, que é como quem diz costureiros e cabeleireiros, comunicam através de diálogos tipo «pecebe» e ficam todos muito felizes, que é, afinal, o que interessa. Entretanto mordiscam *hors d'oeuvres* de luxo, ingerem, aos hectolitros, champanhe francês e uísque puro malte e, no meio de inevitáveis arrotos, saem de lá convencidos que estão ainda mais finos do que entraram. Até aqui, não haveria motivo para se gastar uma linha com tão feliz gente. O caso só merece referência pela decisão da gerência do «T-Club», anunciada na imprensa da especialidade, em reservar o direito de estacionamento no parque VIP (mesmo junto ao restaurante) «apenas aos automóveis com mais de 1800 cc de cilindrada». A discriminação é flagrante, mas tem motivações transparentes: obedece à sacrossanta lei da oferta e da procura, com a última tã em alta que os proprietários do restaurante não tiveram dúvidas em regular as coisas como em casos que tais, começando por empurrar para longe... os mais «pobrezinhos». Que é como quem diz, os de

menor cilindrada. E ainda há gente com a esperança de que a luta de classes morreu!

Prussianos e roupa branca

Insólita, insólita foi a reivindicação apresentada pelos soldados alemães à Provedoria das Forças Armadas. Reclamavam eles contra o privilégio, concedido às mulheres que ingressaram na carreira das armas, do uso de roupa interior própria e, pior que isso - branca! - quando eles, os latagões germânicos, continuam a ser obrigados a usar cuecas verde-alface! Pensamos que o conflito pode sanar-se com facilidade, se os responsáveis pelas Forças Armadas alemãs tiverem o bom senso de corresponder à vontade das massas assim tão claramente expressa: distribuam-se cuequinhas brancas a todos os militares germânicos e fica o assunto arrumado. Os prussianos mais radicais que exigirem rendinhas, folhos ou transparências na sua roupa interior branca, que lhe dêem também. Assim já podem fazer gaifonas às suas camaradas mulheres, dizendo: «a minha roupa interior é mais bonita que a tua!».

PONTOS NATURAIS

Leituras de férias

O sono tranquilo

Não regresssei a minha casa até quase à meia-noite, de onde mandei avisar os meus colegas da Cidade do Cabo de que ia ser libertado no dia seguinte. Nessa noite, várias pessoas do ANC vieram a minha casa para redigirmos a declaração que eu faria no dia seguinte. Saíram às primeiras horas da madrugada e, apesar de toda a excitação, não tive problemas para adormecer.

Apenas um homem

Estou convencido de que a vida de minha mulher enquanto estive na prisão foi mais difícil para ela do que para mim. Ela tinha-se casado com

um homem que pouco depois a deixou sozinha; esse homem tornou-se um mito; e o mito regressou, provando ser apenas um homem, afinal.

O suficiente

As pessoas aprendem a odiar e, se podem aprender a odiar, também podem ser ensinadas a amar, porque o amor é um impulso mais natural no homem do que o seu oposto. Mesmo nos tempos mais sombrios da prisão, quando os meus camaradas e eu éramos levados a extremos, eu conseguia divisar um vislumbre de humanidade num dos guardas, talvez apenas durante um segundo, mas era o suficiente para me dar confiança e me fazer aguentar. A bondade do homem é uma chama que pode ser escondida, mas nunca extinta.

As terríveis palavras

A minha dedicação ao povo, aos milhões de sul-africanos que nunca encontraria nem conheceria, fez-se à custa das pessoas que eu conhecia melhor e mais amava. Era tão simples e ao mesmo tempo tão incompreensível como o momento em que uma criança pequena pergunta ao pai:

- Por que é que não podes estar connosco?
- E o pai ter de pronunciar as terríveis palavras:
- Há outras crianças como vocês, mesmo muitas... - e depois a sua voz fica abafada.

O segredo

Percorri esse longo caminho para a liberdade. Tentei não frquejar; dei passos errados ao longo do percurso. Mas descobri o segredo: que, depois de escalar uma grande montanha, apenas se descobre que há muitas mais montanhas para subir.

(De *Longo Caminho para a Liberdade*, de Nelson Mandela, edição Campo das Letras)



Mário Castrinho

Caridade... mas devagar

A princesa Diana divorciou-se do príncipe Carlos, herdeiro da coroa britânica, fotonovela que tem alimentado a comunicação fofoqueira do mundo inteiro, com grande proveito para os seus comerciantes. O divórcio foi tratado como um negócio de grandes dimensões, o que não é de estranhar porque, afinal de contas, a monarquia britânica é, essencialmente, um monumental negócio das classes dirigentes do País. Com um pormenor. A princesa Diana, que as *Holá* do planeta choraram por ter perdido o título de «Sua Alteza Real», após averiguar que «apenas» recebia cinco milhões de contos do ex-marido, fez as contas à vida e decidiu abandonar, duma assentada, a presidência de 100 instituições de caridade que tutelava, mantendo apenas as que, curiosamente, não têm dificuldades financeiras. Fazer caridade com o dinheiro dos contribuintes (como Diana e a generalidade da «Casa Real» sempre fizeram) é uma coisa, mas outra, bem diferente, é praticá-la com o dinheiro do próprio bolso - mesmo que ele esteja recheado com cinco milhões de contos... Pois.

AGENDA

Carlos Carvalhas nos Açores

O Secretário-geral do PCP encontra-se desde ontem e até dia 26 nos Açores, aonde se desloca a convite da CDU Açores para participar em mais um «Diálogo com os Açorianos», série de iniciativas que a Coligação tem vindo a promover.

Hoje, dia 25, Carlos Carvalhas visita as freguesias do concelho de Santa Cruz e as fábricas de lacticínios da União de Cooperativas das Flores e participa, às 21h, numa sessão pública a realizar na Sociedade Filarmónica Dr. Armas da Silveira, em Santa Cruz.

Sexta-feira, 26, Carlos Carvalhas visita as freguesias do concelho das Lajes e a Associação Agrícola das Flores.

Terça-feira na Margem Sul

Na próxima terça-feira o Secretário-geral do PCP, acompanhado por autarcas e dirigentes do PCP visita, no concelho do Seixal, a Zona Ribeirinha da Amora, recentemente recuperada, o aterro sanitário dos concelhos Seixal/Almada/Sesimbra situado em Vale de Milhaços e – cerca das 16h30 – o Centro de Dia da Associação dos Reformados, Pensionistas e Idosos.

Depois de um jantar-convívio a realizar no Restaurante do Horácio, Largo da Fonte Nova, em Setúbal, Carlos Carvalhas visita a Feira de Santiago



Novos valores musicais

Grande Final Distrital de BRAGA

Concluindo as várias iniciativas já realizadas no distrito, integradas na preparação da Festa do Avante!, intituladas «Novos Valores Musicais», realiza-se no dia 1 de Agosto, quinta-feira, a grande final distrital, que levará o vencedor até ao «Palco da Liberdade» - espaço novo criado este ano na Festa para dar oportunidade aos novos valores da música portuguesa.

O espectáculo é no Palco da Avenida Central, em Braga, e tem início às 21h30 com a actuação dos seguintes grupos:

RIFF (música rock)
MIGUELITO & FLÁVIO (música popular)
STEEL CRASH (música rock)
RIBANCEIRA (música alternativa)
THEMA (pop rock)

Vila Franca na Festa

No próximo domingo, 28, realiza-se na Quinta da Atalaia uma jornada de trabalho concelhia para que estão convidados todos os camaradas e amigos. O transporte está garantido para os que entretanto se inscreverem nos Centros de Trabalho do Concelho.

Também é possível fazer desde já inscrições (nos mesmos CTs) para os autocarros que nos dias 8 e 9 asseguram transporte directo para a Festa do Avante!

TRANSPORTES PARA A FESTA DO AVANTE!

Em Lisboa

TODOS OS SÁBADOS TEMOS TRANSPORTE PARA A FESTA

Saída do CT Vitória às 08h30
- Regresso da Atalaia às 18h

Jornada de Trabalho de Cascais no Domingo

No próximo domingo, 28, a Organização Concelhia de Cascais promove a realização de mais uma jornada de trabalho na Quinta da Atalaia, com apoio de uma camioneta que sairá de Cascais às 7h45 e passará sucessivamente por Alcabideche (07h55), Manique (08h), Alto de Tires (08h10), Rana (08h30), Parede (08h20), Sassoeiros (08h30).
O regresso da Festa é às 17h.

Visita ao concelho de Vila Franca

Uma delegação do PCP, em que também se integra António Filipe, visita na próxima sexta-feira o concelho de Vila Franca. Do programa faz parte, às 15h30, uma visita à Moapão e contacto com os seus trabalhadores; às 16h30 a visita à Extensão do Centro de Saúde de Alhandra em Alverca, seguindo-se a passagem pela Sociedade Filarmónica Alverquense. Na Póvoa de Santa Iria a delegação visita, a partir das 17h30, a nova estação da CP e os Bombeiros Voluntários, e em Alhandra (a partir das 18h45) o Alhandra Sporting Clube e a Zona Ribeirinha. Em Vila Franca a delegação tomará contacto nomeadamente com os problemas do tráfego rodoviário. Está prevista uma declaração à Imprensa, no fim do dia, sobre a visita efectuada.

Regiões Administrativas para Portugal
DEBATES COM O PCP

Em VILA FRANCA DE XIRA

Na próxima sexta-feira, 26, às 21h30, no Salão dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, o deputado do PCP António Filipe será o animador de um debate sobre a criação das Regiões Administrativas.

PORTO

MELRES

3 de Agosto

PIC-NIC

Camioneta do CT de Barão de S. Cosme às 09h00.

Inscrições nos CTs do PCP



debate

Os Jovens

e os

Sindicatos

27 Julho - 21h00
C.T. Campo do PCPcom a participação de
ROGÉRIO SILVA
Dirigente da INTERJOVEM

SETÚBAL

de 27 de Julho a 11 de Agosto

PAVILHÃO DO PCP / JCP
na Feira de Santiago

Terça-feira, dia 30:

visita de Carlos Carvalhas

26 / JULHO / 1996 - SEXTA-FEIRA - 21:30 HORAS

- LARGO CAMÕES -



FESTA CUBANA

VIVIANA y LAS MUCHACHAS DEL SON
SALSA CON FUEGO

EM FOCO

Quinta, 25

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Chefe, Mas Pouco
09.35 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
11.25 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 País Real
14.10 Clássicos da RTP
14.55 Herman Total
16.05 Infantil / Juvenil
16.55 Malha de Intrigas
18.05 Pedra Sobre Pedra
19.00 Azul
20.00 Telejornal
21.00 Top Moda
21.10 Primeiro Amor
22.30 Maria Elisa
00.20 24 Horas
00.35 RTP/Financial Times

RTP 2

11.30 Atlanta 96
13.30 Carrinha Mágica



«Frasier», uma série de humor repetidamente premiada: na TVI à terça-feira

13.30 Conan
14.00 Atlanta 96
19.30 A Última Fronteira
20.00 Atlanta 96
22.00 Jornal 2
22.35 Atlanta 96
23.15 Amor em Fuga
(de François Truffaut, Fr.-1978, com Jean-Pierre Léaud, Marie France Pisier. Ver Destaque)
00.50 Uma Cidade, Dois Mundos
01.45 Planeta Música: «Ritmos do Mundo»

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhões
21.20 História de Amor
22.20 Circo Scott
23.30 Grande Reportagem
00.30 Olimpíadas
00.55 Último Jornal
01.00 Contos Eróticos
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.20 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Ninho de Cucos
21.30 Martin
22.00 Os Centuriões
(de Mark Robson, EUA-1966, com Anthony Quinn, Alain Delon, Michèle Morgan. Ver Destaque)
00.20 TVI Jornal
00.50 Fora de Jogo
01.00 Jornal do Mundo
01.30 A Balada de Hill Street

Sexta, 26

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Chefe, Mas Pouco
09.35 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
11.25 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 País Real
14.20 Clássicos da RTP
15.50 Infantil / Juvenil
16.40 Malha de Intrigas
17.40 Pedra Sobre Pedra
19.00 Azul
20.00 Telejornal
21.00 Top Moda
21.10 A Mulher do Sr. Ministro
21.45 Primeiro Amor
22.45 A Mulher-Gigante
(de Christopher Guest, EUA-1994, com Daryl Hannah, Daniel Baldwin, William Windom. Telefilme / Fantástico)
00.20 24 Horas
00.35 RTP/Financial Times
00.45 Atlanta 96

RTP 2

11.30 Atlanta 96
13.30 Carrinha Mágica
13.30 Conan
14.00 Atlanta 96
19.30 A Última Fronteira
20.00 Atlanta 96
22.00 Jornal 2
22.35 Atlanta 96
23.15 A Noite Americana
(de François Truffaut, Fr.-1973, com Jacqueline Bisset, Valentina Cortese, Jean-Pierre Léaud. Ver Destaque)
01.10 Uma Cidade, Dois Mundos
02.05 Planeta Música: The Boston Pops Orchestra

SIC

09.00 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Olimpíadas
20.50 História de Amor
22.00 Miss Universo
22.30 Sim ou Não
23.30 Donos da Bola
01.10 Último Jornal
01.25 Playboy
02.25 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.20 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doido por Ti
22.00 As Cores da Vitória
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Booker

Sábado, 27

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
13.00 Jornal da Tarde
13.20 Atlanta 96
13.30 Top +
14.40 Beverly Hills 90210
15.30 Chefe, mas Pouco
16.05 As Aventuras de Dois Jovens
(de Norman Tokar, EUA-1976, com David Niven, Darren McGavin. Ver Destaque)
17.50 86-60-86
18.35 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.20 Chefe, Mas Pouco
22.50 Atlanta 96
05.00 O Tempo

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.00 Atlanta 96
13.30 Vida por Vida
13.40 Para Além do Ano 2000
14.00 Desporto 2
19.30 Semana ao Sábado
20.00 Atlanta 96
23.00 Um Homem em Casa
23.35 Já Não Ouço a Guitarra
(de Philippe Garrel, Fr.-1991, com Benoît Régent, Johanna TerSteege, Yann Collette. Ver Destaque)

SIC

08.30 Buéréré
12.00 O Mundo dos Animais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Malhação
14.40 Portugal Radical
15.10 A Leste do Paraíso
16.10 Justiça Negra
17.10 Médicos Sem Fronteiras
18.10 Anjos Caidos
(de Phil Joannou, EUA-1990, com Sean Penn, Ed Harris, Gary Oldman. Ver Destaque)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube VIP
21.20 Vira Lata
22.30 Big Show Sic
01.00 Olimpíadas
01.20 Último Jornal
01.35 Sexta-feira, 13 - Capítulo Final
(de Joseph Zito, EUA-1984, com Crispin Glover, Kimberly Beck. Terror)

TVI

09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.20 Automobilismo
15.30 Ténis
16.00 A Vituvinha Indomável
(de Richard Quine, EUA-1959, com Doris Day, Jack Lemmon, Ernie Kovacs. Ver Destaque)
18.00 California Dreams
18.30 Os Novos Intocáveis
19.30 Telejornal
20.30 Babylon 5
21.20 As Cores da Vitória
23.20 Últimas Notícias
23.40 Uma Explosão de Mulher
(de Duncan Gibbins, EUA-1991, com Gregory Hine, Michael Greene. «Thriller» / Ficção Científica)
01.40 A Jaula da Morte
(de Lang Elliot, EUA-1988, com Lou Ferrigno, Reb Brown. Acção)

Domingo, 28

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
10.30 Atlanta 96
14.45 Jornal da Tarde
15.05 Sem Limites
15.30 Made in Portugal
16.45 Alta Voltagem
17.20 100% Natural
17.55 Portugal ao Desafio
18.50 Casa Cheia
20.00 Telejornal
21.05 Enviado Especial
22.00 Primeiro Amor
22.50 Domingo em Cheio
00.15 24 Horas
00.30 Atlanta 96
05.00 O Tempo

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 O Homem e a Cidade - «Vila do Conde»
12.00 Euronews
12.45 Fórmula 1 - GP da Alemanha
15.00 Atlanta 96
00.45 O Tempo

SIC

08.30 Buéréré
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Malhação
14.40 Portugal Radical
15.10 Assuntos de Família
16.15 Guerra dos Mundos
17.15 Walker, o Ranger do Texas
18.15 Missão de Alto Risco
(de Peter Hunt, EUA-1987, com Charles Bronson, Jill Ireland. «Thriller Político»)
20.00 Jornal da Noite
20.45 Olimpíadas
20.50 Vira Lata
22.00 Pensão Estrela
22.30 O Exterminador - II
(de Mark Bunzman, EUA-1984, com Robert Ginty, Mario Van Peebles. Policial)

TVI

09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.25 Portugal Português
16.00 Horizonte Perdido
(de Charles Jarrot, EUA-1972, com Michael York, Peter Finch, Liv Ullmann. Fantasia Musical)
18.10 Desafios
18.40 Adultos à Força
19.30 Telejornal
20.15 Confissões de Adolescentes
20.50 Melrose Place
21.50 Saltimbancos
(de Manuel Guimarães, Port.-1951, com Maria Olgum, Helga Liné, Artur Smedo. Ver Destaque)
00.30 Últimas Notícias



Esta semana, Gulliver já se libertou dos liliputianos... mas é apanhado em novas fantásticas aventuras! Para ver à terça-feira na SIC

Segunda, 29

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Chefe, Mas Pouco
09.35 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP
15.10 Marco Paulo
16.25 Infantil/Juvenil
17.15 Notícias 1
17.20 Malha de Intrigas
18.00 Pedra Sobre Pedra
19.00 Azul
20.00 Telejornal
21.00 Queridas e Maduras
21.40 Primeiro Amor
22.40 Chefe, mas Pouco
23.20 24 Horas
23.25 RTP / Financial Times
23.45 Atlanta 96
05.00 O Tempo

RTP 2

12.00 Atlanta 96
13.30 Carrinha Mágica
14.00 Atlanta 96
19.00 Notícias 2
19.30 A Última Fronteira
21.50 Jornal 2
22.30 Atlanta 96
23.15 Cristo Proibido
(de Curzio Malaparte, It.-1950, com Raf Vallone, Elena Varzi. Drama)
00.50 Uma Cidade, Dois Mundos
01.40 Planeta Música - Grandes Árias

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Olimpíadas
20.50 História de Amor
21.45 Sai da Minha Vida
22.15 A Lei de Murphy
(de Jack Lee Thompson, EUA-1986, com Charles Bronson. «Thriller»)
00.15 Olimpíadas
00.35 Último Jornal
00.50 Contos de Arrepiar
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Pessoas Desaparecidas
21.30 Lar, Louco Lar
22.00 Corações à Solta
(de Andrew Lane, EUA-1992, com Eric Roberts, Beverly D'Angelo. Acção)
23.50 TVI Jornal
00.30 Fora de Jogo
00.40 Primeira Fila
01.10 Luta pela Verdade

Jogos Olímpicos, agora na fase das marcas mais emocionantes

Terça, 30

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Chefe, Mas Pouco
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.45 País Real
14.20 Clássicos da RTP: «Lá em Casa Tudo Bem»
14.45 Todos ao Palco
16.00 Infantil / Juvenil
16.20 Malha de Intrigas
18.00 Pedra Sobre Pedra
19.00 Azul
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.00 Jogos Sem Fronteiras
23.05 Ligações Perigosas
00.05 24 Horas
00.20 RTP / Financial Times
00.30 Atlanta 96
03.30 O Tempo

RTP 2

12.00 Atlanta 96
13.00 Carrinha Mágica
13.30 Conan
14.00 Atlanta 96
19.30 A Última Fronteira
20.00 Atlanta 96
22.00 Jornal 2
23.15 Cíumes
(de Pietro Germi, It.-1953, com Erno Griza, Marisa Belli. Drama)
01.05 Uma Cidade, Dois Mundos
02.10 Planeta Música - Jazz

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Jasmin
21.30 História de Amor
22.30 Cantigas da Rua
23.30 As Viagens de Gulliver
00.30 Olimpíadas
00.50 Último Jornal
01.10 O Feiticeiro
(de Sidney Lumet, EUA-1978, com Diana Ross, Michael Jackson, Lena Horne. Ver Destaque)
02.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.30 Os Julgamentos de Rosie O'Neill
21.30 Frasier
22.00 Gémeas na Morte
(de Tom Berry, Can.-1992, com Stephanie Kramer, Susan Almgren, Frederic Forrest. Drama)
24.00 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.35 Os Mistérios de Bill Cosby

Quarta, 31

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Chefe, Mas Pouco
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.45 País Real
14.20 Clássicos da RTP: «Canto Alegre»
15.10 Ligações Perigosas
16.30 Infantil / Juvenil
17.10 Malha de Intrigas
17.55 Azul
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.40 Todos ao Palco
23.50 24 Horas
00.20 RTP / Financial Times
00.30 Atlanta 96
05.00 O Tempo

RTP 2

12.00 Atlanta 96
13.00 Carrinha Mágica
13.30 Conan
14.00 Atlanta 96
19.30 A Última Fronteira
20.00 Atlanta 96
22.00 Jornal 2
22.30 Atlanta 96
23.15 Eugénia Grandel
(de Mario Soldati, It.-1946, com Alida Valli. Drama)
00.15 Planeta Música: «Beat Special»

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Olimpíadas
20.50 Pensão Estrela
21.20 História de Amor
22.30 Moda Mar Belíssima
23.30 A Lei do Mais Forte
00.30 Olimpíadas
00.55 Último Jornal
01.15 Toda a Verdade
02.15 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 O Assalto
(de Richard Brooks, EUA-1971, com Warren Beatty, Goldie Hawn, Scott Brady. Ver Destaque)
00.10 TVI Jornal
00.45 Fora de Jogo
00.55 Quase Modelo, Quase Detective



«As cores da vitória», uma série de ficção inspirada no Campeonato do Mundo de Futebol... de 1934. A partir de sexta na TVI



TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Os Centuriões

(Quinta, 22.00, TVI)

A lista de intérpretes é de «encher o olho» e o realizador, **Mark Robson**, é um dos mais hábeis rotineiros do cinema americano. Mas a história tem, certamente, que se lhe diga: o tenente de um batalhão de pára-quedistas franceses, acabado de regressar à pátria após a humilhante derrota na Indochina, é destacado para a Argélia onde explodia a guerra de libertação contra a ocupação colonialista e o nosso homem tem de haver-se

uma questão que sempre o terá acompanhado ao longo da sua carreira: «Será o cinema mais importante que a própria vida?»

A Viuvinha Indomável

(Sábado, 16.00, TVI)

Bem interpretada por **Doris Day** e sobretudo **Jack Lemmon** esta comédia sem grandes pretensões é baseada num facto real e conta-nos a história de uma proprietária de um viveiro de lagostas que se mete em complicações judiciais com uma companhia de caminho-de-ferro. Para ver, se houver muito calor lá fora!

Anjos Caídos

(Sábado, 18.10, SIC)

Com uns toques de **James Cagney** de mistura com sinais de **Scorsese-De Niro** (como justamente aponta **Leonard Maltin**), o filme debruça-se sobre os violentos conflitos e rivalidades que estoiram em Nova Iorque entre um trio de *gangsters* de origem irlandesa e a Máfia. A cinematização e o *design* da produção são cuidados, mas parece que o argumento padece de alguma debilidade.

Já Não Ouço a Guitarra

(Sábado, 23.35, RTP2)

Este filme já esteve previsto para a semana passada mas como tristemente se sabe, a RTP é fértil, até neste canal, em alterações de última hora. Se bem se recordam, o Boletim da RTP dava-nos uma pista acer-

ca do realizador desta história em que casos amorosos se cruzam e entrecruzam: «Philippe Garrel é um cineasta francês muito *sui generis* que, apesar de rodar filmes desde os anos sessenta, nunca alcançou o sucesso internacional ou a notoriedade de outros realizadores da sua geração e inscreveu toda a sua obra numa espécie de nicho de culto muito discreto.» A confirmar.

Saltimbancos

(Domingo, 21.50, TVI)

Um filme do início dos anos 50 onde se tenta fazer o retrato do mundo decadente, miserável e marginal de um circo itinerante. Um pedaço de «cinema social» e de realismo numa cinematografia então virada para o riso e a alienação. Com **Maria Olguim**, **Artur Semedo** e **Fernando Gusmão**, entre outros.

Paragem de Autocarro

(Domingo, 01.05, SIC)

Este filme é uma oportunidade a não perder numa semana de programação cinematográfica apenas razoável. Sendo porventura a primeira obra de **Marilyn Monroe** a demonstrar a sua extraordinária qualidade de atriz, nele brilham igualmente **Don Murray** e **Hope Lange**, ambos fazendo a sua estreia no cinema: o primeiro no papel de um desajeitado e inocente *cowboy*, na sua primeira experiência amorosa com uma cantora de *saloon* extremamente bela que, de forma comovente, se deixa render por essa mesma inexperiência. Mas o filme é também a demonstração da eficácia de um experiente e excelente director de actores, **Joshua Logan**.



Jacqueline Bisset e Jean-Pierre Léaud, numa cena de «A Noite Americana», de François Truffaut

com a guerrilha, da qual um dos líderes fora seu antigo oficial subordinado. Num tempo em que as «revisões da História» ainda continuam a render, é de estar atento...

Amor em Fuga

(Quinta, 23.15, RTP2)

O nosso já conhecido **Antoine Doinel** (personagem dos outros filmes anteriores deste ciclo dedicado a **Truffaut**) tem agora 35 anos. Divorciado da sua mulher **Christine**, ele reencontra várias personagens que marcaram a sua vida: **Colette**, sua primeira paixão, ou o senhor **Lucien**, ex-amante da sua mãe... Prisioneiro do seu passado, **Antoine** acaba por se apaixonar perdidamente pela... fotografia de **Sabine**, uma jovem empregada de uma discoteca. Este é o quinto e último episódio da saga de **Doinel** e **Truffaut** rodou-o por razões sobretudo comerciais. Talvez por isso, o resultado não lhe tenha agradado particularmente. Mas o filme continua a surpreender-nos com a sua fescunada, em particular nos impagáveis *flash-backs* que o realizador faz utilizando sequências dos filmes anteriores.

A Noite Americana

(Sexta, 23.15, RTP2)

«Noite americana» é o termo técnico que na terminologia profissional do cinema europeu se dá a um truque de filmagem praticado pelos americanos e através do qual (filmagem com sol a pique, utilização de filtros e subexposição) se conseguia imitar a noite fortemente iluminada pela lua - o que era consideravelmente mais barato em termos de produção. Daí a origem deste título que **Truffaut** utilizou para o filme hoje projectado pela RTP 2 e cujo argumento significativamente nos fala dos bastidores da rodagem de um outro filme e dos encontros e desencontros das suas personagens e intérpretes que o realizador escarpeliza admiravelmente do ponto de vista psicológico, ao mesmo tempo que analisa a complexidade das relações humanas em meio de uma criação artística. A propósito deste filme (galardoado em 1973 com o Oscar do Melhor Filme Estrangeiro) escreveu-se - e bem - que **Truffaut** havia colocado, sem responder,



Ted Ross, Michael Jackson, Diana Ross e Nipsey Russell, num bailado do filme musical «O Feiticeiro», de Sidney Lumet



Marilyn Monroe, numa sequência de «Paragem de Autocarro», filme de Joshua Logan

Inesquecível é outro momento alto do filme, a lendária versão de **Marilyn** de uma conhecida canção clássica: *That Old Black Magic*.

Corações à Solta

(Segunda, 22.00, TVI)

Alma, uma mulher de 30 anos, deposita esperanças de que um anúncio que colocou na imprensa vá ajudar a resolver os seus problemas. E o facto é que surge um investidor a quem ela confia as suas economias... até que este se ausenta para parte incerta. Só mais tarde **Alma** descobre, através da matrícula do carro, o paradeiro do homem que enganara e que afinal tinha outra identidade.... Um «thriller» que se diz ter sido realizado com eficácia e *suspense* q.b., com boas interpretações de **Beverly D'Angelo** e **Eric Roberts**.

O Feiticeiro

(Terça, 01.10, SIC)

Versão «negra» do célebre *Feiticeiro de Oz*, este entretenimento ao estilo Broadway (se bem que com alguma boa música de **Quincy Jones**) está longe de chegar aos calcanhares da fantasia original - o que surpreende, dado ter sido realizado por **Sidney Lumet** que, aqui, faz alarde das suas fraquezas em vez de puxar pelas suas qualidades. Com **Diana Ross**, **Michael Jackson**, **Lena Horne** e outros do género. Vê-se e ouve-se, mas sem grande entusiasmo.

O Assalto

(Quarta, 22.00, TVI)

Outro bom realizador às voltas com um filme que lhe saiu demasiado fraco para ser verdade. *O Assalto* conta-nos a história do roubo de um banco na Alemanha planeado por **Warren Beaty**. Muitas perseguições e muito estardalhaço - num frenesim que, decisivamente, não se enquadra no mundo de **Richard Brooks**. Mais uma vez, os Jogos Olímpicos estarão em vantagem...

Oportunismos e conjunturas

Se o leitor se der ao trabalho de esgravatar um pouco na sua memória, vai certamente recordar-se de que os telejornais do final da década anterior estavam atentíssimos ao que se passava na Bolsa de Lisboa e forneciam-nos, diariamente, a relação integral das obrigações e acções cotadas, as oscilações que registavam, o número de «subidas» e «descidas», enfim, tudo o que era essencial para manter o interesse do conjunto da população centrado numa actividade que os mais incautos julgariam estar circunscrita às preocupações dos escassos milhares de especialistas ou iniciados.

Subitamente, essa «informação» desapareceu dos noticiários de informação geral e, mesmo com o surgimento das televisões comerciais, não voltou a ocupar um espaço nobre, na hora de maior audiência, bem junto da telenovela.

É natural que, na ocasião, o leitor se tenha interrogado sobre as causas do desaparecimento de uma «informação» que, por lhe ser diariamente transmitida, deveria ser considerada como de interesse prioritário nos critérios jornalísticos de quem dirigia os noticiários.

É mesmo possível que certos leitores, perplexos com o que se estava a passar, se tenham colocado a si próprios estas dúvidas essenciais: será que a Bolsa acabou?, será que o valor das acções deixou de ter oscilações e, portanto, já não é notícia?

Afinal, a Bolsa não tinha acabado, embora tivessem acabado essas «notícias» sobre a Bolsa (melhor, a Bolsa passara a ser notícia em local apropriado, nos órgãos e espaços especializados). E o leitor, que não jogava na Bolsa e era um leigo nessas matérias, ao deixar de ter essa informação nos telejornais, não lhe sentiu a falta.

Uma das explicações possíveis para desvendar o mistério desse estranho desaparecimento é a de que essa «informação» já cumprira dois dos mais importantes papéis que lhe tinham sido confiados: o de gerador de um mecanismo de habituação ao fenómeno bolsista - com os seus prolongamentos psicológicos e na consciência social - e o de estimulador da transferência, para o circuito da Bolsa, de milhares de aforros particulares.

Afinal, ao mostrar o seu desconforto por habitar um espaço que não lhe era destinado e ao confinar-se aos limites da sua área específica, essa «informação» revelara, simultaneamente, a artificialidade do seu empolamento anterior.

Um outro empolamento, também conjuntural

Olhemos agora mais de perto o dilúvio de «informação» sobre os níveis e sistemas de audiências dos diferentes canais de televisão que encontramos hoje como preocupação central nos meios de comunicação social.

Como terão reparado, os jornais e revistas que constantemente nos «informam» sobre estas questões não fazem qualquer referência à evolução semanal das suas próprias vendas.

No entanto, lá estão os números, as curvas, as reflexões de especialistas atentos, o permanente debate público sobre a fiabilidade dos sistemas de medição de audiências (e o próprio envolvimento do Governo na busca de solução para tão tormentoso problema).

O leitor foi-se acomodando à ideia de que a audiência se transformara num valor-padrão, tornando mensurável a separação entre o trigo e o joio em matéria de conteúdos, e de que a sua capacidade para apreciar o mérito dos programas estava condicionada pelo prévio conhecimento da percentagem de espectadores que a eles assistira.

A importância do nível de audiência relegara para segundo plano a existência de modelos diferenciados no audiovisual e generalizara a convicção de que seria conveniente que o serviço público transmitisse programas semelhantes aos que ocupam a invejável posição de topo da tabela de preferências.

Levara também o leitor a sentir-se irmanado com as angústias e preocupações dos accionistas ou administradores de qualquer canal, dos directores de centrais de compras de espaço publicitário e a assumir, como suas, as incertezas do anunciante que está empenhado em aferir a rentabilidade da publicidade que mandou inserir.

Envolvera-o no mundo complexo do investimento publicitário, partilhando a perturbação paralisante que a duplicação de entidades medidoras está certamente a provocar, uma vez que, até então, os resultados das sondagens não comportavam margens de erro e a selecção da amostra obedecia sempre a fórmulas rígidas e universais.

E, no entanto, um belo dia, o leitor, ao ver desaparecer esta «informação» das primeiras páginas dos jornais, dar-se-á conta de que, afinal, não estava envolvido no negócio do audiovisual e que, portanto, não sentia a sua falta.

Se tal vier a acontecer, uma das explicações possíveis para tão inusitada quebra de protagonismo é a de que o estudo das audiências foi convidado a instalar-se no apertado espaço das páginas especializadas, onde recebe as visitas regulares daquele conjunto de pessoas (afinal restrito) que nele estão directamente interessados.

Outra explicação, talvez menos benévola, é a de que essa «informação» já esgotara os seus propósitos iniciais: o de assegurar que os espectadores interiorizassem a prevalência dos interesses comerciais perante quaisquer outros critérios de apreciação e o de garantir que, no audiovisual, deixara de haver espaço para se invocarem valores específicos de éticas profissionais que não sejam essenciais à vitalidade do Mercado.

TOP 20 Programas

Pos.	Titulo	A.m.	Var.	Pos.	Titulo	A.m.	Var.	
1	Explosão Coração	13/05	24,7	2.431.141	1	Explosão Coração	13/05	24,7
2	História de Amor	12/05	23,7	2.126.127	2	História de Amor	12/05	23,7
3	Os Trapalhões em Portugal	9/05	23,5	2.108.185	3	Os Trapalhões em Portugal	9/05	23,5
4	Os Melucos do Riso	10/05	21,8	1.937.798	4	Os Melucos do Riso	10/05	21,8
5	Os Trapalhões em Portugal	15/05	21,0	1.883.910	5	Os Trapalhões em Portugal	15/05	21,0
6	Os Melucos do Riso	14/05	20,9	1.874.939	6	Os Melucos do Riso	14/05	20,9
7	Ousadias	9/05	19,8	1.776.258	7	Ousadias	9/05	19,8
8	Al os Homens!	15/05	19,7	1.767.287	8	Al os Homens!	15/05	19,7
9	Marina... Dona Revista	12/05	17,0	1.525.070	9	Marina... Dona Revista	12/05	17,0
10	Barba & Cabelo	13/05	15,3	1.372.593	10	Barba & Cabelo	13/05	15,3
11	Al os Homens!	9/05	14,7	1.318.757	11	Al os Homens!	9/05	14,7
12	Marina... Dona Revista	13/05	14,7	1.076.520	12	Marina... Dona Revista	13/05	14,7
13	Barba & Cabelo	13/05	12,0	1.076.520	13	Barba & Cabelo	13/05	12,0
14	Al os Homens!	12/05	11,7	1.049.607	14	Al os Homens!	12/05	11,7
15	Marina... Dona Revista	13/05	11,6	1.040.636	15	Marina... Dona Revista	13/05	11,6
16	Barba & Cabelo	10/05	10,8	988.868	16	Barba & Cabelo	10/05	10,8
17	Al os Homens!	10/05	10,8	950.926	17	Al os Homens!	10/05	10,8
18	Marina... Dona Revista	15/05	10,2	915.042	18	Marina... Dona Revista	15/05	10,2
19	Barba & Cabelo	15/05	9,9	888.129	19	Barba & Cabelo	15/05	9,9

os 20 MAIS

PROGRAMA	CANAL	AUDIÊNCIA MÁXIMA	EMISSÕES	SHARE
1 Explosão Coração	SIC	30,7	5	59,0
2 Camilo & Filho, Lda	SIC	28,8	1	71,3
3 Al os Homens	SIC	26,3	1	67,7
4 Barba & Cabelo	SIC	26,2	1	58,4
5 Ponto de Encontro	SIC	25,8	1	60,8
6 Os Trapalhões em Portugal	SIC	25,5	2	50,0
7 História de Amor	SIC	25,3	1	56,8
8 Os Melucos do Riso	SIC	24,5	1	70,7
9 Marina Dona Revista	Canal 1	21,2	1	48,8
10 Futebol Directo	SIC	21,0	7	45,7
11 Jornal da Noite	SIC	20,8	1	62,3
12 Chuva de Estrelas	Canal 1	18,9	7	43,5
13 Telejornal	SIC	17,0	1	54,3
14 Casos de Polícia	SIC	15,9	1	58,8
15 Big Show SIC	Canal 1	15,0	5	31,4
16 Rosaura Brava	Canal 1	14,3	1	31,8
17 Champions League	Canal 1	14,3	1	53,1
18				46,2
19				59,2

TOP 20 - Nacional

Pos.	Titulo	A.m.	Var.	Pos.	Titulo	A.m.	Var.	
1	Explosão Coração	12/7	SIC	28,9%	1	Explosão Coração	12/7	SIC
2	História de Amor	08/7	SIC	27,3%	2	História de Amor	08/7	SIC
3	Ponto de Encontro	11/7	SIC	20,9%	3	Ponto de Encontro	11/7	SIC
4	Os Trapalhões em Portugal	08/7	SIC	17,4%	4	Os Trapalhões em Portugal	08/7	SIC
5	Os Melucos do Riso	10/7	SIC	16,8%	5	Os Melucos do Riso	10/7	SIC
6	Jornal da Noite	12/7	SIC	15,8%	6	Jornal da Noite	12/7	SIC
7	Al os Homens!	13/7	SIC	15,6%	7	Al os Homens!	13/7	SIC
8	Os Melucos do Riso	13/7	SIC	14,6%	8	Os Melucos do Riso	13/7	SIC
9	Marina Dona Revista	11/7	SIC	14,5%	9	Marina Dona Revista	11/7	SIC
10	Noite de ERLAust. de N.Y.	08/7	SIC	14,0%	10	Noite de ERLAust. de N.Y.	08/7	SIC
11	Telejornal	11/7	SIC	14,0%	11	Telejornal	11/7	SIC
12	Pensão Estrala	08/7	RTP1	13,1%	12	Pensão Estrala	08/7	RTP1
13	Ousadias	14/7	SIC	12,9%	13	Ousadias	14/7	SIC
14	Jogos Sem Fronteiras	10/7	SIC	11,8%	14	Jogos Sem Fronteiras	10/7	SIC
15	MTVL...Paródia de Férias II	08/7	RTP1	11,7%	15	MTVL...Paródia de Férias II	08/7	RTP1
16	Viva Lala	14/7	SIC	11,1%	16	Viva Lala	14/7	SIC
17	RTP1 Jornal da Tarde	14/7	SIC	10,6%	17	RTP1 Jornal da Tarde	14/7	SIC
18	O Juiz Decidi	13/7	SIC	10,7%	18	O Juiz Decidi	13/7	SIC
19	Jornal da Tarde	12/7	SIC	10,4%	19	Jornal da Tarde	12/7	SIC

TOP 10 DOS QUATRO CANAIS

CANAL	PROGRAMA	EMISSÕES	SHARE
1	Futebol Directo	1	21,2
2	Telejornal	7	18,9
3	Rosaura Brava	5	15,0
4	Champions League	1	14,3
5	Jornal da Tarde	7	11,1
6	Made In Portugal	1	10,7
7	Quem É o Quê?	1	10,4
8	A Mulher do Sr. Ministro	1	9,9
9	Pedra sobre Pedra	5	9,6
10	Marco Paulo com Música Coração	1	9,0

Análise evolutiva do Share

Últimas 4 semanas

Share	17-23 Junho	24-30 Junho	1-7 Julho	8-14 Julho
SIC	48,8	49,1	51,1	50,2
RTP1	38,4	39,5	30,2	31,2
TVI	11,9	12,3	18,1	12,7
TV2	4,8	5,1	5,7	5,9

Cobertura nacional/EV

Gráfico de barras mostrando a cobertura nacional em percentagem para diferentes programas e canais.

CONTEÚTOS

Gráfico de barras mostrando a audiência em percentagem para diferentes conteúdos.

ESCAPARATE



«Viva a Rua» na Praça do Giraldo

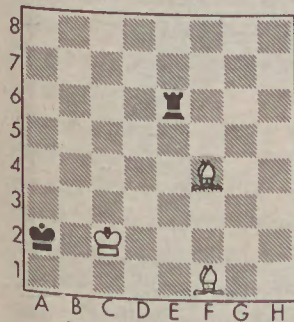
A Praça do Giraldo, em Évora, acolhe durante o Verão um festival de expressões de rua, designado *Viva a Rua*, que pretende dar resposta às necessidades culturais dos eborenses e dos forasteiros. Trata-se de uma iniciativa da Câmara Municipal de Évora a decorrer nos meses de Julho, Agosto e Setembro e que visa concentrar na «sala de visitas» da cidade um conjunto de iniciativas culturais de qualidade, mas de pequena dimensão.

Teatro de rua, homens-estátua, bandas de música, artes circenses, artistas plásticos, caricaturistas e artesãos são alguns dos participantes no programa de animação de Verão que inclui, ainda, a actuação de tunas académicas, marionetas e espectáculos musicais. Os espectáculos e actividades decorrem nas noites de sexta-feira e sábado, mas nesses dias estão também previstas oficinas de expressão de rua, dirigidas pelos grupos participantes e especialmente destinadas aos jovens, como forma de ocupação de tempos livres. As actividades que compõem o *Viva a Rua* estão organizadas em torno de três programas específicos: «Encontros Musicais de Tradição Europeia», «Sons e Ritmos de África» e «Encontros Tradicionais de Expressão Mediterrânica».

XADREZ

DLXX - 25 DE JULHO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996X031
Por: ALEXANDER HILDEBRAND
British Chess Magazine, 1947

Pr.: [2]: T6 - Ra2
Br.: [3]: Bs.f1, f4 - Rç2



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº DLXX

Nº 1996X031 [A.H.]: 1. Bç4+, Ra1; 2. Bd2!, Tç3; 3. Bç1 e g.

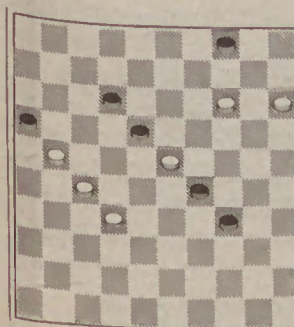
A. de M. M.

DAMAS

DLXX - 25 DE JULHO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996D031
Por: LOUIS DALMAN

Combat Dans L'Arène [358/32],
Nîmes, 1976

Pr.: [6]: 4-12-16-18-29-34
Br.: [6]: 14-15-21-23-27-32



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº DLXX

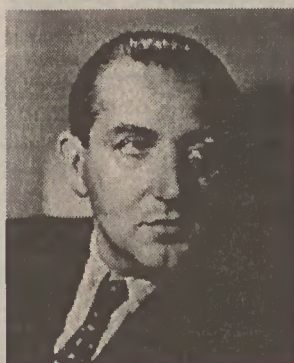
Nº 1996X031 [S.L.]: 1. 14-9!, (4X13); 2. 27-22, (x); 3. 15-10, (X); 5. 10-5-D, (X); 6. 5X32! e+

A. de M. M.

CINEMA

Os Tesouros de Londres

Integrado nas comemorações do Centenário do Cinema, prossegue na Cinemateca Portuguesa o ciclo «Os Tesouros de Londres», organizado em colaboração com o National Film and Television Archive (Londres). Durante esta semana, o destaque vai para, entre outros, os seguintes filmes: *Três Modernos Peregrinos*, de Michael Powell e Emeric Pressburger (1944), no dia 25, às 21.30; *A Casa à Beira do Rio*, de Fritz Lang (1950), no dia 26, às 21.30; *O Passado Não Morre*, de



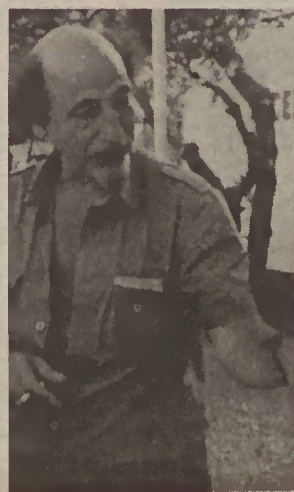
Fritz Lang, na Cinemateca Portuguesa

Edmond T. Greville (1937), no dia 27, às 18.30; e *Esta Nobre Raça!*, de David Lean (1944), no dia 30, às 21.30.

EXPOSIÇÕES

Giacometti em Cascais

A Câmara de Cascais inaugura hoje, na Casa-Museu Verdades Faria - Museu de Música Portuguesa, a exposição «Michel Giacometti: guardador de vozes». Este certame resulta de um trabalho que tem vindo a ser realizado naquele museu, detentor do espólio de Michel Giacometti, e é construída a partir da colecção de instrumentos musicais, da biblioteca especializada e das colecções de registos audio e vídeo e de fotografias provenientes das acções de recolha efectuadas pelo grande etnógrafo. O programa da exposi-



Michel Giacometti

ção prevê, em simultâneo, a audição de música tradicional

JAZZ

Jazz em Serralves

A 5ª edição do Festival «Jazz no Parque», que decorre desde o fim-de-semana passado no Porto numa iniciativa da Fundação de Serralves, apresenta como principal novidade a inclusão de um grupo norte-americano, a *Electric Be Bop Band*, liderada por Paul Motion. Este festival prossegue no Domingo com um concerto pela Orquestra Som do Mundo, de Laurent Filipe, encerrando então em 4 de Agosto com a actuação do grupo de Paul Motion. Este baterista é um dos mais importantes do Jazz contemporâneo, tendo integrado nos anos 60 o trio de Bill Evans e, na década seguinte, o quarteto de Keith Jarrett. Todos os espectáculos deste programa se realizam no campo de ténis do Parque de Serralves, no Porto.

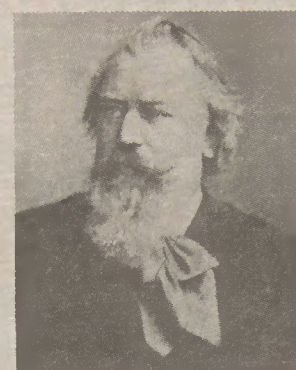


O trompetista português Laurent Filipe

CLASSICA

Brahms e Beethoven nos Capuchos

Integrado no Festival de Música dos Capuchos, realiza-se no próximo sábado, 27, às 22.00, mais um recital de música de câmara, desta vez com a participação de um trio constituído por Paul Meyer (clarinete), Eric Le Sage (piano) e Xavier Philipps (violoncelo). Neste recital, que decorrerá no Convento dos Capuchos (na Costa da Caparica), serão interpretadas obras de Brahms e Beethoven.



Johannes Brahms (1833/1897)

FADO

Coimbra promove o fado

Com um espectáculo de Fado pelo Quarteto Académico começou terça-feira em Coimbra uma iniciativa de animação da Câmara Municipal destinada a divulgar aos visitantes as tradições ligadas à Canção Coimbrã, todas as terças e quintas-feiras, às 22 horas, até meados de Setembro. A tarefa de «dar corpo» à iniciativa *Noites com Fado*, constituída por 16 espectáculos, cabe aos grupos formados por estudantes da Academia Quarteto Académico, Quarteto de

Coimbra e Grupo de Fados e Guitarradas de Coimbra. As Escadas do Quebra-Costas, Arco de Almedina e Escadas de S. Tiago, considerados locais «típicos da boémia coimbrã» e inseridos no centro



histórico da cidade, foram os palcos escolhidos para *Noites com Fado*.

LIVROS

Ser digital

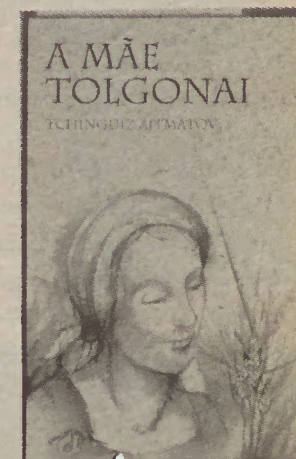
Às vezes acontece - e certamente que acontece cada vez mais, num mundo em rápida mudança - em que as simples pessoas se vêem submersas (rodeadas, cercadas, esmagadas, ameaçadas?) - pelas novas realidades que se criam, por novos nomes que lhes são dados, por conceitos e noções que influem na vida de cada um sem que todos saibamos bem do que se trata. As



auto-estradas da informação, por exemplo, são realidades em desenvolvimento no mundo e constroem-se ao mesmo tempo que, no mundo, há gente que nunca viu um computador. Mas o computador influi já na vida de quase toda a gente. É assim útil saber mais acerca de tudo isso. E acompanhar a reflexão de quem mais sabe. Um dos mais importantes conhecedores da matéria e dos mais destacados interventores no debate que se alarga sobre a relação homem-máquina - um debate que não começou há pouco, mas que neste século ganhou as massas -, propõe, neste livro editado na colecção *Ciência*, pela *Caminho* algumas ideias. *Ser Digital*, escrito por Nicholas Negroponte, não se limita a fazer o ponto da situação actual, mas adianta algumas ideias sobre o desenvolvimento futuro destas questões

A Mãe Tolgonai

Os leitores portugueses talvez conheçam uma bela história de amor que há cerca de trinta anos foi publicada em tradução portuguesa. Chamava-se *Djamília*, e o autor era Tchinguiz Aimatov. Para muitos foi uma verdadeira iniciação à lite-



ratura russa contemporânea - nessa altura dizia-se, com alguma propriedade, *soviética*. O soviético Aimatov é, com efeito, natural da Quirguízia, uma das repúblicas que pertenceu à então URSS, e escreve - ou escrevia - em russo e quirguize. *Djamília*, publicada em 1958, consagrou Aimatov e da novela disse Aragon tratar-se da «mais bela história de amor do mundo». Aragon, exagerando certamente, não andava longe da verdade. Mas tudo isto vem a propósito do romance *A Mãe Tolgonai* que a *Campo das Letras* agora edita em Portugal. Os pergaminhos do autor aconselham vivamente a leitura deste livro.



James Carter (Cascais, 1995)

20 Fotografias de Jazz

Desde o passado dia 22 até ao próximo sábado, 27, continua patente ao público na Livraria Barata (Av. de Roma, Lisboa) uma original exposição de fotografia. Desta vez, o tema é o Jazz e o seu autor, João Freire, nascido no Algarve em 34 de uma família de músicos, é um amante da música afro-americana desde os anos 50, tendo-se tornado nesta área um

ÚLTIMAS

ATALHE DE FOICE

Foguetonegócio

A Rússia e a França criaram há dias em Moscovo uma sociedade mista - a **Starsem** - cujo expresso objectivo é comercializar o foguetão russo **Soyus** no lançamento de pequenos satélites.

«O mercado dos pequenos satélites em órbita baixa está em pleno desenvolvimento e nós vamos tentar partilhar a nossa experiência comum neste domínio», declarou François Fillon, ministro francês responsável pelos Correios, Telecomunicações e Espaço.

E explicou em que consistiam essas experiências «a partilhar»: «A Rússia entra neste projecto com o foguetão **Soyus**, a **Aérospatiale** vai ocupar-se da comercialização destes satélites no mercado e a **Arianespace** vai modificar os satélites russos para os tornar compatíveis com as normas ocidentais.» Ou seja: a Rússia fornece o essencial - os foguetões **Soyus** e respectiva tecnologia - e a França abarbatava-se com a sua comercialização.

Quanto às «modificações» que a **Arianespace** pretensiosamente quer introduzir nos foguetões russos «para os tornar compatíveis com as normas ocidentais», esperemos que não sirvam apenas para os avariar.

Na verdade, o resultado mais substantivo que se conhece das celebradas «normas ocidentais» da **Arianespace**, é a regular queda e fiasco dos seus foguetões, como ainda há menos de um mês (mais) uma vez aconteceu com o rotundo falhanço do **Ariane 5**, logo no seu lançamento inaugural.

Os conhecidos falhanços dos foguetões da **Arianespace** não são, obviamente, alheios a este negócio francês que pretende substituí-los pelos foguetões **Soyus**, reconhecidamente os mais fiáveis e eficientes de toda a história da conquista do espaço, a par de um outro foguetão também «ex-soviético» - o **Protão** - utilizado para cargas superiores e também já abarbatado pelos norte-americanos num negócio semelhante, realizado o ano passado entre a empresa de aeronáutica **Lockheed** e o poder que actualmente domina a Rússia.

Para se ter uma ideia dos factos em jogo neste negócio, recorde-se que os foguetões **Soyus**, criados pela União Soviética e baseados na tecnologia dos mísseis balísticos, tiveram o seu primeiro lançamento em 1963, podendo colocar, em órbita baixa, cargas até 6,8 toneladas. Foi sempre o lançador principal utilizado pela ex-União Soviética, tendo no seu palmarés, além da glória do primeiro sucesso espacial da humanidade, cerca de metade de todas as missões soviéticas e russas. Quanto ao foguetão russo **Protão**, tem a capacidade de colocar em órbita baixa qualquer coisa como 19,8 toneladas.

Não admira que os EUA, através da empresa **Lockheed**, se aproveitasse desta tremenda eficácia para lançar os seus satélites de uma forma segura e... barata. Nestes chocantes negócios que o actual poder russo está a fazer com o «Ocidente», este fica com os lucros, enquanto a Rússia fornece, ao desbarato, as mais avançadas e ainda insuperáveis conquistas na tecnologia espacial, que são fruto do esforço, capacidade e investimento de um Estado inteiro e respectivos povos.

É isto que não confessam, tanto o pomposo ministro francês das Telecomunicações como os arrogantes senhores da **Lockheed**, que por acaso - e aproveitando a enorme capacidade de transporte do **Protão** -, vão já pôr em órbita, em apenas três lançamentos, qualquer coisa como 21 satélites de comunicações...

E fazem muito bem: eles sabem, com saber de experiência feito, que os seus foguetões e vai-véns, agora que a propaganda da guerra-fria se tornou desnecessária, continuam a manifestar a mesma desagradável tendência para avariar ainda no chão ou explodir em pleno voo...

■ HC

Comissão Europeia ignora violência sobre portugueses

A Comissão Europeia, em resposta a uma questão levantada pelo eurodeputado comunista Sérgio Ribeiro, afirma desconhecer os incidentes ocorridos em Abril entre a polícia alemã e sindicalistas portugueses.

«No dia 25 de Abril de 1996, no hotel de Munique onde estavam hospedados, dois sindicalistas e um intérprete foram abordados por um grupo de treze indivíduos, que se identificaram como polícias, estando três fardados. Depois da identificação, "passaram aos contactos" que se consumaram com encontros e modos agressivos e grosseiros, e a confiscação de rolos fotográficos e de documentos que os sindicalistas tinham no quarto do hotel»,

explica o deputado do Parlamento Europeu.

A Comissão declara que «a política social comunitária garante o princípio da igualdade de tratamento aos trabalhadores migrantes», acrescentando que «qualquer acto de violência é susceptível de afectar os valores ou as liberdades fundamentais comuns aos Estados-membros e que é no domínio do direito e das práticas internas desses Estados-membros que incumbe às autoridades, tendo em conta a especificidade das situações em causa, velar pelo respeito desses valores ou liberdades fundamentais que estão na base de todos os Estados de direito».

Esta não foi a primeira questão relacionada com tra-

balhadores portugueses na Alemanha levantada por Sérgio Ribeiro à Comissão Europeia. O eurodeputado havia já feito algumas perguntas sobre contratos através de agências de verdadeiro «tráfico de mão-de-obra», discriminação xenófoba e subempregadas com evidente discriminação salarial e em precárias condições de segurança e higiene de trabalho.

Mas, nas suas palavras, «este incidente ultrapassa em gravidade» os anteriores, pois, num quadro em que se institucionalizou a livre circulação de trabalhadores, «é inaceitável que os responsáveis pela violência sejam agentes da autoridade e as vítimas tenham sido sindicalistas portugueses que estavam em acção de informação».

Revolução Cubana comemorada em Lisboa

Com início às 12.30 horas de sexta-feira, dia 26 de Julho, a Associação de Amizade Portugal-Cuba realiza uma iniciativa comemorativa da Revolução Cubana.

Na Rua Augusta será montada uma banca e um estúdio de som para recolha de depoimentos de solidariedade com o povo cubano e contra o bloqueio de diversas organizações e personalidades.

A iniciativa culmina no Largo Camões, com uma Festa Cubana, de entrada gratuita, com actuações de «Viviana y las Muchachas del Son» e «Salsa con Fuego».

Transparência sim, mas devagar...

Postos à votação, foram aprovados na sessão plenária do Parlamento Europeu de 15 a 20 de Julho, os relatórios Ford e Nordmann - grupos de interesse no Parlamento Europeu (vulgo «lobbies») e transparência e interesses financeiros dos deputados.

O relatório Ford, que regula o registo, identificação, acesso e movimentação dos «lobbistas» junto do PE, bem como a «regularização» anual dos assistentes acreditados por cada deputado, mereceu o voto favorável de todos os partidos portugueses. De referir é, contudo, a rejeição de uma emenda que estabelecia que os «lobbistas» deveriam assegurar explicitamente que «não concederem nem pretendem conceder qualquer espécie de benefício, donativo ou serviço aos deputados, funcionários ou assistentes». Dos partidos portugueses, PS e PSD votaram contra, PCP e PP a favor.

O relatório Nordmann, por outro lado, define no seu texto que os deputados são obrigados a declarar todas as suas actividades profissionais, outras funções ou actividades remuneradas na medida em que as mesmas sejam relevantes.

Como nota curiosa, refere-se uma sua parte que, afirmando primeiro que os deputados «devem declarar detalhadamente as ajudas financeiras, em recursos humanos ou em material, adicionais aos meios fornecidos

pelo Parlamento e concedidas por terceiros aos deputados no âmbito das suas actividades políticas, com indicação da identidade dos referidos terceiros», estabeleceu imediatamente a seguir que os deputados «devem recusar quaisquer ofertas ou donativos no exercício do seu mandato». Subtilezas de linguagem... Mas parece que o PCP foi o único partido que entendeu a manobra, já que todos os outros, incluindo o «moralista» PP, votaram a favor desta hábil utilização de expressões.

Merece ainda ser salientada a posição assumida pelos deputados portugueses no respeitante à emenda apresentada por deputados do Grupo Esquerda Unitária (em que participam os comunistas), onde se impunha que os deputados, além de declararem detalhadamente todas as suas actividades profissionais, todas as funções ou actividades remuneradas, deviam garantir não receber quaisquer donativos, benefícios, equipamentos ou outras ofertas para exercerem o seu mandato parlamentar, adicionais aos meios fornecidos pelo Parlamento: PS, PSD e PP votaram contra e só o PCP, mais uma vez só o PCP, votou a favor.

Comentários para quê?



Uma delegação do Partido Ecologista «Os Verdes», composta por Apolónia Teixeira e André Martins, foi recebida esta semana na sede do PCP por Carlos Carvalhas e Carlos Brito

Parque Urbano de Alvalade melhora qualidade ambiental

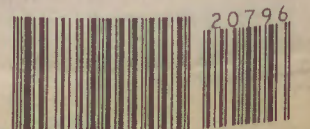
Na sessão pública de ontem, do Executivo da Câmara Municipal de Lisboa, foi apresentada pelo vereador Rui Godinho a proposta de lançamento do concurso público para a empreitada «Concepção/Construção do Parque Urbano de Alvalade», que substitui o concurso anulado em 1992.

O Parque Urbano de Alvalade, delimitado pela Av. do Brasil, Av. Gago Coutinho e um conjunto de edifícios a Sul, subdivide-se em duas áreas distintas: a actual Mata de Alvalade, densamente arborizada e servida por diversos equipamentos, nomeadamente dois parques de merendas, um circuito de manutenção e caminhos pedonais e a restante área que vai ser agora objecto de estudo.

Equipar um espaço verde público com cerca de 10,5 ha com um pólo cultural e um pólo desportivo, maximizando a sua utilização pela população e melhorando a qualidade ambiental e de vida da cidade de Lisboa é o principal objectivo do Parque Urbano de Alvalade.

Para além de um anfiteatro ao ar livre com capacidade para 2000 pessoas, onde poderão ser realizados espectáculos de música, dança, teatro, etc., o Parque Urbano de Alvalade irá oferecer um conjunto de equipamentos desportivos e de recreio infantil, nomeadamente um campo de jogos, um parque infantil, aluguer de bicicletas, um mini-golf e um lago.

Nesta reunião, o vereador Rui Godinho apresentou ainda a proposta de adjudicação de uma empreitada para «Conservação, Manutenção e Correção da Rede de Esgotos e de Ramais de Ligação da Cidade de Lisboa». Entretanto, na véspera, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, João Soares, assistira à demolição do muro em ruína da Rua Maria Pia, ao Casal Ventoso, que irá ser refeito em condições de segurança e de modo a vedar o acesso à encosta adjacente.



5 603199 000445



ZION HARMONIZERS

GOSPEL (EUA)

Avante!
Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
ESPECIAL/1996
Não pode ser vendido
separadamente

Festa!
AMORA-SEIXAL

6, 7 e 8 SETEMBRO



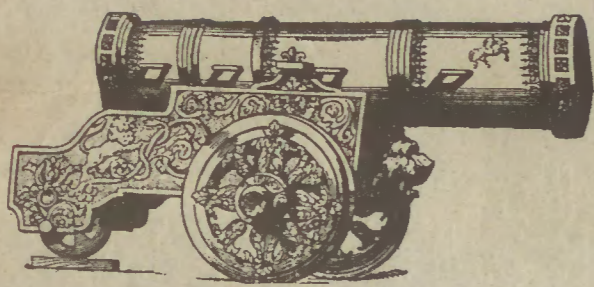
TCHAIKOWSKY

Concerto Sinfónico no Palco 25 de Abril

Piano
António Rosado

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Dirigida por
MIGUEL GRAÇA MOURA



PROGRAMA

- Valsas, Op. 20, 66a e 71a
- Concerto para piano e orquestra N.º 1 em Si bemol menor, Op. 23
- Abertura Solene «1812», Op. 49



NEW ORLEANS STOMPERS

com
Eddie BO

CATORZE
MÚSICOS
EM PALCO



20 ANOS
ESPECIAL
Festa



EDDIE BO



WALTER «WOLFAN» HASHINGTON
RED MORGAN * HERLIN RILEY
FRED KEMP * ALFRED UGAND and band



KUSSONDOLOLA



RAUL MARQUEZ
e Os Amigos da Salsa

MÚSICA SINFÓNICA NO PALCO "25 DE ABRIL"

Porquê um concerto de música sinfónica na Festa do «Avante!»

A resposta que imediatamente surge é outra pergunta: e por que não um concerto de música sinfónica na Festa do «Avante!»?... Há de facto razões para que, em vinte anos de Festa, não tenha havido um concerto de música sinfónica na Festa, e muito particularmente no Palco «25 de Abril». Aliás e em rigor, é preciso acrescentar a questão do palco, porque música clássica - de câmara e sinfónica - já esteve presente mais de uma vez na Festa: em 1985 com a Orquestra de Câmara de Bratislava, em 1976 (logo na primeira) com a Orquestra Sinfónica Popular, o ano passado com a Metropolitana de Lisboa. Mas o motivo por que até agora não se apresentou música clássica no Palco «25 de Abril» é, afinal, o mesmo por que tais espectáculos não são comuns em cenários ao ar livre. E a razão por que se fazem este ano é exactamente a mesma por que, um pouco por todo o mundo, de Pavarotti a Carreras, da Sinfónica de Sidney às regências de Karajan, a música clássica pôde sair das salas de concertos e partilhar os grandes auditórios e as grandes audiências ao vivo com os outros espectáculos.

Essa razão chama-se condições técnicas. A constituição desse majestoso instrumento que se chama *orquestra sinfónica* deriva de uma evolução da música nos seus aspectos formais e na sua relação com o auditório. A *orquestra* enquanto conjunto de instrumentos tocando simultaneamente pode considerar-se como uma realidade relativamente antiga, mas, até ao século XVIII, ela é quase exclusivamente isso mesmo: um conjunto de instrumentos tocando ao mesmo tempo, uma pura soma do que cada um deles tocaria sozinho. Seria difícil fazer aqui a história da orquestra, mas, rapidamente, digamos que é sobretudo após Claudio Monteverdi que se pode falar propriamente de *orquestra*, isto é, não de uma pura soma de instrumentos, mas de um conjunto criterioso de instrumentos, escolhidos em função das suas características sonoras que ditam os seus equilíbrios relativos e que tocam explorando essas diferenças no sentido de criarem uma peça musical com maior expressividade e riqueza sonora. Se há um traço permanente na linha de evolução da composição das orquestras entre o reduzido número de instrumentistas de Monteverdi (cerca de duas dezenas) e as formações contemporâneas, definidas no essencial no final do século passado, esse traço é o do constante aumento do número de instrumentos e de executantes.

Este aumento corresponde a dois percursos simultâneos: por um lado, o maior número de instrumentos, a diversidade de timbres e sonoridades assim adquirida multiplicado ao infinito pelas suas combinações constitui uma matéria-prima preciosa para os compositores para os quais, para além da melodia e harmonias simples se abre um inesgotável manancial de possibilidades de criação de sons e de capacidade de manifestação de sentimentos e ideias. Por outro, o aumento do número de executantes (uma orquestra post-romântica oscila entre os 50 e os 90 músicos), para além de em muitas circunstâncias corresponder ao acréscimo de instrumentos não habituais, proporciona sobretudo um maior volume de som, que tem de ser entendido no seu duplo significado de criar um outro elemento expressivo (um som ainda mais forte), mas sobretudo poder multiplicar a capacidade de uma mesma sonoridade chegar a um maior público.

O desenvolvimento da orquestra sinfónica está assim ligado a uma certa concepção de democratização da música, ao surgimento do público e a um tipo de funcionamento social do músico diferente do seu anterior estatuto de empregado do senhor feudal ou titular aristocrático. Ao anseio de música para maiores audiências correspondeu um conceito de uma música capaz de atingir simultaneamente maiores audiências, o que requeria um instrumento mais poderoso - e esse instrumento foi claramente a orquestra sinfónica. Mas, note-se, a própria cultura que estava por detrás da composição era igualmente outra: no século XIX post-Revolução Francesa, as realidades, as paixões, os sentimentos, as ideias que percorriam o mundo, os homens, os artistas, os seus públicos já não eram as serenatas dos palácios mas antes o turbilhão que assinalava as grandes transformações, o irromper dos povos no quotidiano da sua História.

O passo dado da sala de música da senhora marquesa para as salas de concertos do século XIX, aumentadas ainda pela investigação acústica e nas técnicas de construção no século XX, é, já se vê, muito grande. Passou-se das audiências de algumas dezenas para as de muitas centenas e mesmo alguns milhares. Mas os meios técnicos criados pelo homem no século XX, se permitiram trazer, mediante o disco, a cassette, o CD, para dentro de casa todos os volumes de som, enfrentaram algumas dificuldades com esse tão poderoso quanto subtil instrumento que é a orquestra.

A electricidade e a electrónica criaram a amplificação sonora e com isso deram origem à maior explosão da música popular na vida da humanidade. Gravaram-na, reproduziram-na, transmitiram-na e amplificaram-na para o grande espectáculo ao vivo. Mas a electricidade e a electrónica fizeram-no não apenas porque amplificaram instrumentos: criaram também os instrumentos para serem amplificados. A música popular da segunda metade do século XX assenta essencialmente em instrumentos surgidos neste período: a guitarra eléctrica, o baixo eléctrico, a bateria, mais recentemente, os sintetizadores. Aumentar a potência da amplificação e assim a possibilidade de atingir simultaneamente mais vastas audiências era relativamente simples para a música popular contemporânea e para os seus instrumentos electrificados e amplificados: sons, técnicas, exigências acústicas, tudo era coerente com as possibilidades da electrónica.

Mas com a orquestra - como com todos os instrumentos acústicos - o problema era diverso. Havia que os captar com microfones e se a captação para amplificação de um único instrumento acústico já é complexa, compreende-se que a questão se agrava para a vasta soma que é a orquestra, que além do mais não é uma pura soma, antes na sua diversidade cria sonoridades novas, particulares, fruto de combinações que constituem o génio mesmo do compositor. Foi necessário esperar pela década de 90 para que a crescente ligação entre a informática e a electrónica fornecesse altifalantes e amplificadores processados, microfones processados, mesas de mistura com possibilidades inimagináveis de equilíbrios de tonalidades, timbres, volumes. Com estes equipamentos, os técnicos de som partiram para o que era a grande aposta do espectáculo deste final de século: fazer a música clássica franquear as portas das salas de concerto e trazê-la para o ar livre, para as grandes audiências que entretanto com ela se encontraram com a explosão do CD. O primeiro passo foi dado pela ópera. Cantores com uma formação moderna, interessados nas possibilidades do progresso e também no crescimento do seu público, tomaram a iniciativa. Plácido Domingo, Pavarotti, Carreras, Cotrubas enfrentaram os palcos e os microfones pop-rock - e ganharam! Estava ultrapassada a única barreira. Por isso, na 20ª Festa do «Avante!», a música sinfónica no Palco «25 de Abril».

O programa: Peter Tchaikowsky

Valsas Op. 20, 66a e 71a Concerto para piano e orquestra n.º 1 em Si bemol menor, Op. 23 Abertura solene «1812», Op. 45

A situação de Tchaikowsky na música europeia do século XIX é particularmente curiosa. Por um lado, os críticos da Europa ocidental - franceses e alemães, nomeadamente - condenam-lhe a «europização» excessiva, em detrimento do eslavismo presente nos seus contemporâneos dos «Cinco» (Borodín, Cui, Mussorgsky, Balakirev e Rimsky-Korsakov) e soluções de facilidade, por vezes ditada pela sua notável criatividade melódica e harmónica. Mas, em contrapartida, os músicos russos - incluindo nomes tão inquestionáveis como Stravinsky e Prokofiev - dedicam-lhe uma verdadeira veneração e exactamente como um expoente de música profundamente enraizada na cultura eslava! Esta opinião era aliás partilhada pelos «Cinco» e muito particularmente por Balakirev que não só foi um admirador assumido da música de Tchaikowsky como um companheiro particularmente importante em momentos de depressão e despoite do compositor.

A vida de Peter Tchaikowsky foi aliás uma estranha sucessão de períodos de desespero, de angústias, de descrenças e dramas vividos muito mais na sua sensibilidade quase doentia do que propriamente na realidade. Na verdade, o compositor conheceu em vida e tanto no estrangeiro como na sua Pátria um reconhecimento que não foi comum a outros grandes músicos. Porém, uma vida sentimental particularmente infeliz e uma personalidade

de composição de Tchaikowsky e talvez de efectivamente mais complexo período da sua existência, após um casamento falhado com uma sua alumna e que lhe deixaria marcas profundas.

Peça de invulgar brilhantismo, o *Concerto* não foi bem recebido pelo público moscovita na sua estreia, o que não deixa de conter alguma ironia quando ele viria a ser o primeiro LP de música clássica a vender mais de 1 milhão de exemplares na histórica gravação do pianista americano Van Cliburn em 1958, com a Sinfónica de Moscovo dirigida por Vasil Kondrashin e após Cliburn ganhar na então capital soviética o Concurso Internacional de Piano... Peter Tchaikowsky!

O *Concerto* constituiria aliás um extraordinário êxito durante a digressão que realizou em 1888-89 pela Europa ocidental e pelos Estados Unidos, onde era já conhecido por interpretações anteriores de outros pianistas. Peça de particular brilhantismo oferecendo largas possibilidades ao solista, o *Concerto n.º 1* revela dois traços constantes do trabalho de Tchaikowsky: a sua ímpar capacidade melódica e o seu domínio dos timbres orquestrais e a capacidade de manter o diálogo entre a orquestra e o solista com uma dinâmica muito própria. Aliás, este traço do equilíbrio entre o solo e a orquestra constitui um pormenor técnico que muito tem favorecido a peça como parte de reportórios de interpretação em

tem algumas dúvidas sobre ter sido efectivamente essa a opção. A obra foi de facto estreada durante a Exposição, mas a verdade é que o tema escolhido se relaciona directamente com o motivo da construção da catedral de Moscovo (que só seria consagrada em 1881): a celebração da batalha de Borodino que marcou a derrota de Napoleão na Rússia.

Travada às portas de Moscovo a 7 de Setembro de 1812, a batalha de Borodino opôs 120 000 soldados russos comandados por Mikhail Kutuzov a 130 000 franceses dos 428 000 da *Grande Armée* com a qual Napoleão invadira a Rússia em Junho daquele ano. Uma das mais mortíferas batalhas da História (alguns números apontam mais de 50% de baixas nos dois exércitos), Borodino é reclamada pelos russos como sua vitória: Kutuzov manteve de facto as suas posições até ao final da batalha, mas as baixas sofridas obrigaram-no a retirar, deixando Moscovo incendiada à mercê de Napoleão. Como se sabe, este não tinha, contudo, a mais pequena hipótese de ocupar estavelmente a cidade e após Borodino o que restava da *Grande Armée* iniciou a dramática retirada que deixou para trás 135 000 mortos, 215 000 prisioneiros, mais de um milhão de canhões.

Ao escolher como tema para a peça encomendada a data de 1812 e a batalha de Borodino parece assim que Tchaikowsky terá querido corresponder a dois dos temas que lhe haviam sido sugere-

evoca os preparativos da batalha (sinais, rufar de tambores), são apresentados sucessivamente o lado francês, com ecos de A Marselhesa, e o lado russo com dois temas de canções populares. O episódio seguinte opõe os dois campos. A apoteose final retoma o tema coral do início ouvindo-se, à semelhança do que também sucede com a Marcha eslava, o hino russo da época.

A utilização de artilharia em peças musicais conhecera já um precedente na Rússia: em 1789. O compositor italiano Giuseppe Sarti, então músico titular da corte de Catarina a Grande, compôs um *Te Deum* para celebração da conquista aos turcos pelo favorito da imperatriz, o príncipe Grigori Potemkin, da cidade de Otchakow. Na peça foram utilizados diversos canhões e sinos de igrejas e, embora o trabalho de compositor de Sarti não tenha conhecido grande projecção, aquela obra deixou memória.

Mas é evidente que a grande influência para a *Abertura solene* é a sinfonia em dois andamentos de Ludwig van Beethoven *A batalha de Vitória* ou *A vitória de Wellington*, Op. 91 composta em 1813 para um instrumento mecânico, o «phanharmonicum» inventado por Maelzel, mas que incluiu um segundo andamento só para orquestra e que constituiu um extraordinário êxito na sua estreia em Viena.

Beethoven, fruto talvez dos conflitos com Maelzel, viria posteriormente a



Miguel Graça Moura

- A formação da *Orquestra Metropolitana de Lisboa* terá de ser reforçada para o concerto da Festa do «Avante!»: as orquestras exigidas pelas obras de Tchaikowsky são mais numerosas do que a habitual composição da Metropolitana. Trata-se de uma situação habitual criada pela variedade das exigências orquestrais, mas que no caso da Metropolitana conta com o precioso facto de, fruto da actividade pedagógica entretanto desenvolvida, ter a seu lado a *Orquestra Académica Metropolitana*, constituída por alunos do Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa. Para alguns naipes recorrer-se-á, como habitualmente, a reforço por músicos das outras orquestras existentes em Lisboa e Porto.

A formação final é a seguinte: 16 primeiros violinos, 14 segundos violinos, 12 violas, 10 violoncelos, 8 contrabaixos, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, 1 tímpano, percussão, isto é, um total de 81 figuras.

- A captação de som do concerto foi objecto de estudo tendo sido contratado especialmente para ela um técnico inglês, Barry Bartlett, responsável pela sonorização de vários eventos envolvendo orquestras clássicas. O trabalho de Bartlett, para além da sonorização propriamente dita, inclui a montagem da captação, o que envolve material (especialmente microfones) vindos expressamente da Grã-Bretanha.

- O concerto constituirá a abertura da 20ª Festa, na noite de sexta-feira. A complexidade da montagem do palco, instrumentos, estantes, iluminação, etc., requer praticamente todo o dia de sexta-feira e a desmontagem ocupará grande parte da noite de sexta para Sábado, uma vez que Sábado de manhã se realizarão os ensaios de som (também algo complexos) do numeroso grupo de músicos de New Orleans.

- Pelo carácter especial do concerto, está a ser considerada a possibilidade de efectuar uma gravação para eventual posterior edição em CD.

- Está igualmente a ser estudada a possibilidade de o concerto ser acompanhado por um especial programa de iluminação de palco.



A orquestra sinfónica, segundo o grande desenhador humorista Hoggnung

de instável e angustiada pautaram um estado de espírito que, afinal, muito se resente na sua obra, especialmente nas obras de maior valor.

Dotado de uma invulgar intuição musical, Tchaikowsky começou a sua aprendizagem tardiamente porque os seus pais, nada virados para a música, tardaram em descobrir o claro talento do seu filho. Alguns dos seus biógrafos radicam aliás nos contraditórios episódios da infância e juventude e no relacionamento com os pais algumas das dúvidas face a si próprio que o acompanharam toda a vida.

Após um curso de piano e composição no Conservatório de Moscovo, Tchaikowsky encontraria nos irmãos Anton e Nicolai Rubinstein, à época figuras dominantes do meio musical russo, um apoio e estímulo que se manifestou das mais diversas formas, desde o convite para ensinar no conservatório até encomendas (no número das quais viria aliás a figurar a *Abertura «1812»*).

A composição do famoso *Concerto para piano e orquestra n.º 1* (que ouviremos na Festa na interpretação do pianista António Rosado) data do primeiro período

grandes auditórios pela continuidade de tensão e impacto sonoro.

As *Valsas* que abrirão o concerto constituem uma selecção de alguns dos mais célebres andamentos de três das grandes suítes para bailado de Tchaikowsky: o 2º andamento de «*Lago dos Cisnes*», o 5º andamento de «*A Bela Adormecida*» e o 3º andamento do «*Quebra-Nozes*». A música de bailado, reconhecida pelos críticos como uma das áreas musicais que o compositor trabalhou com grande qualidade, inclui algumas das suas composições de maior reconhecimento público.

Finalmente, a terceira peça do concerto da Festa, a *Abertura solene «1812»* foi encomendada a Tchaikowsky em 1880 pelo pianista Nicolai Rubinstein, fundador, em 1866, do Conservatório de Moscovo. A encomenda referia-se a uma peça para uma de três circunstâncias à escolha do compositor: a celebração dos 25 anos de reinado do czar Alexandre II, a consagração da catedral ortodoxa de Moscovo ou a inauguração da Exposição Industrial e Artística de Moscovo, a realizar nesse ano.

Das três possibilidades, Tchaikowsky terá escolhido a terceira, embora se levanta-

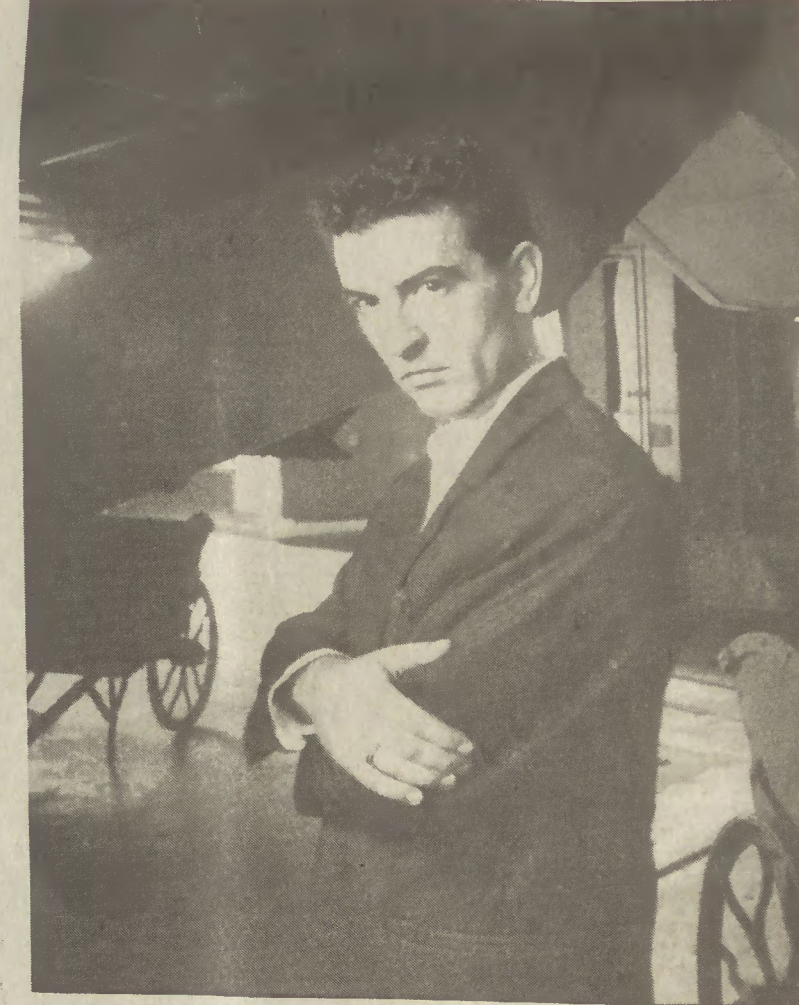
ridos, associando a prevista consagração da catedral à inauguração da exposição, inicialmente programadas para o mesmo ano.

Neste sentido irão também os elementos sonoros que fizeram a fama da *Abertura solene*: a utilização de disparos de canhões e de carilhões. Alguns elementos permitem supor que a peça foi pensada para ser executada ao ar livre, previsivelmente junto às muralhas do Kremlin, sendo aqueles efeitos obtidos mediante a utilização da artilharia instalada no próprio Kremlin e pelos sinos das numerosas igrejas ali existentes, além dos da própria catedral. Refira-se, de passagem, que as crónicas referem que no século XIX Moscovo chegou a ter mais de 5 000 sinos, dizendo-se que se todos tocassem ao mesmo tempo as pessoas não conseguiriam falar umas com as outras nas ruas...

A *Abertura solene*, com uma duração total de cerca de 15 minutos, compreende seis episódios bem distintos. Como escreve o crítico André Lischke, «começa com o tema coral do exercício russo Deus proteja o teu povo; após uma sequência que

considerar de forma muito crítica a *Vitória de Wellington*, mas, quando da composição, escrevera no seu diário uma observação que de todo se poderia igualmente aplicar à «1812»: «É certo que realizamos melhor quando escrevemos para o público e se o fazemos depressa». Por seu turno, Tchaikowsky tinha em relação à *Abertura solene* uma posição inteiramente diversa da postura crítica que assumia relativamente a outras obras que realizara por encomenda, nomeadamente a *Marcha eslava*, considerando que a «1812» continha - como é hoje geralmente reconhecido - elementos de composição e brilhantismo dignos das suas obras de maior destaque.

A verdade é que a música de Tchaikowsky ganhou uma imensa popularidade entre os públicos da Europa e dos Estados Unidos, sejam as peças consideradas menores pela crítica, sejam as composições universalmente aceites (como é nomeadamente o caso do *Concerto para piano e orquestra n.º 1*). Exactamente aquele público que Beethoven sentira nascer na primeira década do século XIX.



António Rosado

O rhythm & blues de New Orleans:

Eddie Bo e os New Orleans Stompers

com Walter «Wolfman» Washington e Louis «Red» Morgan

Foi em 1718 que dois aristocratas franceses, os irmãos De Iberville e De Bienville escolheram um ponto a uma centena de quilómetros da foz do Mississippi e nas margens do lago Pontchartrain para construir uma cidade a que, em clara referência à sua França natal e à poderosa casa aristocrática a que estavam ligados, baptizaram de Nouvelle Orleans.

A escolha do local foi tudo menos assisada, uma vez que o clima era lamentável, o terreno pantanoso, o próprio nível médio do terreno idêntico ao do mar (e, por vezes, inferior...), o que tornava as inundações constantes e devastadoras, para além de tornar a construção de edifícios muito problemática. Durante anos disse-se que em New Orleans não se sabia o que era uma cave: era impossível cavar alicerces sem encontrar água...

A nova cidade foi-se entretanto desenvolvendo pela sua proximidade da foz do Mississippi, decisiva linha de comunicação dos estados do sul, e do Golfo do México. Ao longo do século XVIII a cidade foi governada por franceses, ocupada por espanhóis, mais tarde viu a chegada dos ingleses e, finalmente, em 1803, integrou os novos Estados Unidos na sequência da compra a Napoleão de toda a Louisiana. Durante a segunda guerra anglo-americana, a batalha de New Orleans entraria na crónica da nova nação pela derrota infligida aos exércitos britânicos, após o que começaria o seu

caminho para se transformar na musicalmente talvez mais célebre cidade do mundo.

Os motivos por que New Orleans viria a ser o cadinho musical em que se transformou derivam do mesmo motivo que atribuiu papéis similares a outras cidades: o ser um ponto de cruzamento de culturas. Só que New Orleans é de facto especial.

Cidade portuária, pelos seus cais, bares e entrepostos passaram ao longo de anos gentes de todas as nacionalidades e línguas. Mas, na própria população fixa (e que cresceu de umas 5 000 almas em 1775 a 250 mil em 1900) se podiam encontrar espanhóis, irlandeses, ingleses, franceses, italianos, uns de fixação mais antiga, outros mais recentes, acadianos de língua francesa vindos do Canadá e, sobretudo, negros.

Mas negros também de diferentes culturas. Todos escravos ou filhos de escravos (New Orleans foi importante entreposto negro), mas de diversos pontos de África e, tempos decorridos, de diversas evoluções. Como em nenhuma outra cidade norte-americana, sempre se fez sentir a presença dos negros do Caribe, dos crioulos, de língua espanhola e evangelização católica e que deram origem à cultura afro-cubana. Mas, vindos do Norte, ao longo do Mississippi ou para lá partindo, no tráfego entre as plantações de algodão e o seu embarque no porto, igualmente os negros norte-americanos, catequizados pelos missionários protestantes, com uma religiosidade de

que nasceriam *gospel* e *espirituais*.

Cidade portuária significa bares e animação, tornada tanto mais feérica quanto todas as culturas se cruzavam afinal na parte antiga da cidade, o bairro francês, o Vieux Carré que ainda hoje se mantém como o centro histórico e cultural de New Orleans.

Após a Guerra da Secessão e a abolição da escravatura, seria ainda para New Orleans, cidade tradicionalmente mais cosmopolita e aberta, que convergiram os milhares e milhares de escravos libertos das plantações, mas sem destino, sem trabalho.

Nos primeiros tempos de liberdade, acolhidos por um clima que favorece a vida ao ar livre, a nova população negra encontrou nos instrumentos das bandas militares dos desmobilizados exércitos da Guerra da Secessão forma de fazer a sua festa. Cornetas, trombones, caixas, pratos, bombos deram origem à primeira música instrumental da cultura afro-americana, ou seja, como se sabe, ao jazz.

Ali também, em New Orleans, no delta do Mississippi, do diálogo entre as canções de espirituais, as baladas irlandesas e as canções francesas, marcada pela dureza da vida e pela musicalidade africana, nasciam os *blues*.

O jazz criaria em New Orleans um estilo próprio baptizado com o nome da cidade, mas a verdade é que nela surgiram muitos outros estilos.

Entre os brancos de cultura francesa afirmar-se-ia o *cajun* que

daria origem a uma vertente *afro*, mesclada com ritmos do Caribe, o *zydeco*.

O jazz de rua, das bandas de metais desfilando em alegre improviso colectivo, daria, passado o período da euforia e regressado o racismo e mantendo-se a pobreza negra, uma forma de música mais interiorizada, de bares e cabarets, onde o piano surgia, o contra-baixo substituiu a tuba, a bateria reunia o bombo, a caixa, os pratos.

Os negros iniciavam entretanto a sua migração para o Norte, ao longo do Mississippi, procurando trabalho nas cidades industriais: Kansas, Memphis, Detroit, Chicago, Nova Iorque. Em cada uma dessas cidades surgiria um jazz novo, um jazz marcado pela vida nos ghettos.

Em New Orleans o jazz intimista convive com as velhas *brass bands*, mas o ritmo da vida ia exigindo novas fórmulas. Em New Orleans realiza-se o que é talvez a mais antiga e profundamente crioula festa dos Estados Unidos, o *mardi gras*, um carnaval muito próximo das festividades afro-cubanas e brasileiras. New Orleans é uma cidade onde se dança muito e aqui mais do que em qualquer outro sítio do jazz teria que nascer uma música de dança: o *rhythm & blues* vem buscar a New Orleans o piano (Fats Domino, por exemplo), tal como vai buscar a guitarra a Chicago e os metais a Memphis.

O *rhythm & blues* de New Orleans é talvez o mais festivo, o mais dançante e, sobretudo, cometa uma das mais ricas tradições

de música para piano de todos os Estados Unidos.

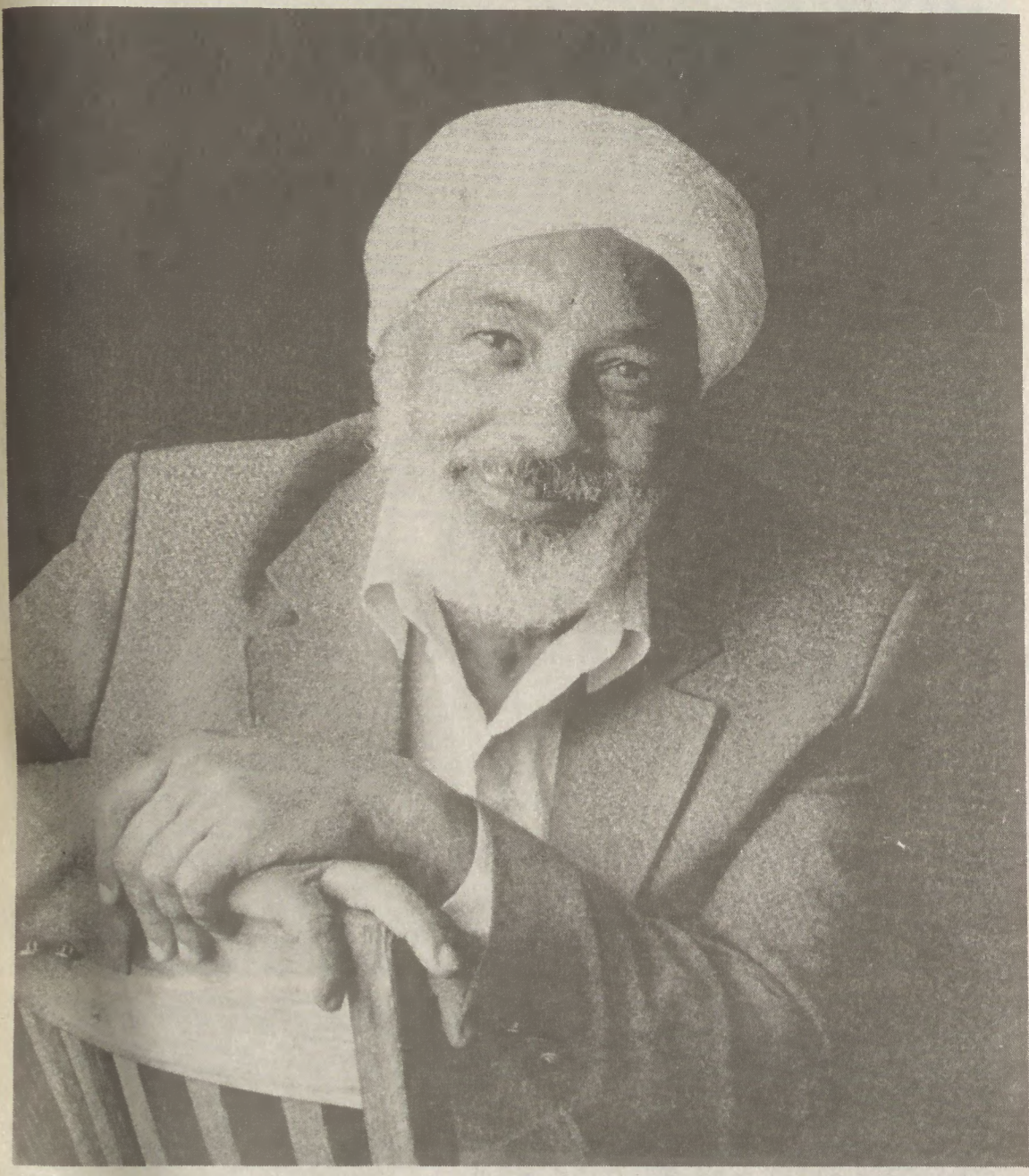
O músico que chefia uma banda de 14 elementos que actuará Sábado à noite na 20ª Festa do «Avante!» é unanimemente considerado hoje o mais importante representante dessa escola: trata-se do sr. **Edwin Joseph Bocage**, musicalmente conhecido por **Eddie Bo**.

Fazer a história de **Eddie Bo** é quase fazer a história dos últimos 40 anos da música da New Orleans em que nasceu. Compôs canções que fizeram famosos cantores como Etta James, Little Richard, Art Neville; nos grupos que dirigiu ao longo dos anos iniciaram-se vocalistas como Joe Turner, Lloyd Price e os Platters. Influenciou pianistas de todos os estilos e os nomes mais consagrados, de Bill Evans a Oscar Peterson, sobre ele teceram elogios sem fim.

Ao lado de **Eddie Bo** vem a maior revelação dos R&B de New Orleans, o guitarrista **Walter «Wolfman» Washington**. Dele se escreveu que tem «o ritmo crioulo de New Orleans, a energia dos *slides* de guitarra de Chicago e a energia vocal de um pastor protestante num *gospel* de Sábado à noite».

Em New Orleans raramente há grupos pequenos. Há músicos em cada esquina, constituir uma grande formação é fácil. Tocar é uma festa e por isso a banda montada por **Eddie Bo** para trazer à Festa parou nos catorze elementos - mas não foi por vontade dele!

E há quem diga que é a melhor música do Mundo!



Eddie Bo



Walter «Wolfman» Washington



Louis «Red» Morgan



O Gospel de New Orleans: Zion Harmonizers

O *gospel* e os *espirituais* constituem, lado a lado com as *canções de trabalho*, as primeiras manifestações musicais no continente americano dos escravos negros que asseguravam a produção das plantações algodoeiras dos Estados do sul dos EUA.

As *canções de trabalho*, destinadas a ritmar e facilitar o violento trabalho físico, são os temas que, por um lado e devido à sua funcionalidade, apresentam uma maior riqueza rítmica; por outro, são as que mais directamente se ligam à tradição musical africana, recorrendo quase sempre a sons onomatopáicos e não a palavras. Já o *gospel* (abreviatura de *God spell*, «Deus chama» ou o «chamamento de Deus» em inglês) e os *espirituais* derivam da fusão entre a tradição musical africana e os hinos da liturgia protestante divulgada pelos missionários entre a população escrava.

Ao contrário do que sucede na liturgia católica, a liturgia protestante em geral recorre largamente ao hino cantado colectivamente pela congregação; tal facto, ligado à musicalidade própria da cultura negra deu origem a um tipo de hinos parte integrante da cultura afro-americana, tanto mais significativos quanto, para além da adesão musical, o tema dos hinos (quase sempre ligados à história do povo judeu narrada no «Antigo Testamento») criava claras identificações entre a opressão sofrida pelos povos dos profetas bíblicos e a situação vivida pelos escravos.

A fronteira entre os *espirituais* e o *gospel* nem sempre é pací-

fica, mas é geralmente aceite o princípio segundo o qual os *espirituais* são os temas mais antigos, normalmente de autores anónimos, enquanto o *gospel* constitui a evolução do estilo em novas circunstâncias que se prolongam até hoje.

Como noutros estilos da música afro-americana, New Orleans constitui um ponto fulcral do seu aparecimento e os *Zion Harmonizers* são um dos pilares da comunidade *gospel* da cidade e uma presença obrigatória do anual Heritage Festival que reúne o melhor da música negra do Sul norte-americano. O programa do seu líder, Sherman Washington na maior estação de rádio de New Orleans, a WYLD, entrou já no seu 40º ano de emissão e constitui ele próprio um elemento de tradição. O espectáculo anual dos *Zion Harmonizers* realizado habitualmente em Janeiro constitui o mais importante evento *gospel* de New Orleans, facto tanto mais significativo quanto o grupo canta regularmente na «New Orleans House of Blues» todos os terceiros Domingos de cada mês!

O prestígio dos *Zion Harmonizers* tem sido consagrado por numerosos prémios, entre os quais se destaca o atribuído já este ano pela revista «*Offbeats*» que os classificou como «Best of The Best Gospel Group».

O grupo - sete vozes masculinas, piano, guitarra e bateria - já realizou mais de 40 digressões na Europa, sendo a primeira vez que se apresenta em Portugal.

Violino, sapateado, Kevin Burke, Irlanda Open House

O fundador do grupo é considerado um dos principais violinistas da música tradicional irlandesa e, a comprová-lo, pode apresentar-se uma impressionante lista dos grupos e cantores com os quais já tocou: Patrick Street, Christy Moore, Kate Bush, Arlo Guthrie, Ry Cooder, The Birds. A lista podia continuar, mas **Kevin Burke** não necessita de maiores apresentações.

Personalidade irrequieta, Burke resolveu há um par de anos fixar-se em Nova Iorque onde, aliás, existe um vasto público irlandês, mas o resultado acabaria a ser bem diferente: um

novo grupo surgiria, os *Open House*, com uma formação de características pouco vulgares reunindo três músicos americanos: **Mark Graham**, um homem que tem feito passar a sua harmónica e o seu clarinete por géneros bem diferentes, do *cajun* à música tradicional dos Apalaches criando uma justa reputação de grande executante, tal, aliás, como de bem humorado compositor; **Paul Kotapish**, um multi-instrumentista à vontade em quase todos os instrumentos de cordas patilhadas, do bandolim ao banjo, passando pelas guitarras; e, finalmente, **Sandy, Silva**,

uma bailarina que introduz nos *Open House* não apenas uma fascinante presença de palco, mas também a componente rítmica do seu sapateado.

O primeiro CD do grupo foi saudado pela crítica da especialidade, quer nos EUA quer na Irlanda, merecendo elogios tão significativos quanto o que lhe foi dedicado pelo «*Rock 'n' Reel*»: «O álbum tem originalidade, variedade, grande maestria musical e algumas canções verdadeiramente sedutoras. Ou seja, trata-se de *Open House* e trata-se de facto de um estabelecimento de cinco estrelas.»



Da Argentina Marisa Santos e Carlos Porta



Depois de na década de 70 ter conhecido um período áureo de expansão em todo o mundo e especialmente na Europa, a música latino-americana tem estado nos últimos afastada dos palcos e dos êxitos discográficos. Entretanto, lá do outro lado do Atlântico nada parou e o rico filão das tradições populares e da elaboração dos anos 60 e 70 está longe de estar esgotado.

Percorrendo as publicações musicais argentinas, chilenas, peruanas verifica-se que, um pouco por toda a parte, começa a despontar uma nova geração, com vinte e poucos anos e mais jovens ainda, onde se começam a definir os herdeiros de Mercedes Sosa, dos Parra, dos Ortegas, dos Viglietti.

Na Argentina, mais particularmente em Buenos Aires, uma voz feminina tem vindo a afirmar-se, tendo franqueado já o importante passo da gravação para uma multinacional: **Marisa Santos**, nascida em 1970 na capital argentina que, em 1993, na sequência do primeiro lugar obtido Festival de Rádio e Televisão Iberoamericanas, gravou um interessante CD para a Warner Chappel Argentina.

Acompanhada por um compositor de créditos já firmados, **Carlos Porta**, Marisa actuou já em diversos países latino-americanos, no Festival de Viña del Mar e iniciou o trabalho para um registo com um dos fundadores da Nueva Trova Cubana, Lázaro Garcia.

No próximo mês de Setembro Marisa inicia na Festa do «Avante!» a sua primeira digressão europeia que a levará a Espanha e a França. Com ela, regressa a balada latino-americana aos palcos da Festa!



Brigada Victor Jara

1995



Gaiteiros de Lisboa



Mísia

1994

NA FESTA COMO SEMPRE O MELHOR DA MÚSICA

Mais uma vez, a Festa do «Avante!» apresenta-se como uma verdadeira mostra de música feita em Portugal, nos seus mais variados estilos, influências e ritmos. Dos espectáculos mais intimistas a decorrer no Auditório «1º de Maio», até às formações adequadas para se apresentarem no Palco «25 de Abril» - que é a maior estrutura cénica permanente do País -, a programação de espectáculos portugueses da 20ª edição da Festa reafirma a sua principal característica: a diversidade e pluralidade estéticas, a recusa em ser um festival de um único género de música. Deste ponto de vista, a programação de valores artísticos nacionais, cuja valia corresponde às mais recentes correntes de expressão adoptadas pelos profissionais da música em Portugal. Por esse simples facto, a Festa é sempre um acontecimento com uma inevitável índole de modernidade.

Música popular, fado, jazz, vanguarda, pop, rock, dança. Os géneros da música em Portugal estão, todos eles, representados na 20ª edição da Festa do «Avante!», através de um lote que reúne certamente a maioria dos melhores músicos nacionais. Muitos trazem convidados especiais, alguns deles estrangeiros, num fenómeno de colaboração artística rara em Portugal mas que, em contraste, na Festa do «Avante!», tornou-se hábito, fruto das condições próprias do evento e da relação especial entretanto criada entre quem cria, quem organiza e quem usufrui.

música popular feita no nosso país, e aquela maneira ensolarada dos homens do sul se exprimem nas canções.

Rui Veloso

Rui Veloso é outro regresso à Festa e, mais uma vez, prepara para a Atalaia um espectáculo especial. À passagem obrigatória por todas as grandes canções da carreira do músico junta-se um lote de músicos convidados, onde se conta o grupo Vozes da Rádio e o pianista de

jazz **Bernardo Sassetti**. A lógica destes convites não é certamente estranha a duas facetas da obra do próprio Rui Veloso: o cuidado nos arranjos vocais e o cruzamento do estilo que o tornou fenómeno de popularidade - o rock - com a paixão que sempre devotou aos blues e, logo, ao jazz de uma forma geral.

Aliás, trata-se mesmo de uma ligação a seguir com particular curiosidade. Bernardo Sassetti - como todos os críticos portugueses denunciaram - iniciou já uma carreira interna-

cional que faz dele presença habitual nos circuitos de jazz de Nova Iorque e da Europa, com actuações e registos ao lado de nomes consagrados, muito especialmente na área do *latin jazz*, que particularmente tem seduzido o pianista. O *swing* do piano de Sassetti com a muito *bluesy* guitarra de Rui Veloso constituem uma combinação muito sedutora.

Por outro lado, só à primeira vista o aparecimento das Vozes da Rádio parece insólito. Grupo revelação do duplo CD «Filhos da Madrugada Cantam José Afonso», o grupo vocal surpreendeu por um trabalho de grande originalidade entre nós, mas que tem grandes tradições nos EUA e essencialmente por influência dos grupos vocais negros (Ink Spots, Platters, Golden Gate Quartet) e que viriam a dar um grupo branco de grande impacto, os Manhattan Transfer. Ou seja, as vocalizações dos Vozes da Rádio têm também elas uma clara e profunda raiz jazzística que será igualmente fascinante ver como se entrelaça com os absolutamente *jazzy* Sassetti e Veloso.

Gaiteiros de Lisboa

Ouvir o último álbum dos Gaiteiros de Lisboa é uma experiência quase violenta de tão gratificante: escutar a sabedoria que se revela na instrumentação, o respeito e o carinho com que é tratada a música tradicional portuguesa e, ao mesmo tempo, a talentosa insinuação de ideias novas, de sensibilidade dinâmica é a prova que esta música - seja qual for o rótulo que se lhe queira colocar - já nos deu muito mas tem ainda muito para nos dar.

Tal como outros artistas da Festa deste ano, também os Gaiteiros de Lisboa não vão à Atalaia sozinhos: convidados estão músicos participantes na gravação deste disco que, sem querer cometer injustiças, nos parece ser das mais importantes gravações dos últimos tempos no nosso país.

Quarteto de Carlos Martins

Mais um músico, mais convidados. Desta vez da área do jazz, Carlos Martins volta a actuar na Festa do «Avante!» acompanhado de uma formação de músicos portugueses e de uma baterista norte-americana. Trata-se de **Cindy Blackman**, que assim aparece na Europa para espalhar o talento que já a consagrou nos Estados Unidos, onde tocou com músicos fundamentais e fez aplaudidas gravações com o seu grupo-base de músicos. Uma revelação para o público da Festa que pode também tomar conhecimento desta colaboração que, para além do jazz, busca inspiração na *world music* e no *rock* e resultou, de resto, numa gravação do Quinteto de Carlos Martins com Cindy Blackman cujas audições só pode aguçar o apetite de visualizar o espectáculo da Atalaia.

Acrescente-se que, além de Cindy, o quarteto de Carlos

Martins é o que se pode chamar uma *formação de luxo* no quadro do actual jazz português: no piano, **Bernardo Sassetti** e no contrabaixo **Carlos Barreto!**

Brigada de Victor Jara

É, simplesmente, o grupo com trabalho mais duradouro e significativo de recolha e reelaboração da música do nosso povo. É um grupo que, simplesmente, está com a Festa do «Avante!» desde a primeira hora. Na 20ª edição da iniciativa não poderiam faltar num trabalho que, após a grande apresentação do ano passado que assinalou igualmente o lançamento do seu último trabalho, releva da vontade dos veteranos da Brigada de estarem numa Festa a que estão, com toda a justiça, profundamente ligados.

Telectu

O duo de **Jorge Lima Barreto** e **Vitor Rua** tem um dos percursos mais originais, duradouros e profícuos da música feita em Portugal, sendo o Telectu um dos nomes da fila da frente da plateia de actores da música de vanguarda europeia. A sua presença regular na Festa justifica-se pela constante inovação na concepção dos espectáculos do grupo, sempre «apimentada» com um convite feito a um músico ou a um grupo de músicos, da mesma área ou provenientes de outras origens musicais, cujo diálogo com os músicos do Telectu tem proporcionado momentos surpreendentes na Festa. Este ano, Lima Barreto e Rua vão trazer à Atalaia dois músicos estrangeiros com experiência já de presença em palcos portugueses: o saxofonista britânico **Evan Parker** que, depois de uma

vasta carreira ao lado dos maiores nomes do jazz europeu, iniciou há alguns anos um interessantíssimo trabalho com o grupo **Zoviet France**, e o baterista e performer holandês **Han Bennink**, um companheiro de Paul Bley e Anette Peacock

saberão, muito elevado, já que garante frequentemente lugares cimeiros no *top* de vendas nacional - acaba por nunca fazer justiça à que nos parece ser a verdadeira «forma de estar» da Quinta do Bill: o espectáculo para grandes plateias.

gritos, cantando em coro, dançando freneticamente ao longo da hora de actuação do grupo. Já se constatou isso mesmo na própria Atalaia: um espectáculo da Quinta do Bill é um pouco mais que isso: é um espectáculo da Quinta do Bill e do público



Clã



Danças Ocultas

e que em Portugal colaborou mais de uma vez com **Jorge Peixinho**.

Quinta do Bill

Este é daqueles grupos cujo sucesso em disco - como todos

A partir de uma raiz *folk*, a Quinta do Bill é uma formação que se transcende nas grandes actuações para públicos numerosos, transmitindo uma vitalidade e uma energia autenticamente demolidoras: o resultado é sempre o de ver milhares e milhares de pessoas aos pulos,

que, de assistente, passa a participante.

Danças Ocultas

Um quarteto de concertinas poderia ser, à partida, formação sobre a qual não se manifestari-

Janita Salomé

É o caso de Janita Salomé, que no ano de preparação de um novo trabalho a solo escolheu os palcos da Festa para um primeiro espectáculo ligado ao novo disco, a um *novo cante*. Para o espectáculo da Atalaia deste ano, Janita trata de organizar um acontecimento especial de onde se realça a entrada em palco, durante a actuação do cantor, de grupos corais alentejanos participantes na gravação que dará origem ao novo trabalho de longa duração do cantor.

Janita retoma assim linhas que marcaram os seus álbuns, fundamentais no domínio da

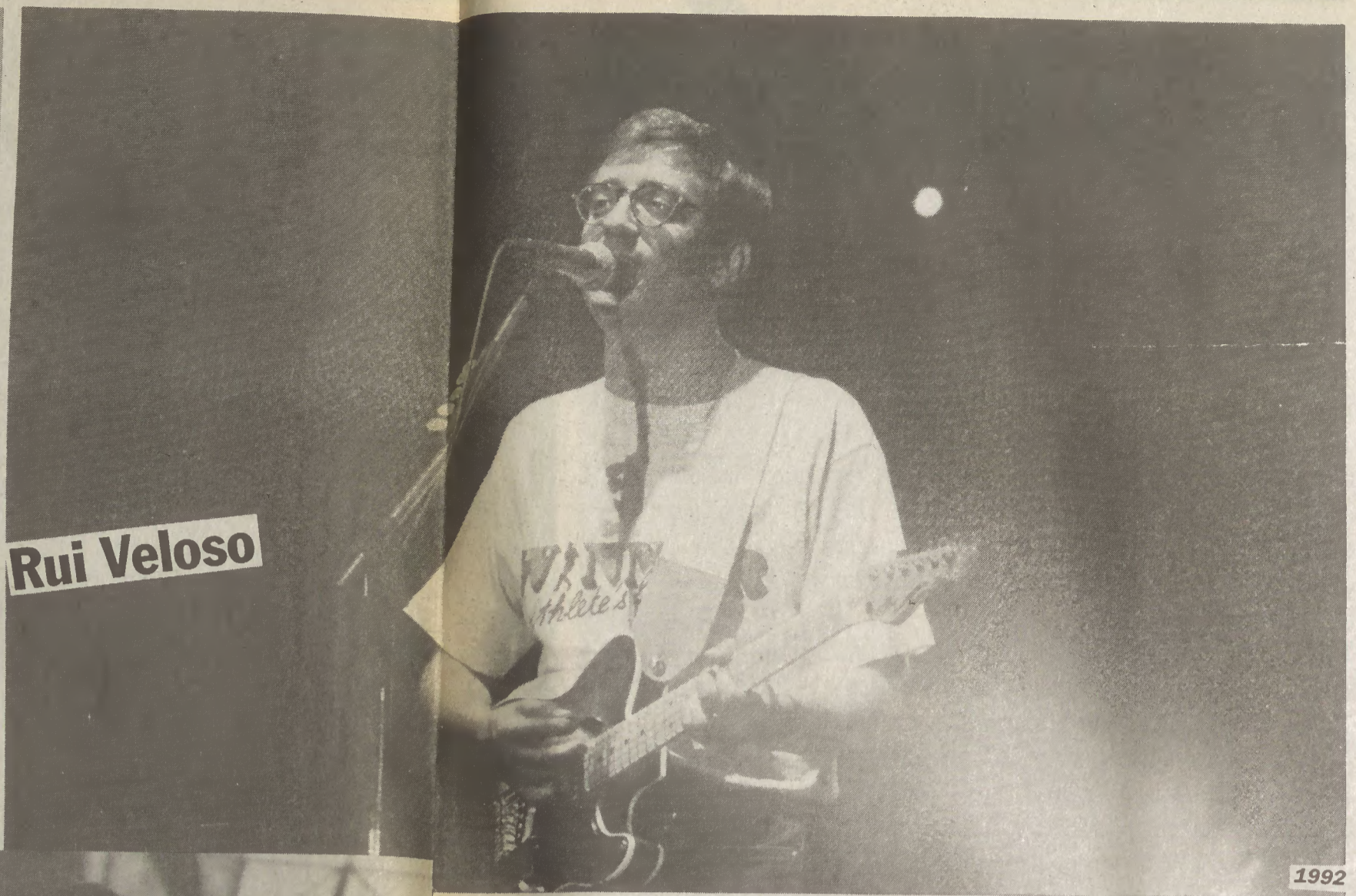


Telectu

1990



Vozes da Rádio



Rui Veloso

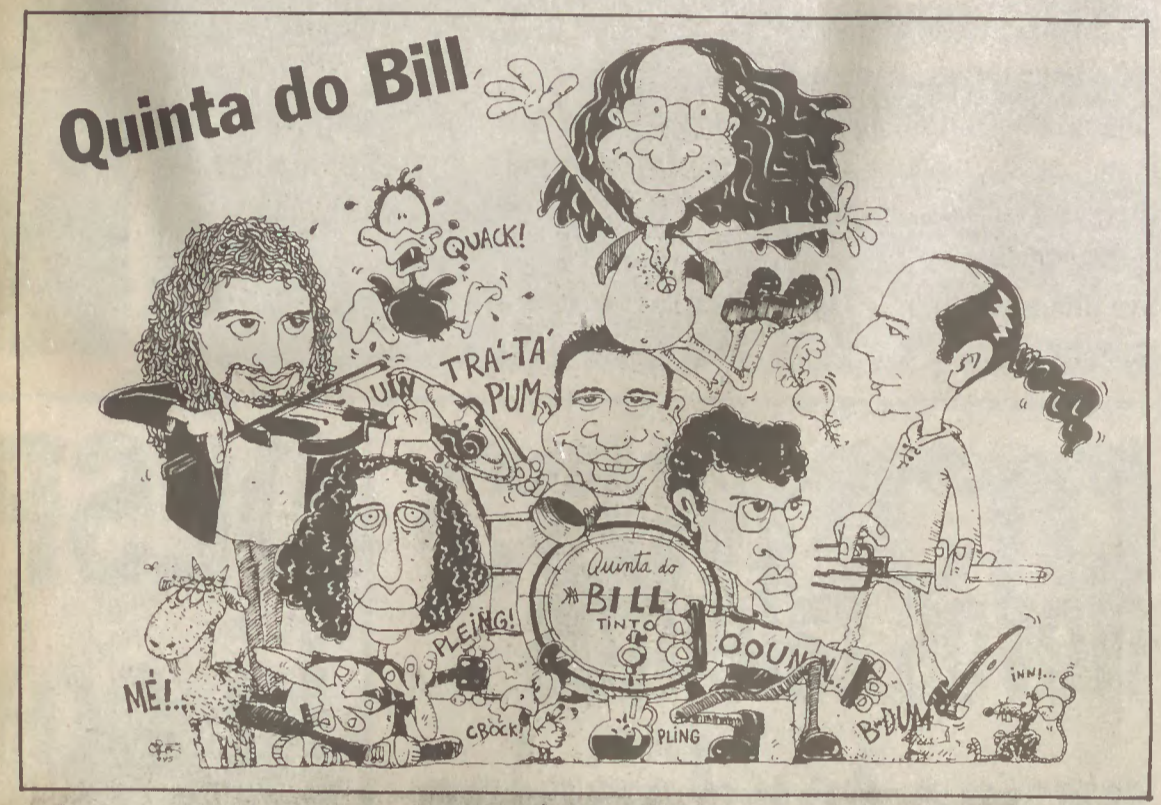
1992

PRE A PORTUGUESA



Bernardo Sasseti

1993



ULTIMAS! Kussondolola e Cool Hipnoise

Mais duas presenças confirmadas nos espectáculos da 20ª edição da Festa do «Avante!»: os Kussondolola e os Cool Hipnoise.

Nascidos há quatro anos, os Kussondolola rapidamente se transformaram numa das bandas mais prestigiadas de cena afro de Lisboa, tendo recebido as melhores críticas não apenas entre nós, mas igualmente nas digressões que já os levaram a França e a Espanha.

Para este ano, os Kussondolola prepararam uma apresentação especial para a Festa que inclui diversos convidados e, especialmente, uma sequência de percussões africanas que conta com numerosas participações além da formação habitual da banda.

Os Cool Hipnoise viram o seu primeiro CD «Nascer do Soul» ser considerado um dos mais interessantes trabalhos publicados entre nós, conseguindo o feito notável de reunirem um consenso de opiniões de áreas musicais diferentes que, aliás, o grupo assume como componentes efectivas da sua música: jazz, pop, rap, hip hop. O tema rap «Meu Amigo», talvez dos mais consequentes e vigorosos libelos contra a toxicodependência, rapidamente ultrapassou o estatuto exclusivamente musical para se perfilar como uma consistente intervenção social. Para tanto interessa sublinhar que os Cool Hipnoise são considerados como o grupo que, para além de uma inquestionável qualidade musical, mais longe levou o enlace entre o rap e a poética em língua portuguesa.



Raul Marquez & Amigos da Salsa

am particulares entusiasmos. Sucede que este grupo, o Danças Ocultas, fez estrada com um repertório de música erudita, arranjos de temas tradicionais e de música brasileira. Foi em 1992.

Os bons resultados motivaram o início da elaboração de composições originais e a experiência de levar os instrumentos ao afinador, de forma a aproximar a afinação das três palhetas que compõem cada nota. Contrariou-se a tradição mas obteve-se um som novo que está na base de um primeiro álbum, editado este ano.

Os espectáculos subsequentes deram origem a largas páginas de jornal com artigos entusiasmados de críticos assombrados com o que «apenas quatro concertinas podem fazer». Depois disto, como é que podiam faltar à Festa?

Osório iniciara já e que agora ganha nova voz com Mísia. Diga-se de passagem que, tratando-se de um primeiro passo incidindo sobre um número reduzido de temas, revelam-se algumas das complexidades deste tipo de trabalho quando feito com rigor. Na verdade, se é possível encontrar numerosos poemas do chamado *fado libertário*, a verdade é que a memória e as fontes são omissas quase sempre quanto às suas músicas. O *fado libertário* tem o seu apogeu numa fase anterior a algumas fixações dos códigos musicais do fado clássico, tudo criando um campo de labor lento e persistente. Mas, resumindo, a oportunidade de ouvir cantar grandes poetas e grandes compositores lado a lado com a poesia popular da Lisboa operária do princípio do século.

MDA

A experiência foi feita este ano: pegar numa inteligente e significativa selecção de temas portugueses de grande sucesso nos anos 80 e 90, utilizar o computador e as técnicas digitais e obter mais de uma hora de música dançável. A repercussão da ideia foi um disco, visionariamente subintitulado «Volume I», que enche de som todas as pistas de dança do País.

Palco historicamente privilegiado para a música de dança, em múltiplos ritmos, batidas e maneiras de menear o corpo, a Festa teria necessariamente de dar lugar a uma experiência inovadora: a passagem para um «ao vivo» do trabalho laboratorial que esteve na origem do MDA.

São os *samplers* e toda a rentabilidade sonora que proporcionam, transpostas para uma exibição cujo objectivo será transformar a plateia numa enorme pista de dança.

Mísia

Depois de ter efectuado o lançamento de um álbum no Auditório 1º de Maio, na Festa do «Avante!», a fadista Mísia viu aumentar a sua popularidade em Portugal e, para além de todas as melhores expectativas, obteve uma elevada repercussão internacional em países como a vizinha Espanha, em França e no Oriente, nomeadamente no Japão e na Coreia, o que aliás motivou *tourneés* por esses países verdadeiramente épicas.

Factos que não serão estranhos o extremo bom gosto na selecção musical e poética, a interpretação vocal a um tempo forte e sensível, o misto de respeito pela tradicionalidade e índole inovadora do seu trabalho. Uma volta à Festa necessariamente, este ano enriquecida com um trabalho especialmente criado: a recolha de alguns velhos fados anarquistas e socialistas do princípio do século, uma recolha que José Manuel

Paulo Saraiva

Aqui o fado é de Coimbra. O disco «Canções com Lágrimas» de Paulo Saraiva revelou, aos amantes deste género específico do fado nacional, que a «música dos doutores» tem herdeiros dignos dos maiores nomes do género. Se os anos 50 e 60 fizeram desta canção, entretanto popularizada no seio universitário, um fenómeno transversal de Norte a Sul do País, nos dias de hoje é reconhecida a importância de contributos como os que são dados por cantores como Paulo Saraiva, não só no sentido de manter viva esta «chama coimbrã», mas, sobretudo, para dela retirar, com saber artístico, toda a potencialidade social e estética que fazem do Fado de Coimbra uma original expressão capaz, como já o foi, de atingir níveis de extrema popularidade. A seriedade do trabalho de Paulo Saraiva é um caminho nesse sentido.

Raul Marquez e Os Amigos da Salsa

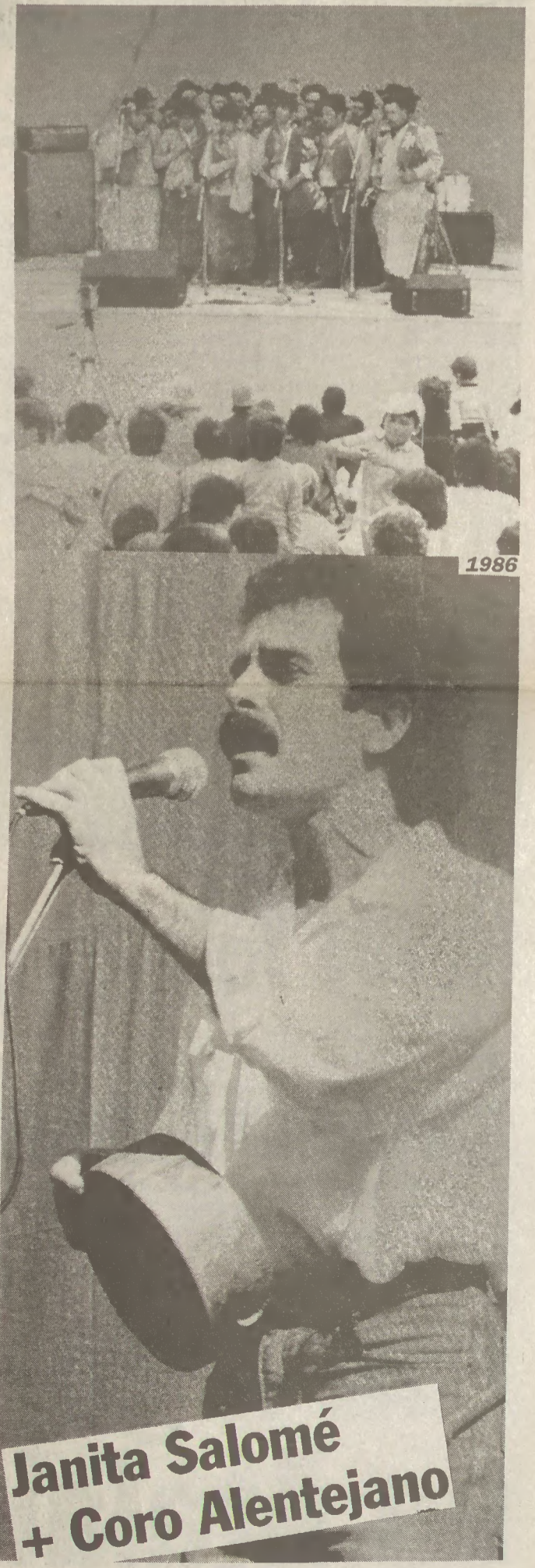
O Porto tem produzido indiscutivelmente muita da melhor música popular surgida em Portugal nos últimos anos - e em todas as áreas. Na música tradicional, no jazz, no rock, na pop, das margens do Douro têm começado a tocar e a cantar músicos e conjuntos que marcaram indelevelmente o ambiente musical das duas últimas décadas.

A lista é infinda, dos Táxi aos Jáfumega, dos sucessivos grupos animados pelos irmãos Barreiros a Abruñosa, passando por tantos e tantos outros nomes. Acrescente-se, aliás, que é possível afirmar que um traço característico deste «viveiro» é o grande número de excelentes executantes, de músicos de elevada craveira, com um peso significativo de influências de jazz que tem permitido que muitos dos grupos portugueses saiam do figurino mais clássico da guitarrabaixo-bateria para surgirem com naipes de sopros, solistas de excelente nível e formações de dimensões apreciáveis.

A mais recente afirmação deste tipo é o grupo de Raul Marquez e Os Amigos da Salsa, uma formação de onze figuras que inclui alguns dos melhores músicos do Porto, presentes, aliás, noutros grupos, como nomeadamente no Bandemónio de Abruñosa.

Dois trompetes, sax alto, sax tenor, piano, baixo eléctrico, bateria, numerosas percussões, vozes, bailarinos, enfim o clássico grupo de salsa com uma energia que não deixa nada a dever aos mais encartados grupos da cena latina de Nova Iorque.

Raul Marquez e os Amigos da Salsa são uma estreia na Festa do «Avante!», tentada já em 94 e 95, mas que, por motivos vários, não foi possível. Este ano - é de vez!



Janita Salomé + Coro Alentejano

1986

SEBASTIÃO SALGADO

Mais de seis dezenas de fotografias da série «Trabalho», seleccionadas por Sebastião Salgado, vão estar patentes na área central da Festa do «Avante!», em ampliações de 50 por 70 centímetros. Trata-se de uma importante mostra fotográfica que inclui imagens impressionantes colhidas em diferentes pontos do globo, entre 1987 e 1991. Todas elas, porém, apresentam um traço comum: «são o registo de uma era - uma espécie de arqueologia de um tempo que a história conhece pelo nome de Revolução Industrial. Um tempo no qual o eixo central do mundo estava naquilo que estas imagens registam: o trabalhador, a mão do homem» - lê-se no texto que acompanha a exposição.

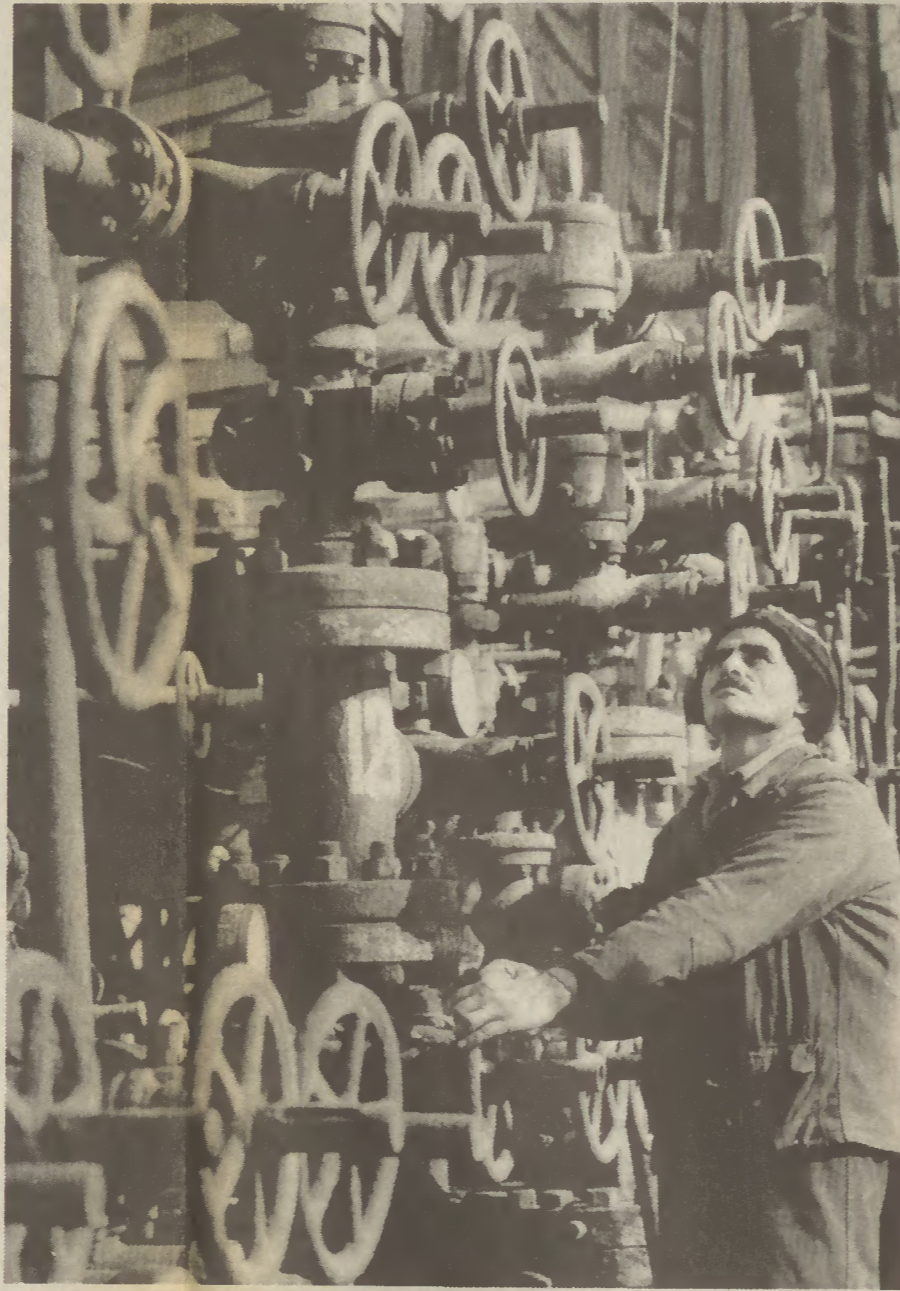
Viajando pelo mundo, o fotógrafo e a sua câmara encontraram «o Planeta dividido, sempre. O Norte em nova crise: a do excesso. O Sul, cada vez mais mergulhado na de sempre: a carência. O fim do século viu a falência do modelo de socialismo aplicado num bloco de países.

«Criar um mundo novo, revelar a nova vida, recordar que existe um limite, uma fronteira para tudo, excepto para o sonho humano. Moldar com as mãos o mundo, revelar com os olhos a vida, recordar nos sonhos aquilo que virá.

«A trajectória do bicho-homem, o que se adapta, o que sobrevive, o que crê. O que resiste, se preserva.(...)»

«Numa parte do Mundo, a história é a espiral sem fim de opressões, humilhações, devastação, mas também da infinita capacidade humana de sobreviver a todas as pestes, a todos os males, inclusive o mais cruel: a ambição (...).»

São ideias presentes ao longo desta exposição a não perder este ano no espaço central da Festa.



Arte contemporânea Novos talentos novas tendências

Denominada «Sequências, Confrontos, Rupturas», a exposição de arte contemporânea da edição deste ano da Festa é dedicada exclusivamente ao trabalho dos jovens artistas. É uma excelente oportunidade para contactar com o trabalho das novas gerações e espreitar as novas tendências em diversas áreas das artes plásticas, do design e da arquitectura nacionais.

Na mostra participam artistas por convite, abrangendo 14 disciplinas que vão da arquitectura ao design gráfico, passando pelo design de equipamento, pintura, desenho, escultura, tapeçaria, joalharia, medalhística, estilismo, fotografia, banda desenhada, cerâmica e gravura.

Para tanto, foi constituída uma comissão composta por 14 artistas de mérito reconhecido a quem coube indicar quatro jovens talentos em cada uma destas áreas que serão convidados a expor.

Da comissão fazem parte, entre outros, Rogério Ribeiro, Manuel Tainha, Daciano Costa, José Rodrigues, João Machado, Eduardo Gajeiro, Manuela Bronze, Alberto Gordilho, Gisela Santi, Virgínia Fróis, João Duarte e José Rui.

A exposição estará patente num pavilhão próprio no espaço central e conta com cerca de uma centena de obras.



Novos valores

A criação do Palco da Liberdade, situado na área da Organização de Setúbal, é uma novidade que visa dar oportunidade a novos valores da música portuguesa de divulgarem o seu trabalho na Festa.

A selecção prévia começou há vários meses através das organizações regionais do Partido, estando apurados nesta altura os seguintes nomes: «Irmãos de Sangue», «Sírios» e «Alquímia», de Setúbal; «Cor da Lua» (Coimbra); «Strange Airplane» (Aveiro); João Batista (Bragança); «Good Blood» (Porto); Kamikazes (Viana do Castelo); «Atrito» (Santarém); Caty, uma cantora vinda da Emigração, e os «Psyco Maniacs», seleccionados pela JCP.

Um lago na Atalaia

A zona ribeirinha da Quinta da Atalaia é uma extensa área plana que representa cerca de um terço do espaço até aqui ocupado pela Festa. Este ano será aberta aos visitantes que terão a agradável surpresa de ali encontrar um enorme lago, com quatro mil metros quadrados. O projecto está dividido em várias fases de execução e integra-se no plano global de recuperação e valorização da baía do Seixal lançado pela autarquia.

No futuro, esta zona poderá ser utilizada pela população, devendo ali surgir um pavilhão polivalente, para a realização de

encontros e outras iniciativas, bem como um equipamento de restauração.

A primeira fase, agora realizada, compreendeu a construção do lago que aproveita a água do rio, o encaminhamento das águas pluviais, a retenção da água da maré e a cobertura vegetal da área envolvente.

Nos dias da Festa, será aqui instalado o Avanteatro, um ecrã para projecção de cinema, uma exposição com modelos de embarcações tradicionais do rio e dois bares. É um espaço calmo de lazer, onde o visitante poderá fazer uma pausa no bulício da Festa.

DESPORTO já começou

O desporto começa muito antes da Festa abrir. Nos meses de Julho e Agosto são promovidas provas em várias modalidades em que participam centenas de atletas.

Exemplo disso é o **torneio de futebol de salão** já a decorrer em Lisboa, Braga, Beja, Setúbal, Porto e Covilhã, cujas meias-finais e finais se disputam nos dias 7 e 8 de Setembro, no polidesportivo da Atalaia.

Já no próximo sábado, dia 13 de Julho, tem lugar a prova de **canoagem**, que desta vez cumpre o percurso entre o Cais de S. Amaro, em Alcântara, e a baía do Seixal. Ainda neste mês realiza-se um concurso de pesca no distrito de Castelo Branco, estandome marcado outro encontro de pescadores para 11 de Agosto, em Lisboa.

No dia 1 de Setembro, é a vez dos **cicloturistas** participarem no raid da Festa do «Avante!». São 126 quilómetros de prova com partida da FIL pelas 9.00 horas. O percurso passa pela Av. 24 de Julho, P. Comércio, R. da Prata. Av. da Liberdade, M. Pombal, Saldanha, C. Pequeno, C. Grande, 2ª Circular, Sacavém, Alverca, Alhandra, VF de Xira, Porto Alto, Infantado, Alcochete e Montijo. Após paragem para almoço, a prova segue pela Moita, Barreiro, Coímba, Paio Pires, Seixal, Arrentela, Paivas e chegada à Quinta da Atalaia, cerca das 17.30 horas.

Durante os dias da Festa, a programação do **polidesportivo** está orientada para permitir a participação dos visitantes. Na sexta-feira, aquele espaço é aberto aos praticantes de patins em linha, na manhã de sábado é organizado um circuito pedestre de



A Corrida

Atrairdo todos os anos mais de um milhão de atletas, a Corrida é sem dúvida o maior acontecimento desportivo promovido no âmbito da Festa do «Avante!», que esta edição irá de novo confirmar.

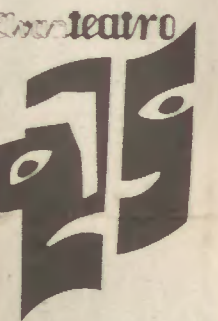
Com partida pelas 9.30 horas de domingo, dia 8 de Setembro, junto às Bombas da Cipol, a prova passa pela Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1ª de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328, Rotunda da Torre da Mariinha, EN 10-2, Farinheiras, Av. General H. Delgado, Paio Pires, Cruzamento do Seixal, Av. dos Metalúrgicos, Av. Vasco da Gama, Largo dos Restauradores, Av. D. Nuno Álvares Pereira, Praça 1ª de Maio, Av. da República na Arrentela, Rua MFA, Av. Silva Gomes, Rua dos Lobatos, Largo Manuel da Costa, Rua da Fonte de Prata, Quinta da Medideira e Campo do Amora, onde estará a linha de chegada.

A prova destina-se aos escalões juniores, seniores e veteranos masculinos e femininos, e tem inscrições gratuitas, as quais podem ser feitas entre 27 de Julho e 30 de Agosto para o endereço: Corrida da Festa do «Avante!», Av. António Serpa nº 26 - 2ª Esq. 1050 Lisboa. Tel. 793 09 73 ou fax 796 98 97.

Os atletas receberão os dorsais a partir das 8.00 horas junto do Campo do Amora, não sendo aceites em caso algum inscrições no dia da prova. Haverá abastecimentos aos 5 e 10 quilómetros e no final da prova.

Os vencedores absolutos femininos e masculinos terão direito a participar na Corrida do L'Humanité, em Paris. As 15 primeiras equipas, bem como os primeiros quatro atletas de cada escalão recebem troféus ou taças. A organização da prova distribuirá ainda camisolas até ao 1000º atleta a cortar a meta.

TEATRO à beira rio



O aproveitamento da área ribeirinha da Quinta da Atalaia, entre outras vantagens, vai permitir a transferência do Avanteatro para um local mais protegido dos sons produzidos pelos diversos palcos da Festa. É uma alteração importante que certamente agradará ao público que todos os anos esgota as plateias, bem como facilitará o trabalho dos actores.

A programação, para além da presença de diversos grupos teatrais, como «O Bando» e o «Bonifrates» de Coimbra, inclui ainda apontamentos musicais, com o grupo coral «Negros de Luz» e a Orquestra Ligeira da Banda do Barreiro, entre outros. Nas manhãs de sábado e domingo, os mais pequenos já sabem - há teatro para eles na Festa.

CINEMA

Este ano há cinema na Festa. Um ecrã de generosas dimensões vai ser montado ao ar livre, na zona junto ao rio. Num ambiente sossegado e agradável pode assistir à passagem de curtas metragens portuguesas, num momento em que se assinala o 100º aniversário da sétima arte em Portugal.

PALCO ARRAIAL

Dedicado às diferentes expressões da música popular portuguesa, pelo Palco Arraial passam este ano a Banda Filarmónica Timbre Seixalense (que participa igualmente na abertura da Festa), os ranchos do Vouga (Aveiro), de Chafé (Viana do Castelo), de Alcochete, e vários ranchos corais alentejanos, onde se inclui um de mulheres. Jorge Lomba, um músico de Braga, actua na tarde de sábado, enquanto as noites serão animadas por grupo de baile popular, caso da Banda Seis.





«TRABALHO»

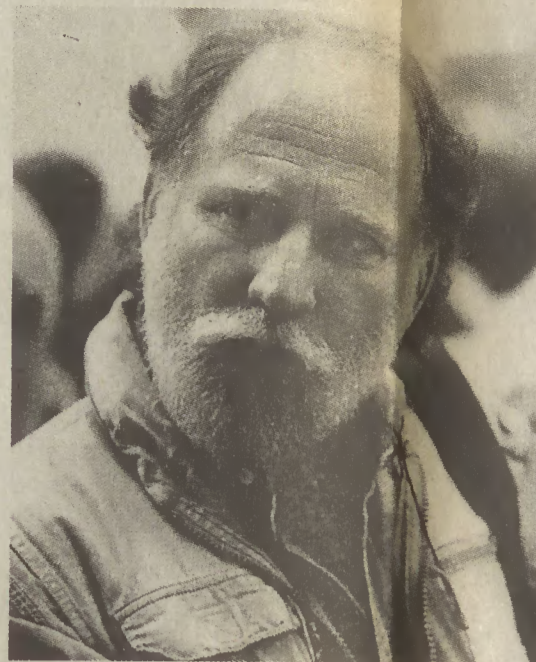
Biografia

Sebastião Salgado nasceu em 1944, no estado de Minas Gerais. Em 1968, um ano depois de concluir a licenciatura, obtém o mestrado em Economia, nas universidades de São Paulo e Vanderbit (EUA). De 1969 a 1971, frequenta, em Paris, a Escola Nacional de Estatística e Administração Económica, doutorando-se em 1971 na Universidade da capital francesa.

A fotografia surge quando, de 1971 a 1973, trabalha em África para a Organização Internacional do Café. Demite-se, regressa a Paris e começa a trabalhar como repórter fotográfico.

Os seus primeiros trabalhos registam a seca no Sahel, em África, e trabalhadores imigrados na Europa. De 1977 a 1983, para um projecto documental sobre camponeses, desloca-se várias vezes à América Latina; o resultado seria o livro «Autres Amériques». Em 1979, entra para a Magnum.

Em 1986, dá início a um projecto sobre o desaparecimento das indústrias manuais, que seria concretizado em 1993 na exposição e no álbum «Workers».



Espaço Central

75.º aniversário do PCP e os 20 anos da Festa



O 75.º aniversário do PCP e os 20 anos e 20 edições da Festa do «Avante!» são os temas que marcam este ano o espaço central. Para além das exposições, estas duas efemérides são ainda assinaladas em dois grandes murais da autoria de António Fernando e de Eduardo Lima Teixeira.

A exposição sobre aniversário do PCP pretende realçar os grandes ideais, identidade e valores que caracterizam a luta dos comunistas, no passado e no presente.

Entre os materiais que vão estar expostos, salientam-se 10 painéis de 4x2,5 metros, com reinterpretações de gravuras históricas, em madeira pela técnica de talhe doce, realizados pelos escultores Rui Vasques e Paula Lourenço.

Alguns dos momentos mais significativos da

história do PCP serão também evocados em 20 vitrinas com documentos e ilustrações.

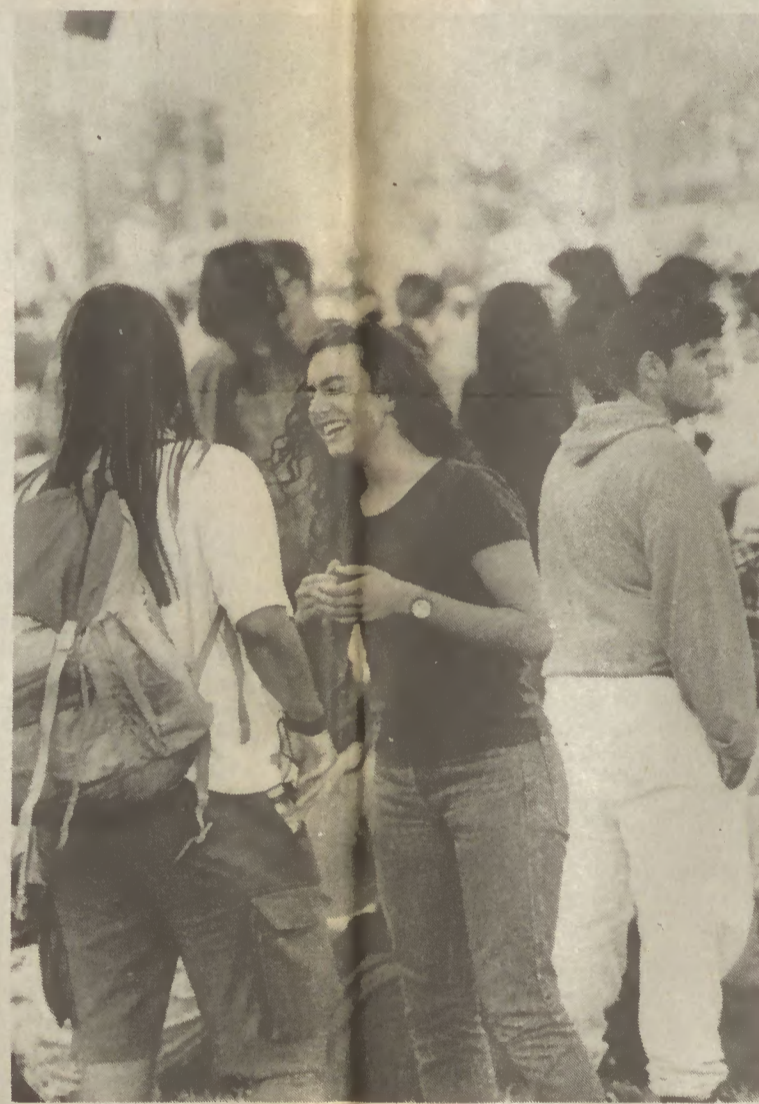
Fazendo questão em estabelecer uma ligação entre as grandes lutas do passado e a intervenção, os objectivos e as propostas dos comunistas no presente momento, o espaço central reflectirá as posições do PCP sobre a flexibilidade de horários e polivalência de funções, a reforma do sistema de segurança social, a União Europeia e as políticas de Maastricht, a regionalização, a defesa da Constituição.

É ainda objectivo desta exposição permitir a intervenção do visitante, o que acontecerá através de jogos especialmente concebidos para o efeito.

A exposição dedicada aos 20 anos e 20 festas do «Avante!» pretende valorizar esta realização no

quadro das grandes festas populares portuguesas, destacando os principais momentos das edições anteriores e os seus obreiros - milhares de militantes e simpatizantes comunistas que com o seu esforço a ergueram ao longo de duas décadas. Na mostra, entre numerosos materiais fotográficos e outros, estará uma «instalação» artística que representa as fases de construção da festa, desde a infra-estruturação à montagem e decoração dos pavilhões.

A zona central, que tem ainda como tema forte a campanha de adesões ao PCP, é completada por um fórum para a realização de debates sobre questões de actualidade, pela banca central que terá à venda materiais produzidos pelo PCP e pelo espaço da Imprensa do Partido.



O 5.º Congresso da JCP, realizado em Maio, será o elemento central da exposição política da juventude comunista que lança este ano na Festa uma campanha «Por uma Educação pública, gratuita e de qualidade».

Com esta iniciativa pretendem alertar os visitantes para as dificuldades que atravessa o ensino público e para a necessidade da sua defesa e melhoria.

O café-concerto contará com uma programação musical diversificada e com outras manifestações artísticas, sendo ainda o local para a realização de vários debates sobre temas de interesse juvenil.

Aqui será dado ainda destaque à realização e aos objectivos do 14.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que terá lugar em Cuba, no Verão de 1997.

Após o sucesso, no ano passado, do Comboio da Juventude para a Festa, a JCP promete repetir a iniciativa. Com partida do Porto (Campanhã), paragens em Gaia, Espinho, Aveiro, Coimbra, Entroncamento e chegada a Lisboa (Santa Apolónia), os interessados poderão muito em breve adquirir os bilhetes e todas as informações necessárias nos Centros de Trabalho do PCP e da JCP.

COMÍCIO

O grandioso comício da Festa do «Avante!», no domingo à tarde, marca a abertura da época política, na qual sobressaem desde já dois momentos de especial importância para os comunistas: o 15.º Congresso do PCP e as eleições autárquicas de 1997. Este ano vão intervir Maria Ribeiro, membro da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP; Carlos Brito, da Comissão Política e director do «Avante!»; Alvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional; e Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP.



O melhor que o País tem



O País, feito da diversidade das suas gentes e regiões, está todos os anos na Festa do «Avante!» trazido pela mão das organizações do Partido, que não se poupam a esforços para oferecerem aos visitantes tudo o que de melhor e original existe em Portugal.

A gastronomia, os produtos regionais, o artesanato concentram-se ali durante três dias, num momento único de proximidade e convívio entre costumes e tradições.

Do Minho ao Algarve, passando pelos Açores e Madeira, todas as regiões estão representadas em pavilhões decorados com motivos característicos. São locais de encontro, de passagem, de visita atenta. São lojas de artesanato, restaurantes típicos, pontos de venda de produtos de qualidade. Mas são também espaços para a denúncia dos problemas das populações e para a divulgação da intervenção e propostas dos comunistas para o desenvolvimento regional, por uma vida melhor. Vale a pena percorrer o País na Festa.

Transportes, estacionamento, acampamento

Localizada na margem sul, no concelho do Seixal, a Quinta da Atalaia, à semelhança dos anos anteriores, vai estar bem servida de transportes públicos. Em articulação com a Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias:

Entre **Cacilhas e Quinta da Princesa** - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social. Na sexta-feira, os autocarros circulam até às 02,15 horas, no domingo até às 24 horas.

Entre **Cacilhas e Medideira** - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social.

Entre o **Seixal e Medideira** - o bilhete inteiro custa 160\$00, e os pré-comprados M3, 120\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social.

Entre a **Baixa da Banheira e Medideira** - o bilhete inteiro custa 450\$00, e os pré-comprados M9, 360\$00; M4, 160\$00.

Entre a **Amadora e Medideira** está assegurado um vaivém, com partidas na Avenida Cardoso Lopes junto à CMA. Sexta-feira, entre as 17 horas e as 22 horas, com regresso à 01.00 hora. Sábado e domingo, as partidas efectuem-se entre as 8.00 horas e as 22.00 horas. O regresso é à 01.00 hora.

Nos dias da Festa funcionará ainda um vaivém especial coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal. Para os que preferem o transporte individual, existem vários parques de estacionamento no interior



da Amora, bem como serão tomadas medidas adequadas a garantir o escoamento do trânsito.

Junto ao terreno da Festa, o visitante encontra ainda um parque de campismo onde poderá montar a sua tenda.

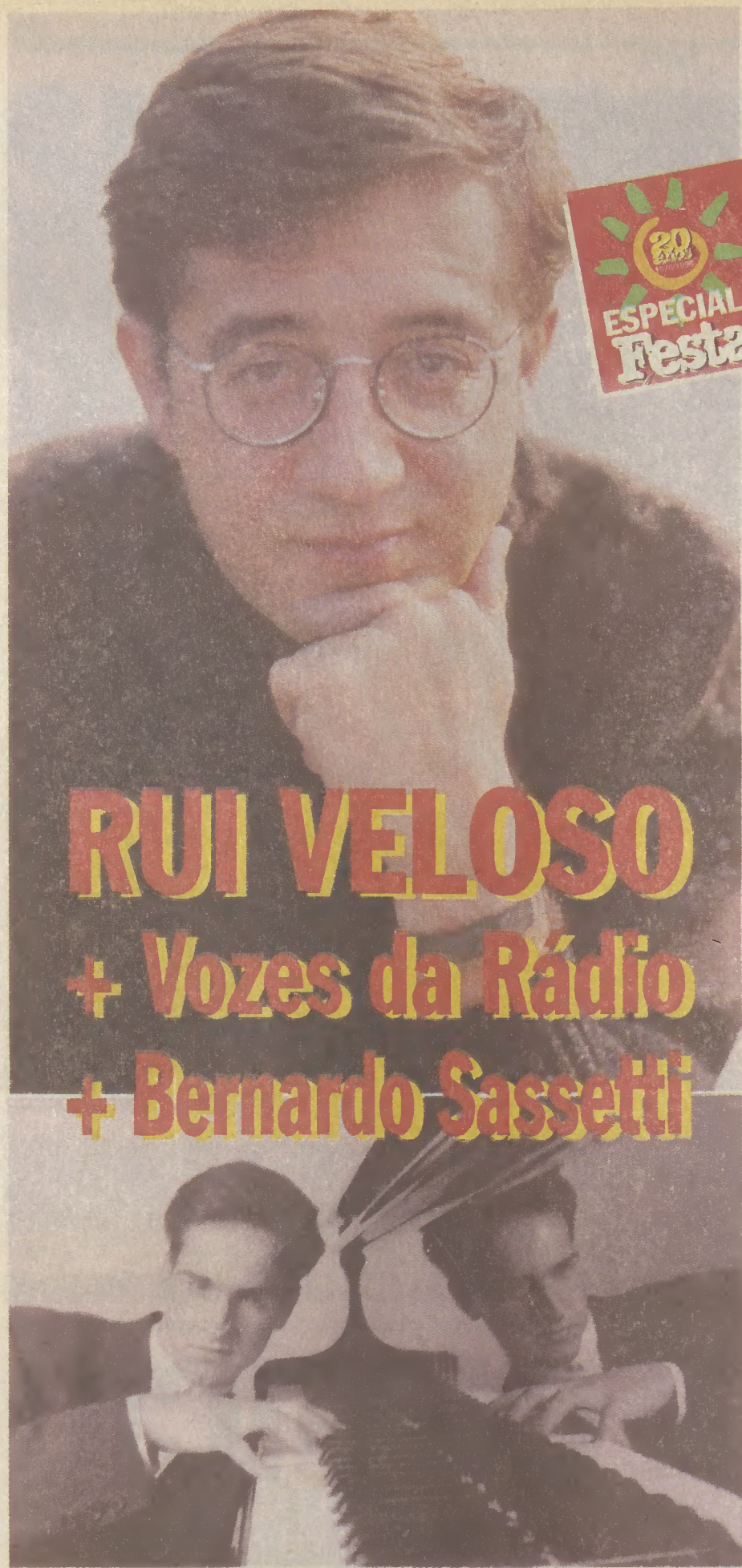


Inter nacional

Stands com materiais de informação política ou de puro artesanato, sabores de outras partes do mundo... acolá uma bebida exótica. É mais uma grande atracção da festa - a cidade internacional que junta povos e realidades diferentes, onde a palavra solidariedade volta a fazer sentido.

Este ano, neste espaço, realiza-se um importante colóquio sobre as questões do emprego e desemprego, que contará com a participação de muitos convidados estrangeiros.

A dois meses da abertura da Festa, estavam já confirmados 13 stands de organizações e partidos de todo o mundo, a saber: PAICV (Cabo Verde); FRETILIN (Timor-Leste); PC da China; PC de Cuba; PC da Coreia; Partido da Refundação Comunista (Itália); PCE e PC da Catalunha (Espanha); PC Libanês; KKE (Grécia); PC Britânico; FLN do Kurdistan; DKP (Alemanha). Estarão ainda representados, através de delegações, o Bloco Nacionalista Galego (Espanha), o PC Iraquiano e o Partido de Esquerda (Suécia).



ESPECIAL Festa

RUI VELOSO
+ Vozes da Rádio
+ Bernardo Sasseti



QUINTA DO BILL

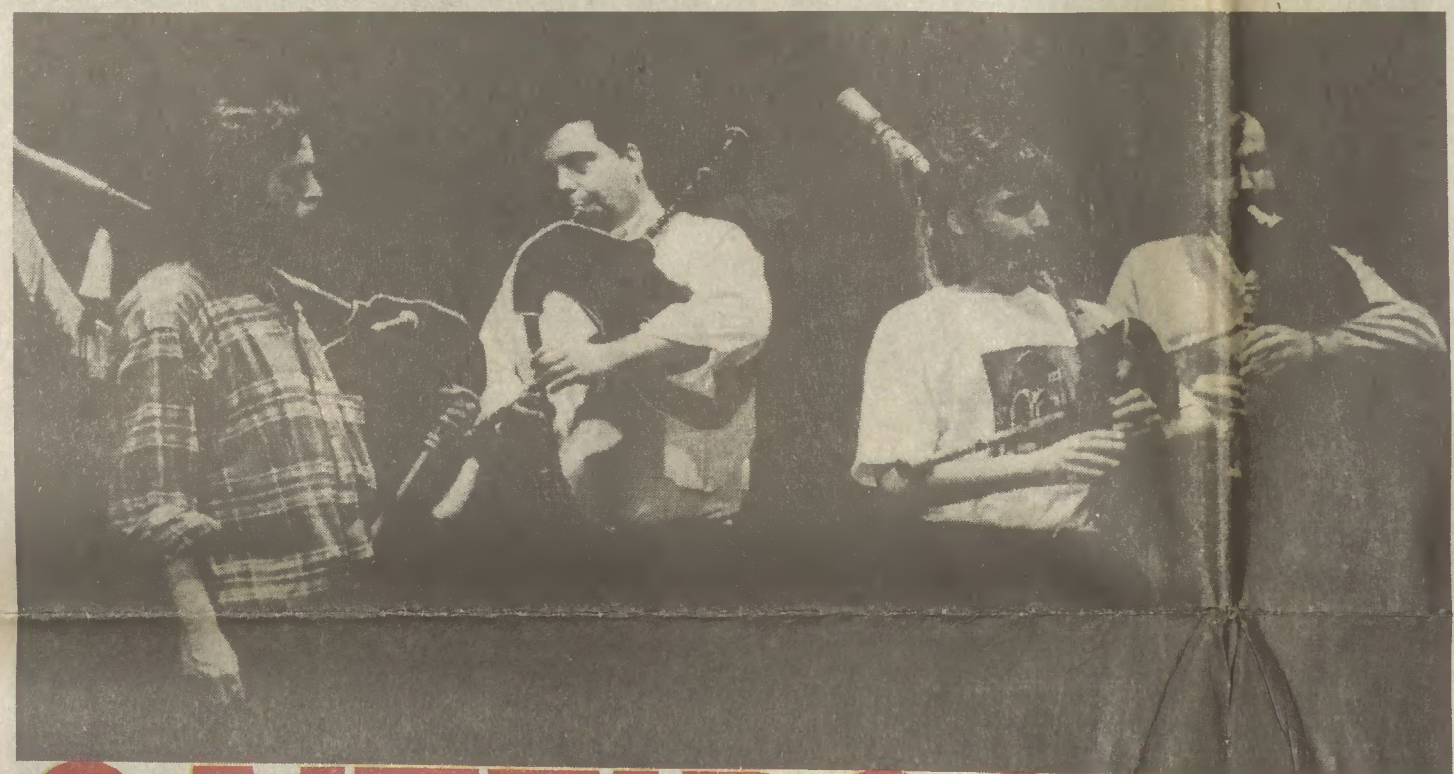


A nova banda de Kevin Burke (Irlanda EUA)

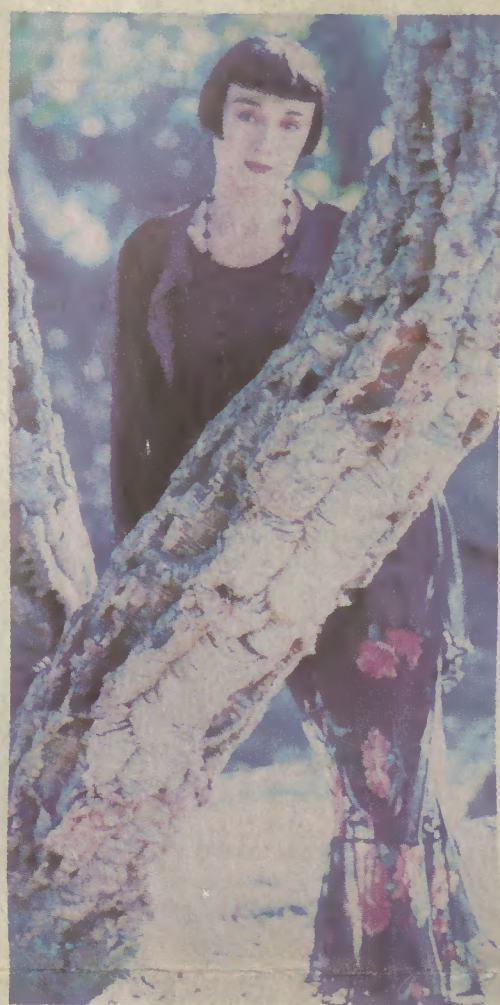
OPEN HOUSE



COOL HIPNOISE



GAITEIROS de LISBOA



Fados anarquistas e socialistas

MISIA



DANÇAS OCULTAS

MARISA SANTOS & FERNANDO PORTA

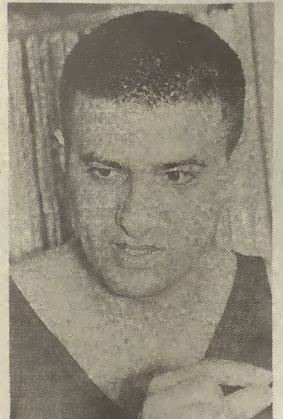
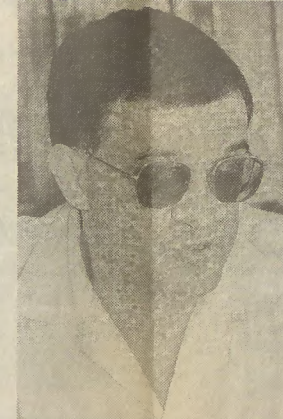


Argentina

TELECTU

Jorge Lima Barreto

Vitor Rua



GLÁ